

IGREJA E MUNDO

*Unidade da Igreja e
Renovação da
Comunidade Humana*

Tradução de Jaci Maraschin

SÃO PAULO, 1993

Copyright © 1990, WCC Publications, World Council of Churches
150 route de Ferney, 1211 Geneva 2, Switzerland.

Titulo original: *Church and World. The Unity of the Church and the
Renewal of Human Community.* A Faith and Order Study
Document. Faith and Order Paper n° 151

Copyright © da tradução, 1993, Associação de Seminários
Teológicos Evangélicos (Aste)

Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (Aste)

Rua Rego Freitas, 530, F-13
01220-010 São Paulo, SP, Brasil
Tel: (011) 256-9896

Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese)

Rua da Graça, 164
40080-410 Salvador, Bahia, Brasil
Tel: (071) 245-0149 e 235-5457

Produzido por Traço a Traço Editorial Ltda.

Tel.: (011) 257-5462

Edição de arte e projeto gráfico: Flávio Irala

Capa: Marcos Gianelli

Digitação e paginação: Ana Isabela Máraschin Irala

Revisão: Gerson Correia de Lacerda

Assessoria gráfica: João Simonato

Impressão e acabamento: Bartira Gráfica e Editora S.A.

Agradecimentos

A Associação de Seminários Teológicos Evangélicos (Aste) tomou a iniciativa de publicar este importante estudo internacional porque lhe pareceu importante não apenas para o público de nossas igrejas brasileiras, mas também para estudantes de teologia e agentes de pastoral em todo o território nacional. A publicação tornou-se possível graças à ajuda proveniente de diferentes fontes: em primeiro lugar, da própria Comissão de Fé e Ordem, que arcou com as despesas de tradução e de preparação dos originais; em seguida, da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (Cese) que se dispôs a pagar a metade dos gastos com impressão por meio de seu projeto n°- 3241; e, finalmente, dos meios oferecidos pela Missão das Igrejas Reformadas da Holanda, que cobriram a outra metade das despesas gráficas.

Sumário

Prefacio.....	9
<i>Capítulo I</i>	
Introdução: Visão e processo do estudo sobre Unidade e Renovação	11
<i>Capítulo II</i>	
Unidade e Renovação à luz do Reino	23
<i>Capítulo III.</i>	
Reino - Igreja - Humanidade.....	35
<i>Capítulo IV</i>	
Unidade e Renovação e a busca de justiça	55
<i>Capítulo V</i>	
Unidade e Renovação e a comunidade de mulheres e homens	70
<i>Capítulo VI</i>	
Discipulado e comunidade	88
<i>Capítulo VII</i>	
Unidade e Renovação: promessa escatológica.....	99

<i>Apêndice I</i>	
Textos e materiais relacionados com o Documento de Estudo.....	106
<i>Apêndice II</i>	
Consultas e reuniões do Grupo de Trabalho do Estudo sobre Unidade e Renovação	113
<i>Apêndice III</i>	
Membros do Grupo de Trabalho e Oficiais do Estudo sobre Unidade e Renovação.....	115
<i>Apêndice IV</i>	
Panorama do processo de estudo	124

Prefácio

A agenda ecumênica, desde o começo, tem dado lugar privilegiado à relação entre os esforços para manifestar a unidade da Igreja e as tarefas destinadas ao testemunho e ao serviço cristãos no mundo. Tem-se dito muitas vezes que estes dois esforços deveriam andar juntos - muito embora, com a mesma frequência, também se diga que são coisas diferentes e até mesmo opostas. A Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas (CMI) aceitou o desafio de iniciar, na reunião de Lima, Peru, em 1992, o programa de estudo *Unidade da Igreja e Renovação da Comunidade Humana*.

O documento de estudo aqui apresentado é a primeira consequência deste programa. Integra resultados de sete consultas internacionais - na África; Ásia, Caribe, Europa Oriental, Europa Ocidental, América Latina e América do Norte - centradas em aspectos específicos de Unidade e Renovação, com contribuições de grupos locais de estudo, ao lado de contínua reflexão do Grupo de Trabalho do Estudo sobre Unidade e Renovação e de seus assessores, e de revisões realizadas pelas Comissões Permanente e Plenária de Fé e Ordem. Este processo se deu entre 1984 e 1989.

A versão inicial deste texto foi produzida, depois de rascunhos preliminares, num encontro do Grupo de Trabalho do Estudo sobre Unidade e Renovação, com alguns assessores, em Leuvenberg, Suíça, em março de 1989; o resultado foi cuidadosamente revisado pela Comissão Plenária de Fé e Ordem na reunião de Budapest em agosto do mesmo ano. O texto foi posteriormente revisado, com base nas sugestões da reunião de Budapest, na consulta do Grupo de Trabalho e assessores em Mandeville, Jamaica, em janeiro de 1990. Por ocasião da reunião da Comissão Permanente de Fé e Ordem em Dunblane, Escócia, em agosto de 1990, o texto recebeu sua forma final e foi aprovado “para publicação, distribuição e estudo das igrejas”.

O texto reflete contribuições de diversas pessoas a partir de perspectivas teológicas diferentes e de vários contextos culturais. Cada qual, a partir de suas tradições, procura arduamente o que poderia ser dito em conjunto; hoje em dia, a respeito do chamado de Deus às igrejas na busca da unidade como sinal e instrumento da renovação da comunidade humana. O texto expressa, portanto, a convergência ecumênica em tais questões e se destina a ser estudado e “testado” pelas igrejas em termos de auxílio e de incentivo à sua própria autocompreensão e em relação com os esforços comuns para a obtenção da unidade e da renovação.

Sentimo-nos felizes de ter chegado a este importante primeiro resultado. O estudo sobre Unidade da Igreja e Renovação da Comunidade Humana enfrentou dificuldades teológicas e questões metodológicas. Este estudo deverá prosseguir nos próximos anos. Estamos convencidos de que este texto, e a reflexão das igrejas em torno dele, será também de grande importância para a Conferência Mundial de Fé e Ordem em 1993.

Somos gratos a todos os que contribuíram com o Programa sobre Unidade e Renovação e para a elaboração deste texto. Destacamos em especial a colaboração do dr. Paul A. Crow, moderador do Grupo de Trabalho do Estudo sobre Unidade e Renovação que, com habilidade é constante liderança, acompanhou o processo de estudo; e ao dr. Thomas A. Best, secretário executivo de Fé e Ordem; responsável pelo projeto, bem como pelos diversos aspectos do trabalho criativo e incansável de seus auxiliares.

Estamos agora submetendo este documento de estudo às igrejas para consideração. Esperamos que seja instrumento de Deus para avançarmos no caminho da unidade de acordo com seus propósitos para a humanidade toda.

John Deschner, Moderador

Günther Gassmann; Diretor

Comissão de Fé e Ordem
Genebra, outubro de 1990

CAPÍTULO I

Introdução: Visão e processo do estudo sobre Unidade e Renovação

A. SITUAÇÃO HUMANA E RESPOSTA CRISTÃ: CONTEXTO DO ESTUDO

1. O mundo atual, com suas diversas culturas,, povos, legados históricos e atuais circunstâncias, está marcado por oportunidades e perigos, esperanças e angústias. Algumas são locais e, se relacionam com regiões e questões particulares: outras tornam-se cada vez mais globais em escopo e implicações. Há profunda busca, de sentido, de justiça, de paz e, da preservação dos recursos da vida, compartilhada por milhões de pessoas . refletindo os desejos de todas as criaturas (Rm 18.215). O mundo enfrenta a dor da fome e das esperanças frustradas e o sofrimento da violação dos direitos humanos. Estamos cercados pelas vítimas do racismo e do sexismo, pelos explorados; pelos oprimidos e pelos pobres.

2. Mas há, por outro lado, dimensões mais animadoras. Nota-se aumento de gente comprometida com a paz e com os direitos humanos, com o desenvolvimento econômico sadio e com o uso benéfico da ciência e da tecnologia; muitas organizações internacionais esforçam-se positivamente para reduzir o sofrimento humano; inúmeras pessoas e grupos buscam comprometidamente sentido para a vida, reconciliação e a plenitude da criação. Os cristãos recebem com gratidão o empenho de todas as pessoas de boa vontade para superar divisões e destruições na direção da plenitude e da unidade. Mas são também conscientes da ambigüidade e parcialidade das conquistas humanas.

3. Os cristãos e as igrejas vivem no mundo, no meio dessas ansiedades e esperanças. Participam nelas e são desafiados por elas, na medida em que não são “do” mundo, observando todas essas coisas a partir da perspectiva singular e doadora de vida do Evangelho. Os cristãos vivem fundamentalmente das bênçãos da cruz e da ressurreição de Cristo; afirmam, no poder do Espírito, que a ação salvadora de Deus cria a esperança pela unidade e pela renovação, pela justiça e pela reconciliação que jamais serão destruídas.

4. O povo de Deus, que no poder do Espírito Santo confessa Jesus Cristo como Deus, Senhor e Salvador, é chamado e enviado para lutar em favor da renovação e da vida. neste mundo marcado pelo pecado, pelo sofrimento e pela morte. Ao recusar este chamado, a Igreja nega a própria natureza e vocação de ser sinal profético e se “conforma com este mundo”. A Igreja proclama que, por meio do mistério da vida, morte e ressurreição de Cristo, a vida vencerá a morte, e as divisões humanas serão superadas com o estabelecimento da reconciliação, não obstante a criação de divisões e de injustiça pelo pecado humano. A Igreja desafia todas as formas de injustiça na celebração da eucaristia (*Batismo, Eucaristia, e Ministério*, Eucaristia, parágrafo 20; cf. no presente texto o capítulo IV, parágrafo 31). A Igreja continua a proferir a palavra profética que confronta a opressão e a injustiça com a afirmação de que Satanás e seu reino serão destruídos (Relatório da Consulta do Harlem, p. 6 em *Mid-Stream*, XXVIII, 4, p. 417; cf. Mc 3.26).*

5. Os cristãos e as igrejas diferem entre si. Seguem múltiplas tradições e entendem de modos diversos a natureza, a identidade e os limites da Igreja. Nem sempre concordam no envolvimento da Igreja em questões sociais específicas. Assim, na medida em que se deixam dividir pelas diferenças e não mais

* Relatórios de consultas e outros materiais citados neste Documento de Estudo aparecem no Apêndice I. Podem ser pedidos ao Secretariado de Fé e Ordem, Conselho Mundial de Igrejas, P. O. Box 2100, 1211 Geneva 2, Switzerland. A livraria do Conselho Mundial de igrejas, no mesmo endereço, pode também prover diversos títulos. Fé e Ordem também publicou em 26 de julho de 1990 “Unity and Renewal.- A Working Bibliography”.

podem proclamar, testemunhar e servir em conjunto, as igrejas são chamadas a dialogar e a compartilhar a vida, na busca de mútua compreensão .e de perspectivas comuns para superar as divisões e alcançar e demonstrar a unidade, dom gracioso de Deus. Mas: estão sempre em, busca da unidade pela qual Jesus orou, com o desejo de fidelidade à vocação divina e de cumprimento da própria vocação. Essa unidade não .quer .ser apenas visível ao mundo, mas precisa se fundamentarem autenticidade espiritual. na comunhão da oração; do culto e da *diakonia* (serviço) para ajudar o mundo a responder com fé a Deus (cf. capítulo III, parágrafo 10).

6. Os cristãos confessam a Igreja como Deus a quer, corpo de Cristo e realidade que transcende tempo e espaço, prefigurando o Reino de Deus vindouro, ao mesmo tempo em que experimentam a realidade histórica e humana de sua vida institucional, em comunidades visíveis de fiéis cada qual em tempos e lugares, diferentes. No decurso da história, a vida da Igreja tem sido assinalada pela ação efetiva. da graça de Deus, produzindo muita coisa boa e santa. Mas a fidelidade ao Evangelho leva os cristãos a também reconhecer a existência de deformações. na vida histórica da Igreja: A Igreja submete-se ao julgamento de Deus e se vê chamada, na realidade humana e histórica., ao arrependimento e à renovação: dente-se chamada para “ser o que é”, para demonstrar na sua vida institucional e histórica a verdadeira natureza de comunidade santa, reconciliada e reconciliadora: Assim; ao responder ao mandato divino, ela deve lutar, por meio do Espírito Santo; na sua própria vida histórica, contra todas as marcas da destruição, divisão e injustiça - incluindo estrutura opressoras, abusos do poder, excessivo individualismo e discriminações baseadas em raça, sexo e casta - que dividem os cristãos entre si.-

7. Essa luta não, se dá somente por causa da Igreja. É no mundo e para o mundo que Deus chama a Igreja para ser sinal e portadora da obra do- Deus Triúno em favor da salvação e da renovação, de toda a humanidade. É assim que a Igreja participa no mistério e na missão de Deus e pode propriamente ser entendida como mistério e sinal profético.

Hoje em dia, a conversão a Deus (*metanoia*) significa compromisso de buscar maneiras de
... acabar com as divisões nas quais as igrejas continuam a viver,
... abandonar desconfianças e hostilidades nas relações mútuas,
... esquecer as memórias paralisadoras do passado,
... vencer a intolerância e reconhecer a liberdade religiosa,
numa comunidade consciente da constante necessidade de perdão e renovação, para, com todos, louvar a Deus por seu amor e dons.

Assembléia Ecumênica Européia, Basileia, 1989

B. SUPERACÃO DE POLARIZAÇÃO ECUMÊNICA: OBJETIVO DO ESTUDO

8. Este estudo da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas sobre Unidade da Igreja e Renovação da Comunidade Humana afirma e investiga a inter-relação entre duas tarefas ecumênicas básicas: a busca da unidade visível da igreja de Cristo e a procura da proclamação, do testemunho e do serviço comuns cristãos enquanto expressões da missão e do amor de Deus pelo mundo que clama por renovação.

9. O termo “unidade visível” deve ser entendido no sentido da primeira função e principal propósito do Conselho Mundial de Igrejas, segundo sua constituição: “Convocar as igrejas ao alvo da unidade visível numa só fé e numa só irmandade eucarística expressa no culto e na vida comum em Cristo, bem como avançar na direção da unidade em questões de ordem para que o mundo creia” (cf. a Constituição do CMI, III, “Funções e Propósitos”, 1; cf. também no presente texto o capítulo IV, parágrafo 31). O termo “renovação”, aplicado e descrito em diferentes contextos no presente documento, refere-se à ação salvadora e transformadora do Deus Triúno para a criação, a Igreja e a humanidade. A renovação; neste sentido, quer curar e transcender as limitações, ambigüidades e divisões destrutivas de um mundo que, em termos teológicos,

vive sob os efeitos da queda. (Esta condição de queda do mundo será freqüentemente indicada neste estudo pelo termo “falência”): Os cristãos são chamados para servir neste processo dinâmico em que Deus quer reunir todas as pessoas na vida reconciliada em Cristo por meio do Espírito Santo.

10. Estes dois temas, busca da unidade e busca da renovação, às vezes parecem separados e distintos, coisa que leva muita gente a pensar que um seja mais importante do que o outro ou mais necessário do ponto de vista ecumênico. Tal atitude, no entanto, contradiz a antiga convicção ecumênica de que a vontade de Deus, revelada em Jesus Cristo, chama as igrejas tanto à unidade visível quanto ao testemunho e serviços comuns pela renovação da comunidade humana: Este estudo, ao explicar teologicamente esta convicção ecumênica, procura responder à questão ecumênica fundamental ao indicar não apenas a indissolúvel relação entre essas duas tarefas ecumênicas, mas também a maneira como são assim indissolúveis.

11. A tentativa levou-nos inevitavelmente à reflexão ecumênica mais abrangente a respeito da Igreja (e não apenas a respeito dos temas mais específicos da unidade visível). Assim, o objetivo do estudo concentra-se em duas questões: de que maneira poderá a Igreja ser entendida para que sua natureza e missão sejam consideradas elementos integrantes e inter-relacionados de seu próprio ser (o *esse*)? De que modo o relacionamento entre a Igreja assim concebida e a humanidade “fora” da Igreja pode ser entendido numa perspectiva teológica coerente, além dos relacionamentos óbvios decorrentes do fato da Igreja viver no mundo e ser enviada ao mundo? Será que o Reino de Deus, na moldura mais ampla do plano da salvação do Deus Triúno desde a criação até a nova criação, tem condições de prover essa perspectiva?

12. Este método eclesiológico mais amplo representa nova etapa na reflexão ecumênica, mas certamente não ainda uma eclesiologia abrangedora em perspectiva ecumênica. A tarefa ainda está por ser feita. O estudo tenta incluir diversas imagens e temas eclesiológicos, e tem promovido a interação: de diferentes métodos: especialmente os que começam a partir da identidade divina singular da Igreja, incluindo sua santidade, e

os que partem do reconhecimento da sua realidade histórica com a vocação de servir ao propósito divino de cura, reconciliação e justiça entre todos os seres humanos.

13. Com a finalidade de desenvolver esta compreensão teológica (e especialmente eclesiológica) da relação entre Igreja e humanidade não apenas em termos gerais, mas com exemplos concretos; foram escolhidos dois temas específicos entre a grande variedade de questões humanas e sociais que clamam por renovação: preocupações péla justiça e; em seguida, pela, comunidade de mulheres e homens. A Comissão de Fé e Ordem, ao fazer esta escolha, não pretende elaborar uma ética social ecumênica; essa tarefa não pertence diretamente à sua competência. Mas o estudo pode, contudo, contribuir à urgente tarefa da reconsideração das linhas básicas dá; ética social ecumênica.

C. PASSOS NO CAMINHO: PROCESSO DA ELABORAÇÃO DESTES DOCUMENTOS

14. Desde o começo a Comissão de Fé e Ordem percebeu que seu trabalho em favor da manifestação visível da unidade, já dada à Igreja em, Jesus Cristo, deveria contribuir ao movimento para o testemunho e o serviço de todos os cristãos no mundo. A partir deste ponto de vista, a preocupação com a unidade da Igreja é entendida em termos de obediência de todos os cristãos aos propósitos salvadores do Deus Triúno para a humanidade toda na criação, na redenção e. na consumação.

15. O estudo sobre Unidade e Renovação continua e desenvolve trabalhos, anteriores realizados em Fé e Ordem, especialmente os estudos sobre Unidade da Igreja e Unidade da Humanidade, e Comunidade de Mulheres e Homens na Igreja (este último “alojado” em Fé e Ordem e desenvolvido em conjunto com a subunidade do CMI sobre Mulheres na Igreja e na Sociedade). Resultou de decisões tomadas na reunião da Comissão Plenária de Fé e Ordem em Lima, Peru; em 1982. Ao afirmar este estudo, a Sexta Assembléia do CMI em Vancouver, em 1983, acentuou que, de acordo com a orientação geral do trabalho de Fé e Ordem, o estudo deveria ter um foco

eclesiológico, adotando como parte central do programa “a exploração teológica da Igreja como `sinal” (*Gathered for Life*, p. 50; cf. *Nairobi to Vancouver*, p. 77 e 84).^{*} Os que planejaram o trabalho do CMI depois da Assembléia de Vancouver observaram “a importância estratégica” do projeto por ser “preocupação geral e perspectiva coordenadora do Conselho como um todo” (Relatório do Grupo Central sobre a Unidade I, Montreux, 1984, p. 1).

... a vontade de Deus, revelada em Jesus Cristo,
chama as igrejas tanto à unidade visível quanto
ao testemunho e serviço comuns para a
renovação da comunidade humana

16. A exploração da eclesiologia neste estudo leva em especial consideração a inter-relação teológica entre a unidade da Igreja e a renovação de sua vida, e a missão e vocação da Igreja enquanto instrumento de Deus para renovação da comunidade humana. Uma vez que a resposta fiel ao Evangelho envolve o “fazer” da fé por meio de atos concretos de proclamação, missão e serviço, este estudo procura discernir o significado eclesiológico da experiência de cristãos que dão testemunho em situações específicas a respeito do significado e das conseqüências do Evangelho para seu tempo e lugar.

17. Em conseqüência, o estudo sobre Unidade e Renovação desenvolveu-se tendo em vista a integração de quatro elementos. O *primeiro* consiste no exame de diversos temas, eclesiológicos e teológicos adequados para a reflexão sobre a natureza da Igreja e sua unidade em relação com a vocação para a proclamação, a missão e o serviço no mundo. Os temas são estes:

* Este foco eclesiológico foi aperfeiçoado na reunião da Comissão Permanente de Fé e Ordem em Creta, 1984, e foi revisado e desenvolvido em reuniões das Comissões Plenária e Permanente de Fé e Ordem, e do Grupo de Trabalho sobre o Estudo sobre Unidade e Renovação, como se pode ler nas diversas Minutas (Stavanger, 1985; Potsdam, 1986; Madri, 1987; Boston, 1988; Budapeste, 1989, e Dunblane, 1990).

- o Reino de Deus, com a visão bíblica da soberania criativa, redentora e sustentadora de Deus;
- a Igreja em termos de mistério, com ênfase na realidade da Igreja enquanto corpo divino de Cristo;
- a Igreja como sinal profético, com ênfase no caráter instrumental da Igreja para mediar a graça de Deus dada ao mundo que clama por cura e renovação;
- afirmação escatológica e doxológica abrangedora, capaz de situar as ações e reflexões humanas na perspectiva da realização final e certa. do propósito salvador de Deus para toda a humanidade.

18. Estes temas foram estudados a partir de perspectivas bíblica e teológica numa consulta realizada em Chantilly, França, em 1985.* O texto resultante, “Igreja como Mistério e Sinal Profético”, foi amplamente desenvolvido e incluído neste atual documento, principalmente nos capítulos II (sobre o Reino) e III (sobre a Igreja como mistério e sinal profético). O foco escatológico e doxológico foi desenvolvido no capítulo VII e serviu de conclusão ao estudo.

19. Os segundo e terceiro elementos do estudo vêm de duas áreas escolhidas para exemplificar a inter-relação entre Igreja; e humanidade na perspectiva de questões específicas de unidade e renovação. Em cada caso diversas consultas combinaram apresentações bíblicas e teológicas com reflexões sobre o sentido teológico e eclesiológico da vida e do testemunho cristãos em contextos específicos. Tais consultas preocuparam-se não com os temas em si, mas com suas implicações para a natureza, a proclamação, a missão e o serviço da Igreja hoje.

20. O *segundo* elemento consiste na reflexão sobre as implicações eclesiológicas do envolvimento da Igreja em questões de justiça. Três consultas exploraram o tema em, diferentes contextos (Cingapura, 1986; Porto Alegre, Brasil, 1987; e Harlem, Estados Unidos da América, 1988). Os resultados obtidos foram aceitos pelo Grupo de Trabalho no encontro de Boston, em 1988, e integrados no capítulo VI deste texto.

* Lista de consultas sobre Unidade e Renovação e Reuniões de Fé e Ordem aparece nos Apêndices 2 e 3.

21. O *terceiro* elemento consiste na reflexão sobre o sentido eclesiológico da busca da comunidade mais completa e mais autêntica de mulheres e homens. O tema foi discutido em duas consultas (Praga, 1985; e Porto Novo, Benin, 1988). Seus resultados e idéias foram assimilados pela consulta do Grupo de Trabalho e assessores, numa reunião em Cambridge, Reino Unido; em 1989, e foram integrados no capítulo V deste texto.

22. Idéias comuna surgiram dessas consultas sobre o segundo e o terceiro elementos do estudo sobre a vida na comunidade cristã, e sobre linguagem e poder em particular. Fazem, agora, parte do capítulo, VI deste livro.

23. Assim, VSI três elementos deram a base para o Documento de Estudo sobre Unidade e Renovação. O *quarto* elemento deste programa é o processo de reflexão em grupos locais ao redor do mundo: Pretende ajudar Fé e Ordem a ouvir idéias e relatos de experiências de congregações locais.* Cristãos de todas as partes do mundo têm respondido ao convite para estudar questões de unidade e renovação da perspectiva de sua própria experiência e de sua comunidade cristã; usando o texto *Unity and Renewal: A Study Guide for Local Groups* como estímulo e guia para esse trabalho. Diversos relatórios recebidos foram revistos em encontros do Grupo de Trabalho com assessores (especialmente em Cambridge, Reino Unido, em 1988); mas o processo não progrediu suficientemente para que seu resultado pudesse já ter influenciado o presente texto. como se esperava:

24. O processo de estudo sobre Unidade e Renovação, com suas muitas partes e combinações de métodos e procedimentos teológicos, acabou optando- por uni documento talvez não tão teologicamente substanciai mas, por outro lado, bastante ágil na apresentação, e acessível ao leitor. Às vezes se repetem sentenças do próprio teto em, tipos maiores e entre as linhas com a finalidade de chamar a atenção dos leitores para certas afirmações. Também incluímos determinadas “ilustrações” - testemunhos vivos de comunidades cristãs,

* Como sugerem as Minutas de diversas reuniões da Comissão de Fé e Ordem: Creta, 1984, (p. 39 e 40), Stavanger, 1985, (p. 211-214), Potsdam, 1986 (p. 44 e 45), Madri, 1987 (p. 84 e 85), e Boston, 1988 (p. 12 e 13, 97 e 98).

antigos e modernos - para chamara atenção dos leitores para certas afirmações, do texto, e para relacionã-lo com a experiência passada e presente de outros cristãos, colocando o texto no contexto mais amplo do movimento ecumênico. Esses materiais aparecem dentro de quadros para separá-los do texto propriamente dito. *Não fazem parte, naturalmente, do texto oficial do Documento de Estudo.*

D. CONVITE AO ESTUDO E À REFLEXÃO

25. Este estudo depende da reflexão teológica a respeito da Igreja como mistério e sinal profético e da reflexão teológica sobre o estudo contextual das implicações, para a compreensão da Igreja e sua unidade, das preocupações com justiça e com a comunidade de mulheres e homens. Tais preocupações pareceram, no passado, independentes entre si e até mesmo contraditórias. Durante o processo do estudo evidenciou-se que podiam interagir criativamente de tal maneira que o resultado da reflexão sobre ternas como mistério e sinal profético podiam ser reafirmados, com mais profunda compreensão, quando vistos em íntima relação com outros estudos- contextuais.

26. Este documento de estudo propõe elementos de convergência ecumênica sobre a compreensão da Igreja e sua relação com a comunidade humana mais ampla. Procura, pois, auxiliar as igrejas a discernir a existência de perspectivas eclesiológicas comuns e convergentes em sua compreensão da Igreja no contexto da unidade e da renovação. Convida-as a considerar separadamente e juntas, a afirmação de que a unidade visível da Igreja de Cristo e a renovação da comunidade humana fundamentam-se igualmente na vontade do Deus Triúno estando, portanto, relacionadas entre si. São também chamadas a considerar as implicações de tais, afirmações para a fé, a ordem, a vida e o testemunho da Igreja, em cada lugar bem como para as igrejas em conjunto na peregrinação para a unidade visível.

27. Estamos oferecendo, no final dos capítulos, algumas perguntas centradas nas implicações práticas do material, para convidar os leitores a dialogar com o texto - e com outros nas

igrejas locais e nas comunidades cristãs. Pretendem estimular e orientar o estudo e a discussão do texto nas igrejas, em comissões e grupos ecumênicos, em seminários teológicos e onde mais for possível. As questões propostas no final deste capítulo relacionam-se com o estudo em geral e os leitores talvez desejem retomá-las depois da leitura completa do texto.

28. Embora o documento de estudo tenha a intenção em primeiro lugar de ajudar as igrejas e outros grupos cristãos na reflexão e nas relações ecumênicas, a Comissão de Fé e Ordem está interessada em ouvir a respeito do que vai se passando. Os que desejarem compartilhar seus pensamentos podem escrever ao Secretariado de Fé e Ordem no endereço do Conselho Mundial de Igrejas, em Genebra.

29. Tais reações muito ajudariam ao contínuo processo de estudo da Comissão de Fé e Ordem. A Comissão Permanente já elaborou propostas preliminares para o futuro deste trabalho, incluindo questões específicas a respeito da inter-relação entre a Igreja e a comunidade humana em geral (por exemplo, temas de nacionalismo, de cultura e de inculturação). Assim, este estudo deverá prosseguir. A participação das igrejas neste processo em andamento será de crucial importância e será muito bem recebida.

Questões para reflexão e discussão: O Documento de Estudo

1. Você acha que a descrição da Igreja como instrumento e antecipação do Reino nos ajuda a entender a vida e a tarefa da Igreja hoje?
2. Será que a busca da unidade visível da Igreja e a luta em favor da renovação da comunidade humana estão relacionadas entre si em sua igreja local?
3. Segundo sua experiência, qual, é a diferença entre a vida na comunidade cristã e a vida na comunidade humana em geral?
4. Que conseqüências você vê deste documento de estudo para a sua própria situação?

A mulher, o bispo e a eucaristia

Certa senhora idosa e analfabeta começou a pensar a respeito da eucaristia e me veio com um argumento teológico bastante sério. Queria saber algumas coisas. Disse-me que o sacerdote de sua própria denominação só podia visitar a congregação uma vez por mês. Participava, então, algumas vezes, nos ofícios religiosos de uma outra igreja uma vez que o pastor vinha mais freqüentemente porque tinha carro. Disse-me:

Num destes domingos, sentindo-me com vontade de comungar, fui à outra igreja de manhã. O padre celebrava a eucaristia. Na hora de receber a Santa Comunhão achei que devia ir até o altar. Mas o padre que me conhecia pessoalmente e sabia que eu era de outra igreja, mandou um dos acólitos me dizer que eu não poderia comungar.

Não me senti apenas constrangida, mas principalmente rejeitada espiritualmente. O que me preocupa é que em 1984 houve nesta região muita falta de comida e esse mesmo padre trouxe arroz e feijão para o vilarejo. Eu fui à Casa da Missão e ele me deu todo o arroz e feijão de que necessitava e que foi suficiente para alimentar a mim e a minha família por duas semanas. Não consegui entender porque, agora, quando vou ao altar para a comunhão ele me recusa.

Bispo, não acredito que vocês bispos, sacerdotes e pastores possam fazer com que as coisas do altar fiquem santas. Elas se tornam santas pelo poder de Deus. Será que esse Jesus que o padre prega é o mesmo Jesus que andou por toda a parte fazendo o bem, que recebeu a mulher samaritana, Maria Madalena, o publicano Zaqueu, e era amigo de publicanos e pecadores? Não acredito que o Senhor Jesus teria me recusado.

A velha senhora concluiu dizendo: “Que venha logo o Reino de Deus e saberemos então quem está certo”.

T. S. A. Annobil de Gana (África)

CAPÍTULO II

Unidade e Renovação à luz do Reino

1. “Unidade” e “Renovação”, temas resumidamente descritos no capítulo anterior, relacionam-se intimamente: Além disso; cada qual a seu modo; aplicam-se também à “Igreja” e a “comunidade humana”. Para isso é fundamental a perspectiva do Reino. Este capítulo discute o, anuncia do Reino e a resposta que evoca com sua promessa de vida. Reconhecemos que a palavra. “Reino” nem sempre, traduz fielmente o termo grego *basileia*. Além disso devemos nos dar conta de. que a imagem de *basileia* deve ser entendida no contexto de .outras- imagens bíblicas e de outros temas principais da teologia trinitária.

A. ANUNCIO DO REINO

I. Antigo Testamento

2. O motivo do Reino, de Deus situa-se entre os temas centrais da mensagem profética. Sua compreensão vem das entranhas. do Antigo Testamento. A ênfase, no tema de Deus e do rei e juiz escatológico surgiu no período em que Israel foi influenciado. e ocupado por poderes estrangeiros.

3. Os profetas anunciaram o “Dia do Senhor”; em termos de dia .de “ira” e de “retribuição” contra a injustiça .e a imoralidade (Is 2.12-21, 61.2; Jr 46.10; Si` 1.14-18), ao interpretar a situação de Israel em decorrência da desobediência aos mandamentos de Deus nas decisões políticas e éticas (Dt 30.11-20).

4. Entretanto, ira e retribuição não são em si objetivos do julgamento de Deus. Na verdade, o julgamento de Deus apenas quer implantar de novo a justiça e a retidão, estabelecendo, o Reino de Deus diante dos olhos de Israel e do mundo. Deus instaura a nova aliança com o povo (Jr 31.31-34), capaz de afetar todas as nações do mundo (Is 11.9, 56.7). Surgirá daí a comunidade restaurada e todos experimentarão a paz, a justiça e a harmonia (Is 25.8, 32.17; Jr 23.6; Ez 34.25; Os 2.20-23).

5. O Reino de Deus será eterno e universal. O testemunho do Antigo Testamento sabe que Javé é o verdadeiro rei de Israel e louva a Deus por ser a suprema autoridade não apenas sobre o povo de Deus, mas sobre toda a criação: “Elevado sobre os povos todos é Javé, sua glória está acima dos céus” (SI 113.4). Não obstante o horizonte sombrio do povo de Deus e da história do mundo, a visão do reino escatológico se transforma em fonte de esperança. Deus já foi, de fato, “entronizado” tanto hoje como ontem, embora a completa revelação de seu governo ainda está por vir. Ele tem a palavra final. O futuro pertence a Deus.

II. O Reino de Deus na vida e ministério de Jesus de Nazaré

6. A mensagem profética da soberania libertadora de Deus é assumida plenamente no Evangelho de Jesus, que também desafiou a compreensão contemporânea do Reino. O caminho de Jesus não pode ser entendido sem a nota escatológica que lhe é fundamental. Seu ensinamento e ministério de cura pressupõem que a hora final já chegou: “O tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1.15). O testemunho do Novo Testamento em suas muitas vozes confirma unanimemente, à luz da Páscoa, que essa mensagem é verdadeira: na pessoa e no relato de Jesus de Nazaré a soberania de Deus “fez-se carne” de uma vez para sempre definitivamente. Em Jesus, o Reino de Deus estava e ainda está “entre nós” (cf. Lc 17.21). A realidade do Reino se concretiza na pessoa e obra de Jesus Cristo, crucificado e ressurreto. A mensagem de Jesus é, fundamentalmente, as boas novas da vinda do Reino, com sua reivindicação e promessa libertadoras.

a) A mensagem de Jesus

7. A mensagem de Jesus é comunicada freqüentemente por meio de parábolas. Em geral, os ouvintes de Jesus são Incentivados a comentar com ele a parábola para enfrentar o desafio de aceitar ou não, livremente, a soberania real de Deus. A maioria das parábolas trata do mistério do Reino e desperta a atenção dos ouvintes com inúmeros elementos de surpresa.

8. O Sermão da Montanha contém muitos elementos pertencentes à essência do Reino. Abre-se a diversas interpretações. Tem sido chamado de carta constitucional do Reino. Nas Bem-Aventuras, Jesus promete a felicidade do Reino aos conscientes de suas necessidades: pobres, famintos, tristes, odiados (Lc 6.20-23); também aos pobres de espírito, aos aflitos, aos humildes, aos que têm fome e sede de justiça, aos misericordiosos, aos puros de coração, aos pacificadores, e aos que são perseguidos por causa da justiça (Mt 5.3-12).

b) Obras poderosas de Jesus

9. As obras de Jesus, ao lado de suas palavras, fazem com que o Reino de Deus seja uma realidade presente., É o que se vê, por exemplo, nos milagres de cura: eram entendidos como sinais do Reino de Deus, não só pelos estranhos, mas também pelo próprio Jesus: “Mas se é pelo Espírito de Deus que eu expulso os demônios, então o Reino de Deus . já chegou a vós” (Mt 12.28) . Além disso, e mais . profundamente, a soberania de Deus se realiza não apenas na ação de Jesus, mas também em seu destino pascal, na cruz e na ressurreição. O testemunho evidente do Novo Testamento mostra que no caminho de Jesus de Nazaré, da manjedoura à cruz e ao túmulo vazio, o Reino de Deus já está entre nós. Jesus não apenas ensina, mas concretiza e exemplifica o que diz.

B. RESPOSTA AO REINO

10. A experiência imediata dos cristãos primitivos de reinos e reinados limitava-se ao governo opressor dos Herodianos e de seus chefes romanos. Mas, impelidos pela ousadia de sua visão e fé proclamaram o Reino cujo Senhor era o servo sofredor que havia derramado a vida “por muitos para a remissão dos pecados” na antecipação do que haveria de vir (Mt 26.28 é 29). O rei-pastor desse rebanho era o Cordeiro “como que imolado”, cuja morte sacrificial fazia de seus seguidores “um Reino” (Ap 5.6-10). O messias que inaugura e concretiza o Reino .de Deus é Cristo Jesus no poder do Espírito, que “se esvaziou” de sua glória divina “e tomou a forma de servo” (Fp 2.7) . Nesse Reino não há dominação e a autoridade expressa-se em serviço: em contraste com os reinos deste mundo, onde “aqueles que vemos

governar as nações as dominam e os seus grandes as tiranizam”, no Reino de Deus “aquele que quiser ser o primeiro dentre vós, seja o servo de todos” (Mc 10.42-44).

11. Quais são as conseqüências da vinda do Reino de Deus para a organização das vidas humanas? A declaração central da mensagem de Jesus indica a resposta: “O Reino de Deus está próximo. Arrependei-vos e crede no Evangelho” (Mc 1.15). O indicativo da primeira sentença combina com o imperativo da segunda. Os conceitos decisivos são “arrependimento” - ou conversão do coração e da vida (*metanoia*) - e “fé”.

I. Chamada à conversão

12. É bastante iluminador saber que a primeira palavra da resposta “adequada” à vinda do Reino de Deus seja “arrependimento”. Trata-se do óbvio. Na história da interpretação do Reino de Deus; ela foi facilmente entendida como extensão dos ideais humanos, e até mesmo o clímax supremo da aspiração humana. O ponto de vista do Novo Testamento é totalmente diferente. O Reino de Deus julga soberanamente todas as ações e planos humanos, chamando a todos para a conversão à nova vida em união com Deus.

13. Cada pessoa e cada comunidade ao ouvir a palavra proclamada e ao receber os sacramentos é julgada pela revelação do Reino de Deus. As pessoas e as comunidades nunca conseguem fazer tudo o que deveriam fazer; assim; precisam de constante arrependimento. As “boas novas” significam que a cruz é o lugar onde todos podem depositar suas falhas e receber perdão.

II. Chamada à fé e à renovação

14. A mensagem do Reino de Deus não é apenas um chamado à conversão: é também um chamado fé: “... e crede no Evangelho”. O Evangelho do Reino conhece muito bem a realidade do julgamento e não faz segredo da seriedade da condição humana. Mas nem por isso oscila entre “sim” e “não” ou luz e trevas. Na qualidade de Evangelho das boas novas sempre nos dá esperança. Trata-se da palavra da promessa e da realidade do dom divino, com seu convite à fé e à vida à luz da promessa.

15. As “boas novas” do Reino significam não apenas perdão, mas também renovação. O Cristo que perdoa renova os cristãos e as comunidades cristãs. O poder do Espírito Santo alcança pessoas e comunidades dentro da Igreja para a renovação de suas vidas, de seu ministério e missão.

15. O Espírito fortalecedor e renovador é o mesmo Espírito que esteve com Jesus nos dramáticos eventos descritos em Lucas 4.14-21, quando ouvimos dele:

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu para evangelizar os pobres, enviou-me para proclamar a remissão aos presos e aos cegos a recuperação da vista, para restituir a liberdade aos oprimidos e para proclamar um ano de graça .do, Senhor” (Lc 4.18).

Nesta citação do profeta Isaías (61.1 e 2) ressoa a afirmação básica da esperança de Israel, da promessa libertadora de Deus e da reconciliação futura. Jesus prega seu sermão sobre esse texto, resumido por Lucas numa só frase: “Hoje realizou-se esta. Escritura que acabastes de ouvir” (Lc 4.21). O que Isaías prometera como futuro messiânico e definitivo de Deus, cumpria-se agora. As promessas anunciadas à humanidade desafiam as situações concretas e interferem nelas. Assim, o discipulado no Reino de Deus consiste em esforços pacientes e persistentes para trazer as circunstâncias humanas em face das promessas divinas, ao mesmo tempo em que também se procura relacionar as promessas de Deus com as circunstâncias humanas. Tal discipulado, em continuidade com a fé e a missão dos apóstolos, capacita os cristãos e suas comunidades para o culto, para o testemunho e para o serviço. Desta forma, a renovação começa com os membros da Igreja, embora não se dirija apenas a eles. A renovação da Igreja sempre se dá por causa da comunidade humana, perante a qual ela é sinal e antegozo do Reino de Deus que vem a nós tanto como julgamento como promessa.

A renovação da Igreja sempre se dá por causa da comunidade humana, perante a qual ela é sinal e antegozo do Reino de Deus que vem a nós tanto como julgamento como promessa

C. PROMESSA DE VIDA NO REINO

17. Jesus prega o Reino de Deus e o compara ao fermento que age até que toda a massa -- Igreja, humanidade, criação fique fermentada (cf. Mt 13.33). Esta mensagem universal vem do Senhor “que vos chama. ao seu Reino e à sua glória” (1 Ts 2.12). O Reino, com seu julgamento, graça, desafio e promessa, relaciona-se, pois, com a humanidade toda e com cada indivíduo.

18. Por meio da mensagem do Reino o Espírito Santo mostra ao mundo a realidade do pecado, da justiça e do *juízo* (cf. Jo 16.8-11). A humanidade pecadora está sendo julgada por Deus que é justo, santo e todo-poderoso. Jesus, portanto, chama as pessoas ao arrependimento para que abandonem a vida pecaminosa e egoísta. na direção de uma vida comunitária segundo a vontade de Deus.

19. Ao mesmo tempo a vinda do Reino é um evento cheio de *graça* oferecido a todos os seres humanos. Não pode ser fruto de merecimento. Não decorre nem é cumprimento de realizações humanas. Antes; é dom da graça além de todo o entendimento destinado a comunicar a salvação eterna aos seres humanos. Esse dom gracioso aguarda apenas a . nossa resposta de fé.

20. A mensagem do Reino *desafia* a humanidade toda. Ao oferecer singular oportunidade de nova vida e esperança, esta mensagem confronta cada indivíduo e comunidade com a escolha de rejeita-la ou de aceitá-la radicalmente. Tal decisão vai às raízes da existência e envolve todas as áreas da vida.

21. O Reino de Deus na sua plenitude será “um novo céu e uma nova terra” (Ap 21.1). Esta *promessa* inclui o dom da novidade radical e da comunidade toda abrangedora: “Eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 2 1. 5): A vida sob esta promessa será já, desde aqui é agora; cheia de esperança.- A mensagem do Reino é, de maneira especial, esperança e promessa aos pobres e aos sem poder, e aos que não têm meios materiais suficientes, sendo urna voz na: sociedade (Lc 4.18 e 19; cf. Is 61.1-3). A Igreja recebeu, portanto; especial responsabilidade tanto na missão aos pobres como ao ser

chamada a ouvir a sua voz para, ajuda-los a, discernir a atividade libertadora de Deus. Ela deve mostrar os sinais do Reino: A história e o destino de toda a humanidade passou por mudança radical desde que o Reino se fez presente na pessoa de Cristo. Na *parousia* de Jesus Cristo haverá novamente transformação radical e ampla ao lado da consumação final.

22. O advento do Reino de Deus é seu dom generoso que ultrapassa os limites estreitos estabelecidos pela humanidade para contê-lo. O Reino de Deus virá aos justos e aos injustos, aos que conhecem Deus e aos que não o conhecem. Mas que incluirá. essa vida no Reino? São Paulo nos dá a sua interpretação quando escreve: “O Reino de Deus não consiste em comida e bebida, mas é justiça, paz e alegria no Espírito” (Rm 14.17).

I. Justiça

23. O tema da justiça é muito rico e percorre as Escrituras todas. A noção de justiça no Antigo Testamento inclui a idéia de relacionamento justo com Deus e com os seres humanos. No contexto desta relação de aliança Deus se revela como libertador dos oprimidos e defensor dos pobres, exigindo que os seres humanos pratiquem a justiça em suas relações mútuas. Jesus Cristo interpretou a lei divina da justiça em termos de participação no amor de Deus pelo mundo. Jesus, por meio de seu ministério e ensino, reuniu indissolivelmente a relação dos seres humanos com Deus e entre eles. “Em verdade vos digo: cada vez que o fizestes a um destes meus irmãos mais pequeninos a mim o fizestes” (Mt 25.40). Cristo proclamou a intervenção da justiça de Deus em favor dos necessitados e dos oprimidos, deu sua vida pela salvação e pela libertação dos seres humanos. O Reino de Deus é um Reino de justiça, no qual os oprimidos são libertados e os seres humanos passam a viver em amorosa relação com Deus e, com os outros:

24. Os seres humanos caem na rede dos resultados de atos pecaminosos do passado capazes de prejudicar o presente, quebrando relacionamentos, destruindo sonhos e causando culpa pessoal. Mas não somos prisioneiros apenas do passado: Também participamos de situações de falência no presente. E o futuro, por sua vez, também exige muita coisa de nós: nosso presente enfrenta o limite do medo da morte.

25. Contudo, as promessas divinas vão ao encontro das necessidades humanas em todas as suas formas. As “boas novas” que libertam do cativo do passado e do presente representam perdão do pecado e dádiva da graça, por meio dos quais os seres humanos emendam suas vidas, e começam (ou continuam) a crescer em santidade: Esta santidade revela-se na pessoa de Jesus Cristo.

26. A promessa de libertação inclui a busca da justiça. Lê-se no relatório da Consulta de .Porto Alegre:

A Igreja, povo novo de Deus, é comunidade de fiéis determinada pela presença do Reino de Deus em Jesus Cristo, e pelo mandamento duplo de amar a Deus acima de tudo, e o próximo como a nós mesmos. A

Os que exercem poder - económico, político, militar, social, científico, cultural, legal e religioso - devem ser despenseiros da justiça e da paz de Deus. Em Cristo, o poder de Deus é demonstrado no sofrimento redentor, na forma de amor compassivo identificado com a humanidade sofredora e falida. As pessoas tiram daí forças para proclamar a mensagem da libertação, do amor e da esperança com a concessão de nova vida para resistir perante as injustiças e lutar contra os poderes da morte.

Convocação Mundial sobre Justiça,
Paz e Integridade da Criação, Seul, 1989

comunidade de fiéis é especialmente desafiada em face das múltiplas injustiças do mundo.

Relatório da Consulta, parágrafo 44;
Mid-Stream, XXVIII, 1, p. 113 e 114.

Esta dimensão será discutida mais adiante no capítulo IV.

II. Paz

27. As Escrituras nos dão amplo testemunho acerca da “paz”. Pode-se encontrá-la desde a tradição profética do Antigo Testamento até o Novo, tanto nos evangelhos como nas epístolas. A palavra “*Shalom*” conota plenitude. Não se trata de mera ausência de conflito, mas do estado de bem-estar e harmonia onde todos os relacionamentos seguem corretamente a orientação divina; entre Deus, humanidade e criação. A paz é prometida em relação com a vinda do Reino de Deus. O julgamento de Deus é a base da paz e seu árbitro final (Is 2.3 e 4). Todas as demais formas de paz, embora desejáveis, são provisórias e frágeis.

28. A Igreja torna-se sinal do Reino de Deus quando os relacionamentos na comunidade cristã caracterizam-se pelo reconhecimento dos valores pessoais e da dignidade de cada ser humano. A Consulta de Praga descreveu esse tipo de comunidade da seguinte maneira: “nela a ferida e a cura acontecem no âmbito do amor de Deus e, sendo assim, a cura prevalece” (*Beyond Unity-in-Tension*, p. 155). O ensino do Novo Testamento, vai mais adiante quando pede aos cristãos: “Carregai o peso uns dos outros e assim cumprireis a lei de Cristo” (Gl 6.2), ou quando os exorta: “não cuidando cada um só do que é seu, mas também do que é dos outros” (Fp 2.4). As promessas do Reino de Deus caracterizam-se por relações de dependência mútua, como em qualquer família. O Reino de Deus, porém, não se limita à intimidade da família e do lar; abrange todas as nações da terra e os céus ilimitados. Assim, as qualidades íntimas das relações humanas no âmbito da família aplicam-se às relações dentro das comunidades, entre as nações e na totalidade da ordem criada.

29. Mas este mundo não se conforma com esta visão da paz, em seu pecado e falência. A falha já aparece na narrativa do Jardim do Éden quando Deus se dirige à serpente, à mulher e ao homem (Gn 3.14-19). Acaba-se a harmonia anteriormente existente entre a mulher e o homem, a humanidade e a criação, e entre a atividade humana e os processos da natureza. Não há “paz”: portanto, oramos “perdoa as nossas dívidas” e “venha o teu Reino” (Mt 6.12, 10).

“*Shalom*” não é mera ausência de conflito, mas estado de bem-estar e harmonia onde todos os relacionamentos seguem corretamente a orientação divina entre Deus, humanidade e criação

30. O julgamento de Deus no Jardim do Éden demonstra a ruptura das relações entre a humanidade e a ordem criada. Os efeitos desse fato aparecem hoje com bastante clareza. Podemos discernir nas Escrituras a bondade e a integridade da criação, tanto na narrativa das origens do mundo - “Deus viu tudo o que tinha feito: e era muito bom” (Gn 1.31) - e na aspiração da criação pelo aparecimento final do Reino de Deus (cf. Rm 8.19). A criação foi confiada às mãos humanas. Precisamos cuidar dela com atenção para salvaguardar os seus recursos e até mesmo a sua própria sobrevivência:

31. Nesta época de rápidas comunicações globais, quando os noticiários a respeito de conflitos nos quatro cantos do planeta chegam a todos os lares, gostaríamos que as desavenças nacionais e internacionais pudessem ser superadas pelas promessas de Deus. Um dos grandes desejos de nossa era é a concretização da esperança por “paz e justiça”.

32. Os cristãos têm sua própria responsabilidade para a realização dessa paz. Na afirmação batismal, de Gálatas 3.27-28 temos a promessa de uma comunidade sem barreiras de raça, classe ou sexo. A Carta aos Efésios fala de Cristo da seguinte maneira:

Ele é a nossa paz: de ambos os povos fez um só, tendo derrubado o muro de separação... a fim de criar em si mesmo um só homem novo, estabelecendo a paz, e de reconciliar a ambos com Deus em um só corpo por meio da cruz (Ef 2.14-16).

A Igreja, realizando parcialmente esta promessa, é sinal de que a esperança escatológica da “destruição das barreiras” capacitará a comunidade humana a viver em paz.

III. Alegria no Espírito Santo

33. “Bem-aventurados os pobres em espírito porque deles é o Reino dos céus” (Mt 5.3). O desenrolar da revelação das promessas de Deus a respeito do Reino, nas Escrituras, situam-nas nos domínios da alegria. Isaías profere palavras de conforto quando proclama a futura atividade de Deus em favor do povo escolhido: “Sobe a um alto monte, mensageira de alegres novas a Sião... dize às cidades de Judá: Eis aqui o vosso Deus” (Is 40.9 e 10). No Novo Testamento, o nascimento de Jesus é anunciado por anjos como “novas de grande alegria” (Lc 2. 10) e os quatro textos, que narram sua vida, ministério, morte e ressurreição são chamados de evangelhos: “boas novas”. Jesus tinha a missão de proclamar coisas boas aos pobres (Lc 4.18). Alegrou-se porque o mistério de Deus era revelado aos “pequeninos” (Lc 10.21). Ensinava, também, que o arrependimento de um só pecador causa grande alegria no céu (Lc 15.7 e 10). As palavras e os atos de Jesus mostram que o caminho da alegria passa pelo sofrimento e pela cruz. Encontramos estas palavras no Evangelho de João: “Também vós, agora, estais tristes, mas eu vos verei de novo e o vosso coração se alegrará” (Jo 16.22).

34. Um dos poderosos símbolos escolhidos por Jesus para transmitir a mensagem do Reino era a confraternização ao redor da mesa com a presença principalmente de pecadores e marginalizados. Esta atividade estava de acordo com as parábolas onde Jesus ensinava que o Reino dos céus assemelhava-se a um alegre banquete nupcial (Mt 22.1-14). A comunhão dos seres humanos com Deus e de uns com os outros, que Jesus viera estabelecer, recebeu a mais alta expressão na Ceia do Senhor. A eucaristia é uma festa de alegria, um testemunho, da chegada do Reino em Jesus Cristo, e, o antegozo da plena soberania de Deus ainda por se completar.,

35. A Igreja, corpo de Cristo, participa na missão de Jesus ao longo da história. “Enquanto os abençoava, distanciou-se deles e era elevado ao céu. Eles se prostraram diante dele, e depois voltaram a Jerusalém com grande alegria, e estavam continuamente no Templo louvando a Deus” (Lc 24.51-53). A Igreja é uma comunidade de alegria sempre proclamando as boas novas da salvação de Cristo. Continua a viver. o mistério pascal do Senhor de morrer e ressuscitar. Do sofrimento de sua cela na prisão Paulo escrevia à comunidade de Filipos: “Alegrai-vos sempre no Senhor! Repito: alegrai-vos!” (Fp 4.4). A Igreja deve continuar sendo sinal ao mundo de que o Senhor “todo-poderoso fez grandes coisas por mim” (Lc 1.49) e que “socorreu Israel, seu servo” (Lc 1.54).

Questões para reflexão e discussão

1. À luz do testemunho bíblico de que maneira você entende a sua vocação cristã hoje?
2. Sua comunidade cristã está preocupada com a unidade da Igreja? De que maneira expressa esse interesse?
3. Segundo sua experiência, de que maneira a superação das divisões nas igrejas e entre elas afetaria o resto da comunidade humana?

CAPÍTULO III

Reino - Igreja - Humanidade

1. Na criação divina os seres humanos foram feitos à imagem de Deus. No Reino de Deus tanto a Igreja quanto a humanidade toda têm seus objetivos. A inter-relação de Igreja e humanidade, na luta em favor da renovação e da unidade, será melhor compreendida, portanto, na dimensão de sua origem comum e de seus mesmos objetivos. Este pensamento nos remete ao contexto mais amplo da história da ação salvadora de Deus, na qual a Igreja participa em termos de mistério e sinal profético, enquanto se faz comunidade no mundo e para o mundo. Este capítulo examina estas dimensões da realidade e da vida da Igreja.

A. PRESSUPOSTOS ECLESIOLOGICOS

2. A Bíblia descreve a Igreja por meio de várias imagens que denotam sua relação com Deus e o modo como essa relação se presentifica e se manifesta na sua vida de adoração, testemunho e serviço. A humanidade e a criação inteira unem-se com Deus em Jesus Cristo na Igreja; e nesta perspectiva a Igreja pode ser entendida como realidade divina-humana ao mesmo tempo que inclui suas expressões empíricas e históricas e as transcende.

3. A Igreja foi fundada, em continuidade com o povo de Deus da Antiga Aliança e com a pregação do Evangelho de Jesus Cristo sobre a vinda do Reino de Deus, sobre a nova aliança estabelecida com a humanidade no sangue de Cristo (1 Co 11.25).

O centro da vida da Igreja é o Cristo ressurreto e soberano, seu Senhor e chefe, fonte de sua vida e da missão. Faz-se presente nela que é seu corpo e age por meio do poder do Espírito Santo.

4. A Igreja é conduzida pelo Espírito a novo relacionamento com Deus; assim, participa na vida de Deus (At 2.1-2 1) na qualidade de comunhão vital, corpo místico de Cristo. A vida da Igreja deveria ser considerada um contínuo Pentecostes com a

invocação do Espírito Santo (*epiclesis*), uma vez que é pela operação do Espírito Santo que os fiéis são sustentados e capacitados para a vida e o testemunho no mundo.

Todos os batizados são incorporados no único corpo chamado a dar testemunho deste único salvador. Os cristãos são chamados à unidade que já têm em Cristo pela unidade na fé apostólica e na vida sacramental... Tal unidade não exige uniformidade, mas laços orgânicos de unidade entre todas as igrejas locais com a riqueza de suas diversidades.

A Confissão da Fé Apostólica

5. Os fiéis, membros do corpo de Cristo, participam na vida trinitária de comunhão e amor. Este fato faz da Igreja *koinonia* (comunidade) fundamentada e sustentada na comunhão do Pai, Filho e Espírito Santo. É, pois, mistério e sinal indicador da obra do Deus Triúno, a quem serve, em favor da salvação e da renovação da humanidade inteira.

B. REINO E IGREJA

6. Ao pregar as boas novas, isto é, a vinda do Reino de Deus, e pela presença ativa do Reino em sua vida, paixão e ressurreição, Jesus Cristo, por meio do Espírito Santo, lançou os fundamentos de sua Igreja. Os que recebem esta mensagem e se deixam levar pela orientação do Espírito Santo afirmando-a na fé e sendo batizados, pertencem à Igreja de Cristo. Os membros da Igreja não se separarão do restante da humanidade, mas se relacionarão com ela mais profundamente e com decidido compromisso. Quando Deus, chama de dentro da raça humana a Igreja (*ekklesia*) é porque deseja vê-la como sinal de reconciliação dos seres humanos com Deus e consigo mesmos. Não apenas se volta para fora dela, mas já é o começo efetivo da nova humanidade. Reúne todos os que reconhecem a verdade do Reino soberano de Deus, que implica a necessidade de constante conversão e renovação no poder do Espírito Santo.

7. A Igreja é chamada a se orientar em todos os aspectos para a vinda final do Reino do qual é antecipação, especialmente

na Ceia do Senhor, que é comunhão da refeição escatológica de Cristo com seu povo. A Igreja antecipa bênçãos ainda maiores que Deus tem ocultas e que sobrepõem a presente experiência humana. É por isso que a Igreja espera e ora com tanto fervor: “Venha o teu Reino” (Mt 6.10; Lc 11.2), “Maranatha”, “Vem, Senhor!” (1 Co 16.22), “O Espírito e a esposa dizem: Vem!” (Ap 22.17).

8. A Igreja é a parte da humanidade que aceitou, afirmou e reconheceu mais plenamente a verdade libertadora do Reino para todas as pessoas. É a comunidade dos que experimentam a presença do Reino e ativamente esperam a sua final consumação. Ela é, portanto, chamada a viver como força especial no contexto da humanidade por meio da qual a vontade de Deus para a renovação, justiça, comunidade e salvação de todos é atestada. Dotada dos dons do Espírito Santo e constantemente fortalecida pela Palavra e pelos sacramentos de Cristo, é enviada por Deus para dar testemunho a respeito do Reino e de proclamá-lo ao mundo falido por meio de palavra e atos, vida e sofrimento, e mesmo sofrimento até a morte. Nesta missão a Igreja é a nova comunidade dos que desejam servir ao Reino para a glória de Deus e para o bem da humanidade. Na medida em que estas coisas acontecem a Igreja torna-se sinal efetivo e instrumento da missão de Deus nesta época (*aion*).

9. Em todas estas coisas a Igreja participa nos paradoxos e na dinâmica do Reino dentro da história. É uma espécie de rede que recolhe peixes bons e maus ou de um campo de trigo e joio. Essa comunidade de pecadores justificados é começo e não fim. Vive ameaçada de dentro e de fora, mas é sempre preservada pela graça de Deus numa interminável festa renovadora de Pentecostes.

C. IGREJA E HUMANIDADE

10. É no mundo e para o mundo que Deus chama a Igreja para ser povo de Deus, serva, templo vivo do Espírito Santo, noiva e corpo do Filho de Deus, Jesus Cristo, para ser sinal e portadora da obra do Deus Triúno para a salvação e a renovação da humanidade. Para a realização desta vocação Deus deseja que as igrejas andem na direção da unidade pela qual Jesus orou, unidade essa visível ao mundo, espiritualmente

autêntica, em forma de comunhão de culto, de testemunho e de serviço, capaz de ajudar o mundo a responder a Deus em fé (cf. Mt. 5.16, “Brilhe do mesmo modo a vossa luz diante dos homens...”, cf. no presente texto o capítulo I, parágrafo 5).

11. Este chamado de Deus vem à Igreja num mundo marcado pela falência das relações entre criador e criatura em consequência do pecado humano, atingindo toda a criação, incluindo humanidade e história. A fragmentação histórica e as tensões e conflitos no cristianismo também fazem parte da falência do mundo e até mesmo contribuem para tanto. Assim, a Igreja na sua vida e missão experimenta, como o Senhor, as consequências da queda cósmica. Essa situação envolve sofrimento e luta. A esperança da Igreja reside no fato de Deus nunca ter abandonado o mundo, nem seus propósitos salvadores.

... apesar do escândalo de nossas divisões podemos emendar nossos caminhos e dar testemunho perante o mundo de que o Reino de paz e justiça já está entre nós... Qualquer Igreja que só fale de economia e ecologia logo se tornará insignificante porque os especialistas nesses campos logo estarão na frente. Nossa responsabilidade bem mais séria é avaliar no dia-a-dia a qualidade evangélica de nossa existência.

Cardeal Roger Etchegaray,
“Paz com Justiça”

12. Ao reagir contra a falência na busca de plenitude, muita gente e até mesmo nações esforçam-se pela unidade na base das aspirações e da humanidade comum que Deus lhes deu. O que deve distinguir a reação das igrejas contra os fracassos do mundo, na busca de, unidade visível, é o perdão de Deus concedido em Cristo e a unidade também já dada por ele. Essa unidade já é experimentada na comunhão compartilhada entre os cristãos. Ela é base da renovação e da reconciliação entre eles, capacitando-os para o testemunho e o serviço em conjunto.

13. É possível na perspectiva do Reino de Deus falar sobre a relação da Igreja com o mundo sem deformações unilaterais. Tal perspectiva implica, em *primeiro* lugar, que as relações entre Igreja e mundo dependam em última análise do ato final de Deus no qual a promessa da redenção se realiza plenamente. Desse modo evita-se qualquer junção prematura e confusa entre Igreja e mundo. Há, em outras palavras, preocupação legítima pela inalienável identidade da Igreja em relação com o mundo. Essa identidade aparece na relação intrínseca da Igreja com Deus Pai, Filho e Espírito Santo, na mesma medida em que o relacionamento com o mundo não deixa de ser reconhecido e praticado com esperança.

14. A perspectiva do Reino supõe, em *segundo* lugar, que a igreja possa ser verdadeiramente reconhecida como parte do mundo, feita de sua mesma “matéria”, muito embora não seja “do” mundo (cf. Jo 15.19). O que na Igreja é reconciliado e renovado é, de fato, o “mundo” separado de Deus. É por isso que o processo da renovação refluí constantemente para o mundo e volta, em seguida, na direção da redenção final.

15. Mas há também no mundo inúmeras forças de renovação bastante atuantes que podem ser vistas, pelos olhos da fé, como expressões do cuidado constante de Deus pela criação. Quando a Igreja as reconhece percebe logo sua responsabilidade específica e sua missão própria; quando fiel a si mesma e guiada pelo Senhor, “a Igreja não se intimida de ir às margens da sociedade, sem temor de ser confundida ou prejudicada pela agenda do mundo, mas confiante e capaz de reconhecer a presença de Deus em ação nesses lugares” (*Gathered for Life*, p. 50). Na medida em que a Igreja dá testemunho da consumação final, que é também o futuro do mundo, carrega os problemas do mundo consigo mesma em solidariedade e esperança.

D. A IGREJA ENQUANTO MISTÉRIO

16. O Novo Testamento contém muitas imagens, diferentes da Igreja e é vasta a história da reflexão a seu respeito. O estudo sobre Unidade e Renovação, no esforço de descrever o lugar da Igreja nos propósitos e atividades de Deus para a renovação e salvação da humanidade, percebeu que os conceitos de *mistério* e

de *sinal* poderiam ser de grande auxílio. Eles têm sido empregados por diferentes tradições cristãs para expressar verdades fundamentais acerca da Igreja. O termo “mistério” indica a compreensão básica dos cristãos, em geral, de que não somos capazes de falar adequadamente a respeito da Igreja. A Bíblia emprega esse termo para comunicar a idéia de que existe uma realidade que transcende a compreensão humana e, mais que isso, a possibilidade humana de expressão. Essa realidade só se torna evidente na medida em que Deus toma a iniciativa e quer mostrá-la.

17. No Novo Testamento a palavra “mistério” designa a intenção original de Deus de realizar a salvação da humanidade por intermédio de Jesus Cristo: “Dando-nos a conhecer o mistério da sua vontade conforme decisão prévia, que lhe aprouve tomar para levar o tempo à sua plenitude: a de em Cristo recapitular todas as coisas, as que estão nos céus e as que estão na terra” (Ef 1.9 e 10; cf. Cl 1.15-20). A Igreja pertence, na sua essência, ao evento salvador. Assim, quando a palavra “mistério” é aplicada à Igreja refere-se à Igreja que transcende sua expressão empírica e histórica. Trata-se aí da realidade fundamentada, sustentada e moldada pela comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Portanto, quando falamos em “mistério” estamos acentuando a comunhão salvadora, com Cristo que a Igreja já possui pela fé sem quaisquer limites; chegamos aqui à questão da inclusão do mundo todo no Reino já conhecido pela Igreja.

... quando a palavra “mistério” é aplicada à Igreja refere-se à Igreja que transcende sua expressão empírica e histórica. Trata-se aí da realidade fundamentada, sustentada e moldada pela comunhão do Pai, do Filho e do Espírito Santo

18. Este mistério é revelado à fé pelo Espírito Santo que conhece as coisas profundas de Deus (1 Co 2.7- 10). Embora no Novo Testamento a Igreja não seja explicitamente chamada de “mistério”, Efésios utiliza essa palavra para indicar a perfeita

comunhão entre Cristo e a Igreja (Ef 5.32). O mistério de “Cristo em vós” é para os, fiéis a “esperança da glória” (CI 1. 27). A função da pregação cristã consiste em “declarar o mistério de Cristo” (CI 4.3; cf. Ef 3.7-11). O mistério “será consumado” por ocasião da última trombeta (Ap 10.7; cf. 1 Co 15.51-55).

19. O mistério da relação divino-humana revelada em Jesus Cristo fundamenta a unidade e a comunidade do povo de Deus. Na Carta aos Efésios, Paulo fala de seu conceito do “mistério de Cristo” que é nossa paz, destruindo os muros de divisão da hostilidade, e reconciliando as pessoas separadas num único corpo por meio da cruz (Ef 2.14-16, 3.4-6). A encarnação nos convida a participar na humanidade gloriosa de Cristo, a nos renovar à imagem de Deus e a participar no sofrimento de Cristo pelo mundo.,

20. No dia de Pentecostes, o Espírito Santo trouxe os seguidores de Cristo à nova relação com Deus ao lhes chamar a participar na vida de Deus (At 2.1-21). Naquele mesmo ato pentecostal, cada fiel entrou numa nova relação com os outros fiéis, formando uma comunidade vital: o corpo místico de Cristo. Reuniram-se na Igreja que foi enviada ao mundo para ser a antecipação do que o mundo deveria ser, as primícias da nova criação.

21. Enquanto corpo de Cristo, a Igreja participa no mistério divino. Na qualidade de mistério, revela Cristo ao mundo pela proclamação do Evangelho, pela celebração dos sacramentos (que também são chamados de “mistérios”) e pela manifestação da novidade de vida dada por Cristo, antecipando dessa maneira o Reino que já se presentifica nele.

A luta em favor da justiça é parte essencial do mistério da Igreja e meio para experimentá-lo mais profundamente. Diríamos em outras palavras que é a presença auto-reveladora e autodoadora do Deus Triúno no Filho Encarnado., realizada sempre de novo pelo Espírito Santo.

Relatório da Consulta de Porto Alegre, parágrafo 43, nº 6;
Mid-Stream, XXVIII, 1, p. 113.

A. Igreja une-se a Cristo na humilhação da cruz ao mesmo tempo em que experimenta a vitória da ressurreição, trazendo para o mundo a nova vida do Reino - agora, mas ainda por vir.

22. O centro desta vida em Cristo abarca a realidade histórica e natural de tal maneira que a Igreja se relaciona intimamente com a criação inteira. A nova criação (*kaine ktisis*) reunirá a ordem criada com o amor e o propósito de Deus para a contínua renovação e perfeição em Cristo (2 Co 5.17; C1 1. 16 e seguintes). Entretanto, a nova criação ainda não se completou. A Igreja, portanto, espera, juntamente com a criação, a redenção final antecipando a renovação, em gemidos de parto (Rm 8.21 e 22).

23. Os termos “mistério” e “sinal” que vamos estudar a seguir devem ser considerados complementares e inter-relacionados. O mistério da presença de Deus na Igreja é já um sinal dirigido ao mundo. E a Igreja enquanto sinal é convite ao mundo para se deixar permear pelo mistério divino. Estas duas perspectivas eclesiológicas estão sempre em tensão com a realidade histórica e humana da Igreja. Não se resolve pela simples separação da “natureza divina” da Igreja de sua “natureza humana”. Ao contrário, tal tensão é o mais profundo desafio para a constante renovação da vida da Igreja para melhor corresponder à vocação e à missão divinas em termos de mistério e de sinal ao mundo.

E. IGREJA, SINAL PROFÉTICO

24. O termo “sinal” também nos ajuda a expressar o relacionamento da Igreja com a humanidade na perspectiva do Reino de Deus.

25. Esse termo indica que a Igreja existe para os outros. Ela deve apontar não para si mesma, mas para além dela. O caráter do sinal deriva do Senhor. Indica especialmente a relação essencial entre Igreja e mundo. Chamada por Deus de dentro do mundo, a Igreja está a serviço do mundo. Destina-se a ser sinal de Deus para o mundo por meio da proclamação do Evangelho, e vida de amoroso serviço à humanidade. Indica o que Deus quer dizer e dar ao mundo. Sua vocação consiste sempre em olhar para o Senhor, a quem tudo deve, e à humanidade, com a qual está comprometida. Quando acrescentamos o adjetivo “profético” ao termo “sinal” relembramos as dimensões de julgamento e salvação, e a

perspectiva escatológica. presente na noção de mistério quase, sempre implícita no uso bíblico de “sinal”.

I. Sinal: base bíblica

26. O termo “sinal” aparece freqüentemente nas Escrituras. Tem diversos sentidos. Por exemplo, “sinal” pode indicar certa realidade efetiva (o sinal significa o que efetiva), ou ser entendido em sentido simbólico (refere-se a outra realidade fora dele). Estes dois sentidos podem aparecer num mesmo contexto sobrepondo-se um ao outro. Neste texto a palavra “sinal” tem o sentido de indicar algo além dela mesma ao mesmo tempo em que participa no que indica. Vamos dar, a seguir, alguns exemplos do uso amplo e variado desse termo na Bíblia.

27. Por exemplo, no Antigo Testamento às vezes Deus emprega sinais para revelar diretamente ao povo de Israel os seus propósitos na criação (o sol e a lua indicam as estações, Gn 1. 14), e a aliança (o arco-íris é sinal da aliança com todas as criaturas do presente e do futuro, Gn 9.12-17). Os sinais dados por meio dos profetas representam a mensagem divina em relação a eventos contemporâneos (por exemplo, Jr 27, Os 3 e Habacuque). É de importância especial para esta reflexão o fato de que o próprio povo de Israel serve de sinal de Deus às nações, como se lê em Isaías 49.22 (cf. também Is 8.18).

28. No Novo Testamento, particularmente no quarto Evangelho, os feitos miraculosos de Jesus são chamados de “sinais” (semeia) (Jo 2.11, 3.2, 4.54, 6.2 12.8, 20.30; cf. At 2.22). Designavam que Jesus viera da parte de Deus e deveria, por isso, receber atenção (Jo 3.2). Em seu ensino, Jesus resiste fortemente aos pedidos de sinais “dessa geração má e adúltera”, no sentido de milagres que “provariam” a verdade de suas palavras, mas sem nenhuma relação com o conteúdo substantivo de sua mensagem. O “sinal” a ser dado a esta geração era o “sinal de Jonas”: prefiguração poética da morte de Cristo e de sua ressurreição, e de arrependimento dos gentios (Mt 12.38-42).

29. No contexto da alimentação da multidão (Jo 6.25 e seguintes), o povo novamente vê um “sinal” comparável, no caso, à dádiva do mana no deserto. Jesus deixa claro que “o

verdadeiro pão do céu” é ele mesmo, dado por Deus para a vida do mundo. O povo de Deus participa nesse “sinal” como participou no “sinal” realizado por Jesus na festa nupcial de Cana (Jo 2. 1-11). Os dois sinais apelam à resposta da fé e indicam a futura transformação da criação com a alegria do povo de Deus na expectativa da realização plena do Reino de Deus (ver Is 55.12 e 13).

30. Os “sinais” de Jesus não terminam com o fim de sua vida terrena. Na verdade, referências à *semeia* produzidos pelos apóstolos em nome de Jesus já se encontram nos primeiros capítulos de Atos dos Apóstolos (2.43, 4.30, 6.8, 14.3; cf. 2 Co 12. 12). No Concílio de Jerusalém, Barnabé e Paulo citam esses sinais para evidenciar o desejo de Deus da inclusão dos gentios na comunidade cristã. Esses textos ampliam o escopo original do termo, e preparam o caminho para se pensar na própria Igreja como sinal.

31. O “sinal” presente em Jesus só é visível, no entanto, aos olhos da fé. À luz dos diversos usos do termo “sinal”, a equivalência da Igreja à condição de “sinal”, só é possível quando diretamente relacionada com o “mistério” de Cristo, ou seja, o “mistério revelado” (cf. Cl 1.26 e 27) do propósito salvador de Deus para reunir todas as coisas e pessoas em Cristo por meio da pregação do Evangelho e da resposta a ele (cf. Ef 1. 10, 3 . 5). E Cristo, presente e atuante na Igreja por meio do Espírito Santo, que a transforma em sinal de julgamento e salvação da humanidade, na sua vida, testemunho e serviço. Assim a Igreja indica além de si mesma, o Cristo, com quem está intimamente unida na qualidade de seu corpo. Também é sinal indicativo do Reino de Deus, além de si mesma, com o qual também se une na qualidade de primícias.

II. Ministério e sinal proféticos

32. Os cristãos são chamados a exercer dentro da Igreja o ministério profético dinâmico como parte vital da tarefa geral da pregação e da vivência do Evangelho. Nos limites dessa comunidade, o ministério profético busca relacionar o Evangelho com os eventos e problemas críticos do dia. É provável que a própria igreja tenha que ouvir primeiramente a

palavra profética, muito embora esse ministério não deva ser individualista: precisa ser testado pela comunidade da fé e é, ao mesmo tempo, sua responsabilidade, exercitado no testemunho do julgamento e da promessa do Reino. As Escrituras não se referem diretamente a todos os eventos e assuntos. Mas alguns deles levaram os cristãos aí envolvidos a encontrar inspiração nova no testemunho das Escrituras e da Tradição em seu próprio tempo. Assim, o ministério profético da Igreja, na sua vida interna e para o mundo, é desafiado e informado por eventos e causas contemporâneas.

Na sua função de “sinal”, a Igreja Africana-Americana denuncia a injustiça e a falsidade existentes tanto na Igreja, povo de Deus, quanto no mundo. Na qualidade de sinal, acentua a importância da luta e do sofrimento redentor no processo da reconciliação...

Relatório da Consulta do Harlem, p. 6;
Mid-Stream, XXVIII, 4, p. 417.

33. Em relação com o mútuo desafio do mundo e da Igreja - além do conceito de Igreja como sinal - diversos sinais podem ser reconhecidos no mundo e na Igreja, aí presentes para a nossa leitura e compreensão (cf. Hc 2.2) à luz da revelação de Deus em Jesus Cristo e relacionadas com o plano todo abrangedor da salvação do Deus Triúno. Esta tarefa exige da Igreja, na sua vocação de ser sinal profético do julgamento e da salvação de Deus em Jesus Cristo, a dupla implementação de sua função de testemunha, no que se refere à comunicação da verdade de Deus e na participação nesse amor.

III. Comunicação da verdade de Deus para a fé

34. A Igreja é chamada para comunicar, pela palavra, sacramentos e sua vida, comum, a mensagem do Evangelho dirigida à humanidade toda a fim de que seja ouvida, entendida e aceita em todas as culturas. Essa comunicação é também uma “tradução” (num sentido não só lingüístico, mas “encarnacional”). A Igreja comunica e traduz o Evangelho de uma cultura para outra; não pode evitar certo envolvimento com as particularidades de cada cultura. Estas particularidades devem se abrir à mudança na medida em que o Evangelho vai sendo transmitido. A Igreja, pela natureza universal, precisa

estar em todas as culturas e ser enviada a elas. Ela é ao mesmo tempo local e verdadeiramente católica. Este aspecto demonstra a continuidade de Pentecostes em sua vida, uma vez que o Espírito Santo capacita a Igreja a se tornar inteligível e sinal profético efetivo a todos os povos e culturas, convocando-os à unidade em Cristo por meio de arrependimento e fé.

35. Por meio de Pentecostes os cristãos começam a reverter a confusão de Babel: começam a aprender a comunicar e a aplicar o Evangelho universal à grande variedade e divisões de questões, e culturas. Nesta tradição viva de transmitir e comunicar o Evangelho como expressão do processo de Pentecostes, o testemunho profético da Igreja vai na direção da vinda de Cristo em glória e da plenitude do plano, da salvação. Nesta perspectiva dupla, a Igreja é sinal profético que indica as dimensões católica e escatológica da verdade doadora de vida de

A Igreja é local quando o evento salvador de Cristo toma raízes em determinada situação particular com as características que lhe são próprias: natureza, sociedade, cultura e outros elementos responsáveis pela vida e pensamento das pessoas que vivem nesse lugar. O que acontece na eucaristia, onde as pessoas oferecem a Deus, na qualidade de corpo de Cristo, tudo o que “lhes pertence” (frutos da terra e, produtos do labor diário), também se aplica à vida da Igreja se ela for verdadeiramente local. Ela terá de absorver e usar as características da situação dada sem a imposição de qualquer outra cultura.

John Zizioulas, “The Local Church...”

Deus.

36. A transmissão da verdade de Deus deve estar fundamentada na fidelidade à fé apostólica da Igreja. Tal fidelidade, no contexto de situações e eventos contemporâneos, enfrentará oposição e controvérsia, envolvendo a aceitação de riscos e a capacidade de falarmos com amor verdades que podem causar dor. O ministério profético, no entanto, precisa

ser testado por certos critérios. Precisa de fidelidade à fé apostólica, autocrítica dos próprios esforços de comunicar o Evangelho, e aplicação criativa do Evangelho a temas e situações do momento. Qualquer fidelidade sem autocrítica e sem aplicação criativa não passa de “letra morta”. Autocrítica sem fidelidade e sem aplicação criativa impede qualquer comunicação convincente do Evangelho. Aplicação criativa sem fidelidade e sem autocrítica produz apenas certa “relevância” espúria.

37. A Igreja se renova e serve à renovação da comunidade humana quando se torna sinal profético por meio da comunicação e da aplicação da verdade de Deus a situações concretas em todas as culturas e condições do mundo. A transmissão da verdade de Deus de natureza polissêmica, na mesma medida em que produz tensões, pode se tomar comunicação reconciliadora.

IV. A participação do amor de Deus em Cristo

38. Ao oferecer a vida comum no serviço de Deus e o amor de Deus ao mundo, a Igreja também tem de lutar constantemente tanto por meio de sua presença entre os que sofrem, como também pelo que faz em seu benefício. Nesta partilha do amor de Deus, a Igreja capacita-os a perceber o amor sofredor de Deus em Jesus Cristo, por eles, e a Igreja é levada a uma experiência mais profunda desse amor.

39. A Igreja é sinal da presença do Reino de Deus, em Jesus Cristo quando participa nesse amor de Deus por meio de envolvimento com o mundo. Portanto, sua luta é algo mais que mero ativismo. Ao ser profética poderá enfrentar dolorosa rejeição da mesma forma como sentiram os profetas bíblicos. Além disso, o “sinal” não deve se transformar no centro da atenção. Boa parte da autocompreensão cristã é deformada pelo egocentrismo, e sempre existe o perigo de muito ensino a respeito da Igreja acabar nesse mal-entendido. A Igreja deve centralizar-se em Cristo e no propósito divino da salvação. Os enviados, na qualidade de sinal profético do amor e do propósito de Deus para o mundo e que são chamados “amados em Deus Pai, guardados por Jesus Cristo”, devem se “guardar” no amor de Deus (Jd 1.21).

40. Podemos, ver o relacionamento da cruz com a ressurreição na vida da Igreja na dupla tarefa da comunicação da verdade e do amor participante de Deus descrito acima. “Trazemos em nosso corpo a agonia de Jesus a fim de que a vida de Jesus seja também manifestada em nosso corpo” (2 Co 4. 1 0). Quando a glória da Igreja é a glória do Senhor crucificado e ressurreto, será sinal ao se envolver nas divisões e sofrimentos do mundo para que Cristo seja vencedor sobre eles. Não buscará a própria proteção, distante do mundo, mas será fermento, semente e primícias da colheita. O auto-esvaziamento da Igreja torna-se transparente àquele que sendo, rico se fez pobre por amor dos outros, a fim de que estes fossem preenchidos com as riquezas de Deus.

... A Igreja é sinal da presença do Reino de Deus em Jesus Cristo... sua luta é algo mais que mero ativismo... ao ser profética poderá enfrentar dolorosa rejeição da mesma forma como sentiram os profetas bíblicos...

IV. Espírito Santo, unidade e renovação

41. A Igreja é comunidade chamada a manifestar e significar, de modo específico, e por meio de um povo escolhido, a permanência do relacionamento pessoal de Deus com a criação, sustentada pelo Espírito Santo. Os esforços humanos “fora” da Igreja em favor da justiça, da paz, do cuidado da terra, da libertação e do verdadeiro companheirismo entre mulheres e homens. não são estranhos à criação divina. Clamam por solidariedade cristã. Portanto, o testemunho da Igreja, guiado pelo Espírito Santo e pleno de sua vida, inclui julgamento do mundo (Jo 16.8-11), participação em seu sofrimento (Jo 15.20) e manifestação no mundo da renovação na forma de reconciliação e vida nova (Jo 11.24 e 25).

42. Deus Pai glorifica o Filho ao abrir a nova vida do Espírito pela morte e ressurreição. Pela presença constante

desse Pentecostes, a Igreja é renovada e alcança a unidade no amor da Santa Trindade. Assim renovada e no caminho da unidade visível, a Igreja se faz sinal e meio de renovação na comunidade humana, renovação essa que só será autêntica e plena quando a humanidade mais se aproximar da consumação da criação divina no Reino aperfeiçoado.

F. DIMENSÕES DA MISSÃO DA IGREJA

43. Ao falar da Igreja como mistério e sinal profético este capítulo procurou entendê-la por meio dos elementos da adoração comunitária, do testemunho e do serviço em favor da renovação da comunidade humana, e buscou demonstrar que a missão da Igreja é parte integrante de sua natureza. Na parte final deste capítulo não acrescentaremos novos elementos ou funções à Igreja, mas apenas algumas explicações a respeito do que já foi dito.

I. Igreja, comunhão no mundo e para o mundo

44. Nas recentes discussões ecumênicas e no interior de diversas igrejas o termo *koinonia* (incluindo comunidade, comunhão e participação) aplicado à Igreja tem recebido atenção e aceitação cada vez maiores. Envolve os termos “mistério” e “sinal profético” bem como outras imagens e termos usualmente relacionados com a Igreja. Assim, *koinonia* também implica a inter-relação indissolúvel entre a natureza e a missão da Igreja.

Levada pelo amor reconciliador de Deus,
fortalecida pelo mistério da vida sacramental em
Cristo, e informada pelo julgamento profético, a
Igreja é chamada a servir a humanidade na luta
por renovação e transformação

45. Por meio da proclamação da Palavra de Deus e da celebração dos sacramentos a Igreja reúne-se constantemente e

se fortalece pelo Espírito Santo na forma de comunidade ou comunhão (*koinonia*). Participa na comunhão da Santa Trindade e entra, assim, em comunhão com os santos de todos os lugares e épocas. Cada comunidade cristã local recebe o dom da reconciliação e da vida renovada em seu interior, e é chamada a estar em comunhão com todas as demais comunidades cristãs locais. Nessa condição, é enviada a viver e a testemunhar uma vez que é sinal e instrumento de reconciliação e de renovação no mundo.

46. A vida da Igreja celebra e comunica a renovação e a reconciliação. A Igreja dá testemunho da restauração das relações entre Deus e o cosmos enquanto nova criação em Cristo, tomando elementos da criação e, celebrando por meio deles e santificando-os para comunicar a presença salvadora de Deus na Palavra e nos sacramentos. A atividade santificadora do Espírito Santo na pregação, nos sacramentos e na vida da Igreja demonstra autêntica e evangelicamente a unidade e a renovação já experimentada pela fé. É para tal unidade e renovação que o mundo se destina.

47. Deus manifesta a graça salvadora e unificadora à criação por meio da comunhão viva da Igreja. Cristo é, na comunhão eucarística, a fonte e o objetivo da unidade da Igreja e da renovação da comunidade humana.

Tal como Jesus ia ao encontro dos publicanos e dos pecadores e comia com eles durante o seu ministério terrestre, assim também os cristãos são chamados, na eucaristia, a serem solidários aos marginais e a tomarem-se sinais do amor de Cristo, que viveu e se sacrificou por todos, que se dá agora a si mesmo na eucaristia.

Batismo, Eucaristia e Ministério, parágrafo 24.

O testemunho dos cristãos, lavados e libertados pelo sofrimento de Cristo, toma a forma de sofrimento com o mundo e para o mundo. Seu testemunho, cheio da esperança alimentada pela vitória de Cristo sobre a morte na ressurreição, toma a forma de afirmação confiante e alegre no propósito reconciliador e salvador de Deus para o mundo.

48. A participação nessa comunhão com Cristo chama os fiéis ao arrependimento, ao compromisso renovado e à solidariedade com os que procuram a existência humana plena

na Igreja e no mundo. Levada pelo amor reconciliador de Deus, fortalecida pelo mistério da vida sacramental em Cristo, e informada pelo julgamento profético, a Igreja é chamada a servir a humanidade na luta por renovação e transformação.

A Igreja deveria ser a inspiradora das relações de mulheres e homens na sociedade. Ela é sinal da unidade vindoura e paradigma da sociedade viva. Sonhamos com o tipo de comunidade onde mulheres e homens vivam completando-se mutuamente e participem juntos na vida e nas alegrias.

Relatório da Consulta de Benin, p. 9.

49. Na qualidade de, mistério e de sinal profético a Igreja, sustentada pelo Espírito Santo, é destinada por Deus para continuar a missão de Cristo que presentifica o Reino de Deus entre nós oferecido a todos para lhes dar vida. A missão da Igreja fundamenta-se no seu caráter de sinal que Indica a ação salvadora e reconciliadora de Deus para a humanidade e ao mesmo tempo nela participa.

50. As igrejas, no movimento ecumênico, são instadas a contribuir nos esforços para a *unidade* e para a reconciliação na comunidade humana, respeitando a grande diversidade cultural existente no mundo contemporâneo. Esta contribuição emana daquela unidade que é dom de Deus e que quer se manifestar no mundo. O dom divino da santificação (*santidade*) dá-nos reforço espiritual para resistir perante as tentações do conformismo e da resignação, e nos ajuda a enfrentar. a. injustiça, a opressão e a alienação em nome daquele que é Santo. A Igreja, corpo de Cristo na palavra e nos sacramentos, reúne pessoas de todas as nações e situações na comunhão com Cristo por meio do Espírito Santo.

Em sua realidade histórica, a Igreja procura abranger, na plenitude da mesma fé, a diversidade das igrejas locais com seus ritos e tradições (*catolicidade*). Como se afirma na Consulta de Cingapura:

Numa tal Igreja, desejosa de realmente ser católica, deve haver lugar para a diversidade que acolhe e celebra os dons específicos das mulheres e dos homens; dos jovens e dos velhos; dos deficientes e marginalizados, dos ordenados e dos leigos, alcançando gente de diferentes culturas, raças, etnias e grupos sociais.

Relatório da Consulta, p. 16;

Mid-Stream, XXVIII, 1, p. 101.

Ao se manter na fé e na missão dos apóstolos (*apostolicidade*), os cristãos e suas comunidades capacitam-se para testemunhar o amor de Deus e sua graça perante todos os seres humanos.

II. A vocação da Igreja para adoração, testemunho e serviço

51. *Adoração*. Quando a Igreja escuta a revelação de Deus e responde a ela, recebe e afirma, no Espírito Santo, a mensagem do Reino de Deus pregada por Cristo. A Igreja, em nome de todas as criaturas, rende louvores e ações de graças a Deus, por sua graça e pelo perdão dos pecados que efetiva. Em suas intercessões a Igreja quer estender o dom da graça a todas as esferas da vida. A presença e a ação de Deus na liturgia da comunidade cristã não só envia os cristãos ao mundo, mas possibilita o exercício de seu testemunho como servos de Deus para a renovação da comunidade humana.

52. *Testemunho*. Assim como o Senhor ressurreto enviou os discípulos ao mundo na qualidade de testemunhas (At 1.8) e mestres (Mt 28.16-20), também continua a enviar a Igreja a demonstrar em todos os lugares e épocas a presença daquele que de maneira muito especial é “o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14.6). Todos os membros da *koinonia* são chamados a prestar este testemunho por meio de diversos dons e, nas múltiplas situações em que vivem. O testemunho expressa-se no culto, no testemunho conjunto dos cristãos de diferentes igrejas, na evangelização, no compromisso com a mudança social, em diálogo com pessoas de outras crenças, ao advogar a causa dos que não têm voz e ao capacitá-los para falar.

53. Esse tipo de testemunho pode levar muitos cristãos ao sofrimento, incluindo a multidão de mártires de todas as épocas e de diversas partes do mundo conhecidos ou não.

Existem tipos redentores de sofrimento assumidos na mesma postura da cruz, quando se aceita o papel dos que “não têm poder”, como disse Martin Luther King, jr. O sofrimento resultante do esforço pela justiça entre todos é misterioso; contudo, é redentor.

Relatório da Consulta do Harlem, p. 4;
Mid-Stream, XXVIII, 4, p. 415.

Mas até mesmo quando tal sofrimento parece ter sido em vão, a Igreja continua a ser sustentada pela fidelidade de Deus e pela confiante expectativa da vinda daquele dia quando “todo o joelho se dobrará... e toda a língua confessará que Jesus é o Senhor” (Fp 2. 10 e 11).

54. *Serviço.* Assim como a Igreja primitiva respondia à graça de Deus com adoração e testemunho, também reagia com atos específicos de serviço (At 6.16). Ao receber o amor de Deus, a Igreja sente-se vocacionada a distribuir esse amor em forma de serviço à humanidade em suas necessidades, divisões, sofrimentos e esperanças. Por meio desse serviço a Igreja, enquanto mistério, baseada no amor do Deus Triúno, toma-se sinal da presença do Reino de Deus em Jesus Cristo.

55. Na vocação da Igreja para a missão é evidente que a adoração, o testemunho e o serviço inter-relacionam-se e fortalecem-se mutuamente. Adoração sem testemunho e sem serviço periga separar-se do mundo onde vivem os adoradores. Serviço sem adoração e sem testemunho corre o risco de se limitar a mera “ação social”. Testemunho sem adoração periga não escutar a palavra de Deus antes de falar. E quando o testemunho não vem acompanhando do serviço corre o risco de não perceber os seres humanos à luz de suas necessidades espirituais e materiais.

56. A Igreja tem sido evangelizada por Deus. Ao participar no mistério revelado de Deus em Cristo ingressa na missão divina da evangelização do mundo por meio da proclamação das boas novas do Reino. A Igreja tem sido reconciliada com Deus. Ao se tomar sinal profético recebe de Deus o ministério de reconciliação na humanidade. A Igreja foi reunida por Deus.. Ao viver na qualidade de comunidade cheia do Espírito em comunhão com Cristo, recebe o mandato de participar na tarefa da reunião de todos os filhos de Deus espalhados pela terra.

Questões para reflexão e discussão

1. Que mais lhe ajudou na descrição da Igreja desenvolvida neste capítulo? Você gostaria de acrescentar alguma coisa ou de mudar outras?
2. De que maneira você experimenta a relação entre adoração, testemunho e serviço em sua congregação? De que maneira a sua resposta se relaciona ou afeta a missão?

CAPÍTULO IV

Unidade e Renovação e a busca de justiça

A. BUSCA DE JUSTIÇA E DE UNIDADE CRISTÃ

1. Ao ser mistério e sinal profético a Igreja é, segundo a vocação divina, primícias da comunidade humana renovada, possibilitada pela ação do Deus Triúno. “Mistério” significa o propósito secreto de Deus para a salvação, já visível agora, mas ainda transcendente, “para dar agora a conhecer aos principados e às autoridades, nas regiões, celestes, por meio da Igreja, a multiforme sabedoria de Deus” (Ef 3. 10). Esta visão cósmica toma-se concreta em lugares e épocas específicas e, como tão enfaticamente indicou a consulta de Harlem com as igrejas negras dos Estados Unidos, tem sido obscurecida por atos divisivos e opressores de certos cristãos que traem a própria vocação. Esse mistério, no entanto, foi revelado em Cristo com a finalidade de transformar a humanidade numa comunidade renovada. A Igreja, na medida em que demonstra a justiça de Deus na sua vida e testemunho, toma-se “sinal profético”. Este capítulo concentra-se nas implicações da contribuição da Igreja a essa renovação por meio de seu empenho em favor da justiça.

2. Os cristãos vivem em sociedades que adotam conceitos diferentes e até mesmo conflitantes de justiça. Em geral, esses conceitos baseiam-se em ideologias e são utilizados para manter os poderosos no poder, e o *status quo*. Até mesmo quando se argumenta que a justiça se fundamenta nos “direitos naturais” isto é, a liberdade do indivíduo para conduzir seus negócios particulares, o direito à propriedade privada, e o direito ao trabalho - tais direitos, por sua vez, são considerados dependentes da estrutura social da sociedade na qual se vive e

da compreensão dominante do que significa o ser humano. Tais padrões de justiça podem estar em desacordo com a vocação da Igreja para viver a justiça de Deus, revelada e transmitida a nós por meio das Escrituras e da 1ª Adição Cristã.

3. Os cristãos viveram e, em alguns lugares, ainda vivem em sociedades orientadas pela compreensão da justiça de Deus, presente em instituições e na vida da nação.

Muitos cristãos não mais têm a experiência de situações “constantinianas”; vivem em sociedades marcadas por multiplicidade de valores. Tal pluralismo pode levar a Igreja a enfrentar princípios de justiça opostos e antagônicos aos que defende; nesses casos os cristãos precisam ponderar com profundidade as próprias posições.

4. Há casos em que até mesmo os cristãos diferem entre si a respeito dos princípios de justiça. Algumas comunidades cristãs podem chegar à conclusão, juntamente com Atos dos Apóstolos, de que devem ter “todas as coisas em comum” (2.44), enquanto outras consideram corretos o princípio e a prática da propriedade privada (embora temperando tal prática com responsabilidades pelo bem-estar dos outros). Mas mesmo quando todos concordam com certo princípio de justiça, que é a santidade da vida humana, aparecem discordâncias a respeito da aplicação de tal princípio. Certas comunidades podem achar que o aborto está errado e que deve ser evitado em qualquer circunstância, enquanto para outras há circunstâncias que justificariam essa prática, embora com tristeza. Há comunidades vocacionadas para o pacifismo enquanto outras pensam que sob certas circunstâncias a guerra talvez possa ser justificada.

Quando igrejas se envolvem em testemunho comum e ação conjunta em questões de justiça, descubrem que estas coisas têm conseqüências para a comunhão entre elas

5. Muitas vezes os cristãos não conseguem perceber as injustiças que atrapalham as relações humanas nem as necessidades de mudança das estruturas básicas da sociedade

onde vivem. Mas os cristãos são chamados a se envolver na busca de estruturas mais justas e de condições humanas de vida, em íntima relação com a compreensão da Igreja e de sua unidade. Quando as igrejas se envolvem em testemunho comum e ação conjunta em questões de justiça, descobrem que estas coisas têm conseqüências para a comunhão entre, elas.

Além disso, certas Igrejas que se aproximaram umas das outras no caminho da unidade visível resolvendo as diferenças de fé e ordem que as separavam, continuam, todavia, divididas na maneira de viver a fé e na organização da vida eclesial, por causa de racismo, rivalidade entre classes sociais ou entre grupos econômicos e de outras formas de alienação. A unidade assim alcançada não pode ser considerada a unidade visível em que seremos todos um em Cristo. A unidade visível e a luta em favor da justiça relacionam-se intimamente, como foi dito na Quinta Consulta Internacional de Igrejas Unidas e em Vias de União, em Potsdam:

A busca da unidade visível relaciona-se, e assim deve ser vista, com a superação das divisões humanas e com a satisfação das necessidades humanas. Não que a unidade da Igreja seja apenas funcional. Essa unidade deve refletir diretamente a própria unidade e o amor unitivo de Deus. Ao relacionar unidade e missão, serviço e participação nos sofrimentos da humanidade expressamos precisamente o amor de Deus que chamou a Igreja à existência, para ser sinal, antecipação e instrumento da nova humanidade no Reino de Deus.

Relatório da Consulta, parágrafo 8;
Living Today Towards Visible Unity, p. 6.

6. Assim, justiça e unidade, acompanhadas da renovação da vida da Igreja e da comunidade humana, andam juntas. Mas apesar do reconhecimento disto, nem justiça (não importa como a entendemos) nem renovação ou unidade serão, em última análise, alcançadas pelo engenho humano. A ambigüidade da situação humana deve ser reconhecida por todos os cristãos atentos às Escrituras e à Tradição que afirmam a justiça (*dikaïosyne*) e a retidão de Deus como únicos meios de salvação: e realização da humanidade; somente a justiça de Deus, comunicada, na obra salvadora de Cristo, é visão e objetivo adequados da busca humana.

B. JUSTIÇA NO CONTEXTO DA TRADIÇÃO

7. Os membros da Igreja cristã entendem justiça a partir do relacionamento, de Deus com seu povo segundo as Escrituras e a Tradição. Trata-se do relato da maneira como o Deus justo trata seu povo. O relato começa com a aliança entre os israelitas e o Deus da justiça. Ao lado da experiência da injustiça e da opressão, já vividas no Egito, o povo começou a procurar entender a verdadeira natureza da justiça e a fidelidade na sua prática. Significava bondade e relações corretas. A tradição cristã, herdeira de boa parte da compreensão e da experiência da antiga aliança, acentuava o relacionamento pessoal dos indivíduos com Deus e com o próximo (embora sem esquecer aspectos sociais e comunitários). Os cristãos do século vinte voltam a acentuar as mesmas coisas e redescobrem o lugar e o valor do ambiente, natural para a compreensão e a prática da justiça. Sabem que não haverá relações justas entre as pessoas sem esses elementos.

8. Justiça é muito mais que restauração de relações corretas entre as pessoas. É mais do que oferecer a cada pessoa o que lhe é devido. Na verdade, a justiça de Deus está ao lado dos pobres, das viúvas, dos estrangeiros e de todos os oprimidos. Assim, é muito mais que meras obras de caridade. O testemunho bíblico mostra a perversão de certas estruturas de justiça pelo pecado humano. Os processos são fáceis e freqüentes. Essas estruturas precisam ser restauradas à sua integridade como parte do propósito de Deus. Só assim poderão indicar a realização de sua obra criadora e salvadora. Há muitos símbolos que falam destas coisas na tradição, como os conceitos de Jubileu (Lv 25.8-17, 23-55), de Sábado (Gn 2.1-3), do “Descanso” do povo de Deus (Hb 4.9-11), da esperança messiânica e da vinda do Reino de Deus (Mc 1.14, cf. Mt 11.2-6, Lc 7.18-23). Cada qual a sua maneira tem contribuído para a compreensão cristã da natureza da justiça.

9. A vinda de Cristo renovou e ampliou as tradições do Antigo Testamento. No encontro com Zaqueu, Jesus nos dá um modelo particular para a compreensão do conceito de justiça e de amor. Jesus vai além da justiça e da misericórdia. ao parar na

rua e demonstrar publicamente sua amizade e respeito: “Zaqueu, desce depressa, pois hoje devo ficar em tua casa” (Lc 19.5). Bastante ousado, Jesus, estava pronto a ser recebido numa casa desprezada. Jesus demonstra amor e fé em pessoas que falham e são rejeitadas, com a única finalidade de estabelecer justiça. Neste exemplo, o amor *estabelece* justiça, pois Zaqueu anima-se a dar metade de seus bens a obras de caridade e se mostra pronto a restituir o quádruplo aos que porventura tenha defraudado.

10. Na vida, ministério, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré, o relato da mensagem de Zaqueu foi universalizado e aperfeiçoado, de tal maneira que a Igreja começou a entender que o amor sobrepuja a justiça na esperança de que, afinal, a justiça venha a imperar. Em outras palavras, diríamos que a justificação divina dos pecadores pela graça relaciona-se com o envolvimento dos cristãos no funcionamento efetivo dos sistemas humanos de justiça. “Veio Jesus para a Galiléia proclamando, o Evangelho de Deus: o tempo está realizado e o Reino de Deus está próximo. Converti-vos e crede no Evangelho” (Mc 1: 14 e 15). Desde a abertura do Evangelho de Marcos para a frente, o leitor fica sabendo que a proclamação do Evangelho do Reino acaba com todas as pretensões humanas e ao mesmo tempo acende a esperança humana. O Sermão da Montanha dá-nos outro aspecto da vocação divina para a busca da justiça, quando se refere ao Reino: “Buscai em primeiro lugar o Reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33). A soberana lei de Deus aplica-se a todas as situações humanas e a cada uma em seu aspecto particular; e para cada situação sempre se mostram as boas novas dos caminhos de Deus para a salvação e a renovação.

11. Segundo o testemunho bíblico a respeito de justiça, afirmamos que neste mundo pecador e falido, os cristãos não podem esperar mais do que “sinais” de justiça. Trata-se de uma justiça originada no equilíbrio de clamores e interesses e da restrição do que praticam. os seres humanos pecadores., Tal forma de justiça deve ser constantemente medida em face da justiça e do amor divinos, manifestos em Jesus Cristo, e no Contexto da experiência cristã da justificação

Vocês querem realmente homenagear o corpo de Cristo? Então não se esqueçam dele na sua nudez. Ao honrá-lo (na igreja) com tapeçarias de seda, não se esqueçam dele lá fora perecendo de frio e nu... Aquele que disse, “Este é o meu corpo”, também disse “Quando estive com fome não me destes de comer”... portanto, não se esqueçam dos irmãos nos seus sofrimentos quando estão decorando a casa de Cristo. Nossos irmãos são muito mais verdadeiramente templos de Cristo do que qualquer edifício eclesiástico.

João, Crisóstomo, “Homilia sobre Mateus”

12. Para ser fiel à vocação a Igreja precisa demonstrar a justiça de Deus em sua vida comunitária uma vez que é comunidade participativa de fé. Num certo sentido a vida comunitária da Igreja terá de envolver os cristãos no testemunho da verdade da justiça de Deus perante o mundo. Por outro lado os cristãos sabem que tal compromisso será sempre provisório. Isso porque a Igreja vive “entre os tempos”, experimentando desde agora a antecipação do Reino de Deus, mas esperando a completação da obra redentora de Deus na realização final e completa desse Reino. Haverá, portanto, lugar para julgamento e: renovação na justiça que a Igreja pratica e da qual dá testemunho.

C. UNIVERSAL E PARTICULAR

13. A compreensão escriturística da justiça divina compromete os cristãos com exigências particulares em cada situação vivida. Os cristãos têm consciência de que a busca da justiça é vocação divina (exigida pela vontade de Deus) e tarefa humana (representada pela difícil busca da realização de nossos ideais). Os seguidores de Deus são impelidos a servir o próximo; esse serviço pode ser prestado pela luta em favor dos direitos do próximo e pelo estabelecimento de bases para justa distribuição de bens e privilégios entre eles, respeitando a dignidade, a liberdade e a integridade de todos, “Nada mais do

que praticar o direito, gostar do amor e caminhar humildemente com o teu Deus” (Mq 6.8).

Você acha que alguém pode ser cristão se não alimentar os necessitados com o seu pão, se não refrescar a sede dos cansados com seu vinho, se não chamar os outros para a sua mesa, se não hospedar estranhos e forasteiros sob seu teto, se não compartilhar suas roupas com os nus, se não estender a mão aos pobres... se ninguém sentir a sua misericórdia... Que tal atitude esteja longe da mente dos cristãos, que nenhuma pessoa desse tipo seja considerada cristã, e que tampouco venha a ser chamada de filho de Deus.

Santo Agostinho, Sermão “Sobre a Vida Cristã”

14. As várias formas de testemunho contemporâneo capazes de mostrar a visibilidade da unidade da Igreja, buscando justiça em contextos específicos e em épocas precisas da história, devem se relacionar com as Escrituras e com a Tradição da Igreja ao longo dos séculos. O particular relaciona-se com o universal no tempo e no espaço.

15. A palavra- de Deus é sempre ouvida em contextos particulares. Dai a pergunta: “Que mensagem estamos transmitindo. neste lugar e época?” A vida e o testemunho da igreja local são sempre inspirados e fortalecidos pela escuta da Palavra, mas essa mesma igreja local se empobrece sem o apoio da Igreja toda. e sem a inspiração das testemunhas da Igreja através dos tempos. Esse apoio e essa inspiração abrem novas possibilidades.

16. Os cristãos são capacitados, em diferentes situações e por meio de modos particulares de receber a Tradição, a se unir visivelmente no testemunho em favor da justiça, inspirados pelas Escrituras e pela Tradição (cf. as idéias contidas em *The Fourth World Conference on Faith and Order. The Report from Montreal 1963*, p. 50-61). Tal unidade, longe de ser triunfalista, toma por modelo para as igrejas a autodoação de Jesus Cristo, ser mostrada na vida concreta e na realidade interior da vida eclesial em cada lugar hoje em dia.

17. As igrejas são chamadas de modo especial em cada situação regional ou nacional. Têm o dever de responder à vontade divina por meio de reflexão e atos de tipos bem definidos, dependendo da especificidade das situações. Os que trouxeram às consultas de Unidade e Renovação em Cingapura, Porto Alegre e Harlem sobre o envolvimento da Igreja em questões de justiça, suas experiências distintivas e particulares acerca de conflitos humanos e comunitários, expressaram concretamente esta profunda convicção.

18. Tal especificidade significa ao mesmo tempo que modelos de reflexão e ação próprios a determinados contextos não têm aplicação universal. Não se deve, pois,, tentar impor modelos particulares a situações humanas gerais ou diversas; contudo, todos podem aprender das experiências vividas em situações específicas. Não se trata de minimizar as exigências implícitas na vocação cristã. Por exemplo, os teólogos da libertação na América Latina, ao mesmo tempo em que desenvolvem conceitos teológicos importantes para a Igreja toda, acentuam, no entanto, que seus programas particulares destinam-se a situações da própria América Latina. Com isso não estamos querendo dizer que os cristãos do Atlântico Norte não sejam responsáveis em face do envolvimento de seus governos e de seu comércio internacional na vida política e econômica dos países da América Latina. Sua responsabilidade é, assim, específica. Não é a mesma dos cristãos da América Latina. Precisa ser cuidadosamente discernida e, embora lhes custe muito, deve ser levada a sério.

19. Em algumas partes do mundo os cristãos não estão na posição de influir diretamente no governo ou na sociedade porque não passam de pequena minoria, ou têm que viver sob severas restrições de caráter social e político. Entretanto, mesmo em tais circunstâncias, encontram seu próprio caminho de testemunhar positivamente e se mantêm unidos à Igreja universal na resposta à justiça de Deus.

20. Na medida em que os cristãos vão entendendo mais perfeitamente o Evangelho começam a perceber as rupturas causadas pela injustiça nas relações de comunhão com Deus e com o próximo, para as quais fomos criados, e passam a

proclamar as novas da ação de Deus para corrigir, por meio da redenção e do perdão, as deformações causadas pelo pecado humano. A Igreja é sustentada por esta ação de Deus, proclamada na Bíblia e comunicada pela Tradição. É aí que a Igreja se fundamenta e vive, e é daí que ela prossegue em sua caminhada.

21. Ao enfrentar tarefas específicas nas situações particulares em que vivem, os cristãos adquirem consciência de que não estão sozinhos nessas lutas. Fazem parte de comunidades humanas desejosas de justiça e com elas, muitas vezes, aprendem a real natureza das questões mais cruciantes. Na verdade, compete aos cristãos, nessas, oportunidades de cooperação, reconhecer os limites da própria visão da justiça de Deus, revisando e renovando suas posições bem como aprofundando e enriquecendo, as próprias perspectivas teológicas. Por exemplo, a Consulta de Cingapura ouviu o seguinte do. contexto indiano:

A luta, por justiça praticada por grupos e movimentos de ação leva-nos também a repensar a compreensão tradicional do conceito de missão cristã ... A poderosa obra de Deus no mundo não se limita à Igreja e a seus planos. A Igreja, na verdade, precisa entender-se a si mesma e a missão em relação com a obra de Deus e do Espírito no mundo, e precisa colaborar com o Espírito, em obediência a o chamado de Deus nos movimentos do Espírito... Assim, é importante. desenvolver hoje em dia uma eclesiologia baseada no *mistério da Trindade* ... Da mesma forma, precisa-se atualmente de uma eclesiologia baseada no Espírito e em suas obras.

Ecumenical Review, v. 39, 3, p. 305.

D. REALIDADE DA RENOVAÇÃO

22. Assim como a Igreja luta para superar as imperfeições humanas por meio da pregação, sacramentos e cuidado pastoral, precisa também tornar visível a unidade que manifesta a vitória de Cristo sobre as divisões da humanidade. Tal é o caráter da Igreja destinada a ser verdadeiramente mistério e sinal profético do Reino. A linguagem da renovação *no interior* da Igreja - renovação dos aspectos humanos da comunidade intra-eclésiástica - ajuda a tratar ecumenicamente a necessidade que

todos reconhecem, de aprimoramento da vida da Igreja nos seus aspectos institucionais.

23. A realidade da renovação na Igreja baseia-se no Deus que faz “novas todas as coisas,” (Ap 2 1.5) e que em Jesus Cristo, o Segundo Adão, já começou a ação recriadora de Deus, refletida na vida do povo de Deus, povo esse em comunhão com Deus. Mas a renovação é apenas um processo que, por causa da contínua pecaminosidade humana, não consegue alcançar a radicalidade da comunidade renovada e plena do Reino de Deus. Desde a descrição feita por Paulo da Igreja em Corinto, todos sabem que a vida das igrejas não é imune ao pecado humano. No plano humano, a comunidade cristã sujeita-se a confusões, divisões e opressões. Estão incluídas aí: (i) opressão e tratamento indevido a mulheres; (ii) riquezas da Igreja (e de seus representantes) com a consequente submissão ao *status quo* da sociedade onde está inserida; e (iii) limitação da liberdade de conhecimento e de oportunidades dentro da comunidade cristã.

24. Contudo, apesar do pecado humano a autoridade divina é mediada ao povo de Deus de tal maneira que, sendo julgado, sente-se livre para receber a graça iniciadora do processo de santificação. Os cristãos experimentam agora o julgamento de Deus ao reconhecer os privilegiados de Jesus - gente sem poder, nem status, não porque a pobreza fosse desejável por natureza, mas porque o Reino de Deus vem precisamente em favor deles (Mt 11.2-6-, Lc 4.16-21). (E por isso que alguns cristãos hoje em dia empregam a expressão “justiça para os pobres” como chave hermenêutica para a compreensão das Escrituras).

25. Afinal, só existe um único fundamento para a renovação que é Jesus Cristo, presente por meio do Espírito Santo na palavra e no sacramento. Ele é o único alicerce, princípio doador de vida e esperança da Igreja. É origem, autoridade, e fonte do poder divino que possibilita o testemunho e a missão da Igreja.

26. A nova vida em Cristo deve expressar-se na vida da Igreja em todos os níveis. Que significa na prática? Cada igreja ou congregação local manifesta os sinais desta renovação. Mas deve-se reconhecer que a congregação situa-se num tempo e espaço particulares com contexto próprio. As marcas da

renovação podem muito bem diferir de um contexto para outro onde a Igreja vive e dá seu testemunho. Se por um lado os sinais locais de renovação julgam a Igreja universal e funcionam como testemunho perante ela, por outro, enquanto comunhão de igrejas locais, não podem ser considerados modelos prescritivos para todas as demais Igrejas. Igualmente, porém, a congregação local não deve sucumbir - à tentação de deixar a tarefa da renovação para “a igreja maior”, nem também se furtar à tarefa da luta pela justiça, deixando-a para níveis superiores. A congregação local, fiel à fé apostólica, expressa a Igreja católica. Deve, portanto, manifestar a nova vida em Cristo e a sua justiça, para ser fonte de renovação para a comunidade humana.

27. A nova vida em Cristo e em sua justiça deveria também se manifestar num novo estilo de vida entre os cristãos e em suas comunidades. Esse estilo de vida expressaria hoje a consciência das injustiças praticadas contra a criação pela exploração sem limites dos recursos naturais, e apoiaria todos os esforços existentes em benefício do uso responsável de tais recursos. Esse estilo de vida contribuirá para a partilha mais justa dos bens da terra entre ricos e pobres, na moldura de nova ordem econômica mundial. E se tomará num testemunho digno de fé da disposição da Igreja de ser usada por Deus como instrumento da renovação da comunidade humana.

a congregação situa-se num tempo e espaço
particulares com. contexto próprio. As marcas da
renovação podem muito bem diferir de um
contexto para outro onde a Igreja vive
e dá seu testemunho

28. Relatos e situações locais particulares oferecem importantes lições. A Consulta, em Cingapura, por exemplo, ouviu a respeito de algumas congregações na Índia que se dividiram segundo as castas existentes naquela cultura. As pessoas sabiam que por pertencerem a determinada casta eram “Indignas” de trazer ofertas ao altar em nome da congregação. A congregação dividiu-se em grupos rivais e os poderes da

alienação e da injustiça deste mundo pareceram vitoriosos. Por meio de estudos bíblicos, reflexão teológica e oração os cristãos nessa situação, procuram ser verdadeiramente a Igreja, corpo de Cristo e nova humanidade, fundamentada na nova aliança de Deus e vivendo numa nova comunidade, onde o Evangelho unificador do amor reconciliador de Deus em Jesus Cristo venha, afinal, a prevalecer (*Mid-Stream*, XXVIII, 1, p. 1-11).

29. Outro exemplo comovente e impressionante vem da experiência de diversos americanos africanos nos Estados Unidos. Trazidos como escravos para “a terra das oportunidades”, foram obrigados a seguir o “cristianismo” de seus chefes brancos, como meio de controle. A eucaristia sempre quis ser o ato central e unificador de culto: entretanto, praticava-se muitas vezes a exclusão dos negros a partir da doutrina da separação racial e negava-se, dessa maneira, a plena humanidade dessas pessoas. A Consulta de Harlem assim se expressou: “Antes do surgimento das igrejas negras, os sacramentos não eram experimentados como revelação do poder transformador de Deus, mas, bem ao contrário, como meios adicionais de opressão” (*Mid-Stream*, XXVIII, 4, p. 342). As cicatrizes de tais abusos dos símbolos cristãos permanecem até hoje. No entanto, os americanos africanos desenvolveram a sua fé cristã de maneira profunda e original, por meio da qual dão tremendo testemunho em favor da justiça, da reconciliação, da unidade e da renovação tanto na Igreja como na sociedade.

30. Os exemplos acima e todas as formas de discriminação e de negação da dignidade humana e dos direitos humanos são conseqüências do abuso de poder. Enquanto mistério, a Igreja participa na fraqueza de Deus, revelado na vida e sofrimentos de Jesus Cristo e é assim chamada a ser solidária dos que não têm poder. Enquanto sinal profético, a Igreja participa nos atos divinos que elevam os humildes e os marginalizados, e se torna advogada da justa distribuição do poder, e de seu exercício responsável na vida da comunidade humana (cf. também nossas reflexões sobre poder, fortalecimento e serviço no capítulo IV, parágrafo 17-23).

31. No meio de todas as experiências que contradizem o dom e a vontade de Deus para a justiça, a mensagem profética

da Igreja e, em particular, a eucaristia, proclamam a Palavra de Deus em favor da justiça e da unidade:

Quando participamos no corpo e sangue de Cristo, todas as formas de injustiça, de racismo, de separação e de escravidão são radicalmente desafiadas. Por meio da eucaristia a graça toda renovadora de Deus invade a personalidade e a dignidade humanas e as restaura.

Batismo, Eucaristia e Ministério, parágrafo 20,
cf. o presente texto o capítulo 1, parágrafo 4.

Na mesma base, a Conferência Mundial de Missão em Melbourne, em 1980, concebeu a própria estrutura da eucaristia em termos de testemunho pela justiça e pela unidade dentro e fora da Igreja (cf. *Your Kingdom Come*, p. 205 e 206):

- i. acolhida - Independente de raça, classe e gênero;
- ii. perdão - libertação do passado para o futuro;
- iii. paz - estar bem com Deus, com os outros e com a criação,
e
- iv. participação - uso correto dos recursos.

A Sexta Assembléia do Conselho Mundial de Igrejas afirmou que “o aspecto da unidade cristã que mais nos impressionou aqui em Vancouver foi a visão eucarística. Cristo, vida do mundo, une céus e terra, Deus e mundo, o espiritual e o secular” (*Gathered for Life*, p. 44). Essa visão tornou ainda mais escandaloso o fato de que os cristãos não se animam a participar juntos na mesa do Senhor, e acentua o alvo do CM1, de “chamar as igrejas ao objetivo da unidade visível em uma fé e uma irmandade eucarística” (Constituição do CM1, III, “Funções e Propósitos”, 1; cf. a discussão deste alvo no capítulo I deste estudo, parágrafo 9).

A conexão entre unidade e justiça nos leva a indagar a respeito das expressões da unidade visível: “Promovem justiça à luz do Evangelho de Jesus Cristo, dentro da Igreja e no mundo?” E, em seguida: “Ajudam a Igreja a se engajar na obra de Deus pela justiça?”

32.- A experiência da renovação e a busca da unidade não podem permanecer em nível pessoal ou colegiado, mas julgar e inspirar todas as discussões de planos para a unidade visível em nível comunitário. O critério mediante o qual a visão da unidade buscada pelos cristãos será julgada é a renovação radical e o cumprimento da comunidade humana. A conexão entre unidade e justiça nos leva a indagar a respeito das expressões da unidade visível: “Promovem justiça à luz do Evangelho de Jesus Cristo, dentro da Igreja e no mundo?” E, em seguida: “Ajudam a, Igreja a se engajar na obra de Deus pela justiça?” Positivamente falando, esse testemunho já está sendo ouvido de muitos cristãos de diferentes denominações que, reunidos em circunstâncias especiais de testemunho contra a injustiça, antecipam de certa forma a unidade que é dom de Deus. Fatos dessa natureza confirmam o testemunho das Escrituras: “Buscai *primeiro* o Reino de Deus... e todas estas coisas vos serão acrescentadas” (Mt 6.33).

E. VERDADEIRA GLÓRIA

33. A obediência total de Jesus levou-o a percorrer o, caminho da cruz. Sua verdadeira glória manifestou-se na morte e ressurreição (Jo 17 e 20).. Pede aos discípulos que “carreguem a cruz” e o sigam no caminho que envolve sofrimento, muito embora cheio de esperança, desde agora com o apoio das orações de toda a Igreja. Temos a esperança segura e certa de que no fim Deus vencerá e seu Reino será estabelecido, com a participação dos cristãos. Essa esperança alimenta os que sofrem exclusão, os fracos e os que vivem situações de Injustiça, bem como os que se desgastam na luta em favor de justiça aos oprimidos. Somente então a unidade da Igreja e a renovação da comunidade humana serão visíveis em sua plenitude e concreticidade.

Perguntas para reflexão e discussão

1. De que maneira os cristãos de sua sociedade se envolvem em questões de justiça? Reagem em face de temas específicos de modo diferente, ou concordam?
2. Que mais os influencia na elaboração de sua reação (por exemplo, a Bíblia, o ensino da Igreja, a Tradição, atitudes culturais etc.)?

CAPÍTULO V

Unidade e Renovação e a comunidade de mulheres e homens

1. A comunidade cristã é levada à plena realização no contexto do Reino de Deus. A salvação de Deus realiza-se por meio do amor que se expressa essencialmente numa nova comunidade. É o processo narrado em Atos (2.42-47 e 4.32-35) onde depois do batismo e da recepção dos dons do Espírito Santo os fiéis devotam-se a viver juntos na comunidade cristã.

2. Repetidas vezes, na história da Igreja, os cristãos têm sido chamados a viver em comunidade as implicações do Evangelho. Em diversos casos as epístolas do Novo Testamento dirigem-se a situações nas quais os que haviam respondido pessoalmente à pregação do Evangelho enfrentam, agora, problemas de relacionamento na vida da Igreja. As Cartas adquirem dessas situações certa estrutura regular de ensino sobre a obra salvadora de Deus em Cristo com a descrição das implicações da salvação para os relacionamentos humanos. Assim, por exemplo, na Carta aos Gálatas, Paulo ensina a respeito do propósito da lei e do advento da fé em Cristo (Gl 2.15-3.6), e descreve a seguir a maneira como Jesus concede a judeus e a gentios, escravos e livres, mulheres --- e homens, o mesmo acesso à salvação. Estabelece-se novo relacionamento com Cristo (3.27-29). A partir daí surge nova vida de liberdade no Espírito e se cria nova comunidade. Amadurecendo na fé poderão levar as cargas uns dos outros (6.1-10); e Paulo termina acrescentando do próprio punho que o mais importante é *ser nova criatura* (6.15). É o que se pode experimentar e realizar na nova comunidade “em Cristo”.

3. Paulo e os outros apóstolos e todos os seus seguidores ao convocar mulheres e homens para a comunidade cristã ressaltaram sempre o processo contínuo de crescimento até a

maturidade sob a orientação e graça do Espírito Santo. Sabendo que o Senhor estava presente e que seu Espírito habitava no meio dos fiéis, os cristãos confiam em Deus, como filhos em relação ao pai amoroso; a partir dessa confiança podem também confiar nos outros e são fortalecidos para enfrentar qualquer circunstância ajudados pelo Senhor que lhes dá poder (Fp 4.13).

4. Qualquer comunidade cristã vive na antecipação do Reino de Deus. Em cada celebração da comunhão relembra os fundamentos de sua vida na morte de Cristo e na sua presença viva até que retome. Tal comunidade tem consciência da fraqueza e das falhas existentes nas relações humanas. Assim o que vai ser dito neste capítulo sobre a comunidade de mulheres e homens precisa ser lido em conexão com o que já foi exposto no capítulo IV sobre justiça; a comunidade de mulheres e homens na Igreja e na sociedade ainda se vê prejudicada por injustiças evidentes. É por causa dessas injustiças que surgiram lutas na Igreja. Contudo, a Igreja, portadora do mistério da salvação, sabe que todos os relacionamentos estão agora baseados em Cristo, que pode transformá-los, e os transforma. Este capítulo examina as implicações desta, compreensão básica da comunidade cristã composta de mulheres e homens.

A. VOCAÇÃO DE MULHERES E HOMENS PARÁ A COMUNIDADE CRISTÁ

5. A verdadeira, comunidade de mulheres e homens é dom e promessa de Deus para a humanidade, criada à “Imagem de Deus”, macho e fêmea (Gn 1.27); e a Igreja, ao ser sinal profético do que Deus deseja para mulheres e homens, é chamada a concretizar essa comunidade em sua própria vida. Hoje em dia são Inúmeros os cristãos de diferentes tradições que procuram juntos a comunidade mais completa e autêntica de mulheres e homens.

6. A dominação das mulheres pelos homens não pertence à comunidade humana segundo as intenções da criação divina (Gn 2.23), mas é conseqüência do pecado que deformou tanto a comunidade,, de mulheres e homens como o relacionamento entre os seres humanos e a natureza (Gn 3.16-19).

7. A divisão dos sexos em masculino e feminino levanta profundas questões de teologia e antropologia: que significa que não somos simplesmente humanos, mas *masculino* e *feminino*? Há questões fundamentais sobre, por exemplo, a relação entre ser e função, e entre biologia e identidade: Até que ponto as diferentes funções de mulheres e homens determinariam seus papéis na sociedade e na Igreja? Até que ponto gênero constitui identidade? Até que ponto diferenças de gênero deveriam determinar diferenças em *status* e papel?

A dominação das mulheres pelos homens não pertence à comunidade humana segundo as intenções da criação divina... mas é consequência do pecado...

8. Embora sejam diferentes as respostas dadas a essas questões, os cristãos concordam que numa correta relação entre mulheres e homens pode-se experimentar a reconciliação e que aí se expressa a plena humanidade dos dois sexos. Acreditam que Deus chamou o corpo de Cristo, a Igreja, para ser lugar de reconciliação. A Igreja participa, enquanto mistério, no desejo de Deus de oferecer a plenitude da vida à humanidade toda, sendo assim convocada a capacitar e a nutrir o pleno exercício dos dons de todo o povo de Deus, mulheres e homens. Enquanto sinal profético, ela participa na vontade reconciliadora de Deus para a humanidade, e é chamada para demonstrar que essa pervasiva divisão dentro da criação - entre mulheres e homens - pode ser superada pela pertença comum de todos "em Cristo".

9. Os cristãos consideram estas questões a partir da convicção fundamental de que Deus, por amor da criação, nos deu seu Filho, para que todos possam ter vida em abundância (Jo 10. 10). Em Cristo somos todos levados a participar na nova comunidade capaz de já antecipar o próprio Reino de Deus (ver capítulo II, parágrafo 34).

10. Pode-se perguntar porque a comunidade prometida e desejada por Deus, depois de 2 mil anos, ainda está para ser

vista e experimentada completamente. Em parte, por causa do contínuo pecado humano, mas também em parte por causa das mudanças e desenvolvimentos da própria situação humana. Na qualidade de membros do corpo de Cristo, os cristãos buscam as Escrituras e a Tradição para focalizar a luz e a vida trazidas pela encarnação. Trata-se de uma busca incessante. Em cada comunidade particular, cada nova geração inspirada pelo Espírito Santo aproxima-se do Pai “em Cristo”, procurando resolver os problemas existentes com oração e meditação.

11. Se, por um lado, os cristãos procuram entender as mudanças do mundo com os recursos existentes (incluindo, por exemplo, pesquisa histórica, observação psicológica da condição humana, e análise social), por outro, sabem que em última análise devem buscar as implicações e a ajuda da teologia e da espiritualidade em face dos desafios que a humanidade enfrenta.

12. A busca de uma comunidade mais plenamente autêntica e completa de mulheres e homens é muito exigente: requer estudo eclesiológico da perspectiva de diferentes confissões; reflexão teológica sobre a experiência de mulheres e homens em diversos contextos culturais e confessionais; confiança capaz de abrir uns aos outros não importando quão diferentes e desafiadores os conceitos possam ser; coragem para arrependimento de idéias e práticas que deformam e negam a verdadeira comunidade de mulheres e homens; e, disposição de dar respostas às novas maneiras de compreender a situação humana com idéias e atitudes inovadoras.

13. Experiências de mulheres e homens de diferentes culturas e tradições cristãs foram reunidas por meio de participação, discussão e reflexão (por exemplo, no programa sobre Comunidade de Mulheres e Homens na Igreja, que culminou na Consulta de Sheffield, em 1981, e nas Consultas de Unidade e Renovação sobre questões da Comunidade de Mulheres e Homens, realizadas em Praga, em 1985, e em Benin, em 1988). As experiências mencionadas referiam-se quase sempre a comunidades fracassadas e a relações humanas opressivas que negam a plenitude de vida desejada por Deus para todas as pessoas. Ao reconhecer experiências negativas desse tipo, as igrejas resolveram dispender esforços comuns

para enfrentá-las, incluindo a Década Ecumênica das Igrejas em Solidariedade com as Mulheres (1988-1998), e o presente estudo.

14. Em geral, os projetos de estudo sobre a comunidade cristã, e suas resoluções finais, dão-se no contexto da igreja local, e chegam a conclusões inspiradas pelo Espírito Santo com seu poder redentor e recriador. Mas as resoluções também devem vir de níveis mais universais, uma vez que os cristãos procuram a unidade da Igreja e a renovação da comunidade humana, pelo poder e pelo testemunho de uma mais completa e autêntica comunidade de mulheres e homens.

15. As experiências de comunidade ocorrem em diferentes contextos e são influenciadas por diferentes fatores culturais e econômicos. Neste estudo, indicaremos apenas algumas linhas comuns da condição humana que desafiam os cristãos na busca de uma comunidade renovada de mulheres e homens em nossa época.

B. ALGUNS DESAFIOS DE SITUAÇÕES EM MUDANÇA

I. Mudanças na sociedade

16. Têm havido no passado e continuam agora a acontecer importantes mudanças na situação das mulheres, embora a velocidade e a extensão delas variem grandemente. As mudanças que ocorrem na situação das mulheres também afetam a vida dos homens.

17. Em muitos lugares mulheres e homens ainda lutam por direitos humanos básicos. Na maior parte do mundo as mulheres já conseguiram alcançar a igualdade legal ao lado dos homens (embora esse fato não tenha acontecido ainda em certos lugares). Mas mesmo com a conquista da “igualdade legal”, há ainda casos em que essa igualdade não se realiza concretamente na vida diária de muitas mulheres.

18. As mulheres são crucialmente afetadas por desenvolvimentos no campo da saúde, muito embora, também aqui, haja diferenças significativas particularmente entre países desenvolvidos e países em vias de desenvolvimento. A redução das taxas de mortalidade infantil, contudo, resulta, cada vez mais, em menor pressão sobre as mulheres para que tenham mais filhos para garantir a continuação de certas famílias e da própria

raça humana. Ao mesmo tempo, especialmente no Ocidente, a existência de meios eficientes de controle da natalidade faz com que as mulheres tenham mais escolhas no campo da reprodução humana. Ao lado da expectativa de vida mais longa, de modo geral, muitas mulheres agora começam a ter maiores oportunidades de trabalhar fora do lar, tanto em áreas mais tradicionais devotadas, por exemplo, à agricultura, como em outras onde o trabalho assalariado é mais comum.

19. Nos lugares onde aumentam as oportunidades educacionais para as mulheres, elas desenvolvem conhecimento teórico e tecnológico, começam a ter novas aspirações e se sentem capazes de participar no mundo fora do lar, incluindo o mundo do mercado. Ao mesmo tempo elas são incentivadas e até mesmo forçadas a procurar emprego em virtude de pressões econômicas familiares e também por causa do aumento da urbanização e da industrialização.

20. A experiência das mulheres que trabalham fora de casa tem sido bastante negativa. Em geral recebem salários mais baixos do que os homens e não encontram muitas oportunidades para o exercício de responsabilidade e liderança. A experiência dessa “liberdade” de trabalhar para receber um salário acaba sendo mais um fardo em suas vidas, uma vez que não só devem contribuir para a renda familiar, mas também continuar a cuidar das crianças e a administrar o lar.

Homens e mulheres são vulneráveis a estereótipos
e modelos que prejudicam a comunicação e
a cooperação na Igreja e na sociedade

21. A busca da verdadeira comunidade de mulheres e homens torna-se cada vez mais difícil por causa das condições de mudanças e de oportunidades no mundo atual. Por exemplo, a existência de um clima econômico desfavorável tende a gerar conflitos porque homens e mulheres são forçados a competir na busca de empregos e salários quase inexistentes. Entretanto, se em algumas situações mulheres e homens são forçados a competir numa espécie de batalha pela justiça e pela libertação,

já em outras, conseguem trabalhar *juntos* em solidariedade em favor dos oprimidos, procurando justiça e liberdade tanto para os outros como para si mesmos.

22. Quando surgem inúmeras oportunidades para as mulheres, logo se vê que a luta por justiça mistura-se com outras lutas. Muitas mulheres entram em conflito precisamente com outras mulheres nas áreas de racismo, classe e rivalidades nacionais.

II. Mudanças no casamento e na família

23. Em muitos países e sociedades, falta reciprocidade nas relações íntimas do casamento, em consequência, em parte, de expectativas herdadas e da aceitação de papéis tradicionalmente atribuídos ao marido e à mulher. Tal falta de reciprocidade às vezes é exagerada pelas leis locais e por costumes associados à propriedade, à herança e à sexualidade. Em geral, as mulheres que entram na instituição do casamento e da vida familiar sofrem falta de liberdade e não participam nos processos decisórios da família. Por outro lado, as que não se casam e as que não têm filhos experimentam, com frequência, discriminação e marginalização.

24. Mas os modelos tradicionais de casamento e de vida familiar estão passando, em muitos países e culturas, por certas mudanças. Há casos em que o próprio conceito de casamento começa a ser questionado e redefinido. Embora tais mudanças sejam bem recebidas por muitos, há os que lamentam a perda dos papéis e expectativas familiares. Nem todas as mulheres desejam mudar o papel tradicional que ocupam na família. Estas acham que tal atitude contém valores essenciais e dignidade.

25. Homens e mulheres têm hoje maiores possibilidades de não se casar, principalmente nos países ocidentais, muito embora haja ainda muitos que consideram o casamento a norma a ser seguida. O divórcio, por sua vez, tem aumentado em muitos lugares bem como o número de pais solteiros, com sérias consequências para a vida das crianças. O enfraquecimento do casamento e das instituições familiares talvez dependa de fatores econômicos e sociais; por exemplo, muitos homens precisam viver longe da família por questões de

emprego; há pais incapazes de cuidar adequadamente dos filhos e são até mesmo forçados a abandoná-los.

26. Os homens são cada vez mais conscientes das pressões destrutivas que enfrentam. Essa situação lhes parece particularmente infeliz na Europa e na América do Norte. Experimentam mais freqüentemente a quebra do casamento e a perda dos filhos; e precisam enfrentar mudanças de atitude em relação às mulheres, seu novo papel e lugar na família, na Igreja e no contexto econômico; estas coisas produzem insegurança e temor entre muitos homens.

III. Esperança de libertação para mulheres e homens

27. Homens e mulheres são vulneráveis a estereótipos e modelos que prejudicam a comunicação e a cooperação na Igreja e na sociedade. O lar, o lugar de trabalho e a Igreja são afetados por percepções de que a mulher é fraca, emotiva, vulnerável, submissa e incapaz de se manter imune no trabalho competitivo, enquanto os homens teriam poder físico, autocontrole, capacidade de liderança e racionalidade.

28. Acredita-se hoje que a liberdade de falar, de contribuir nos processos decisórios e de participar sejam elementos essenciais para a verdadeira filiação e companheirismo na comunidade. A realização de comunidades renovadas é prejudicada por estruturas imperfeitas. As estruturas e modelos que impedem as mulheres de expressar a plena personalidade, excluindo-as da liderança e da participação real nos processos decisórios da vida da comunidade são reforçadas por exclusivismo, poder opressivo e autoritário, falta de direitos políticos, linguagem depreciativa ou condescendente com as atitudes que pressupõe, paternalismo, concessão de privilégios e falta de reciprocidade.

29. O movimento contemporâneo de mulheres tem, em muitos aspectos, ajudado a derrubar estereótipos destrutivos e limitadores criando liberdade para as mulheres e homens de expressar atributos, qualidades e habilidades capazes de beneficiar a comunidade humana em todas as áreas da vida. Representa, sem dúvida, avanços no processo da libertação humana.

C. PERSPECTIVAS CRISTÃS

I. Novidade do Evangelho

30. A fé cristã fundamenta-se na alegre mensagem do Evangelho de Jesus Cristo que por seu sofrimento e morte libertou-nos dos poderes do pecado e de todas as suas conseqüências destrutivas para a vida humana. Por meio do poder do Espírito Santo o dom desta liberdade dispõe mulheres e homens para o amor de Deus, derramado em seus corações para lhes dar vida numa dimensão completamente nova de relacionamento com Deus e com o próximo.

31. O mesmo amor de Deus que é a vida da própria Trindade Santa, concedido desde o começo do mundo, toma-se agora a qualidade específica da comunidade dos fiéis, fazendo-os irmãs e irmãos, companheiros que compartilham, em solidariedade, todos os seus dons e necessidades.

32. Todos os cristãos são um em Cristo (Jo 17.21-26); não há mais entre eles escravo nem livre (Gl 3.28). O próprio Jesus Cristo mostrou-lhes o modelo de seu senhorio, por meio de um gesto de servo - lavando os pés dos discípulos (Jo 13.1-17) - para estabelecer dessa forma a nova ordem do amor, em contraste com a lei da antiga aliança, mas para também cumpri-la.

33. É o que se vê também em muitos outros textos bíblicos nos quais Jesus demonstra para mulheres e homens um jeito honesto, respeitoso e aberto ao crescimento e a mudança de relacionamento, jeito esse indicador de vida na nova comunidade do Reino de Deus. Por exemplo, a conversa de Jesus, com a mulher samaritana (Jo 4.7-26) vai muito além das perspectivas masculinas predominantes naquele tempo e lugar. Não a julga nem a elogia. Escuta-a e dá a sua resposta com franqueza e em caráter pessoal. A mulher, por sua vez, toma-se capaz de se ver a si mesma. e a Jesus numa nova perspectiva e toma a sua própria decisão por fé. A súplica desesperada e a ousada réplica da mulher siro-fenícia (Mc 7.24-30) são ouvidas e respondidas por Jesus.

II. Relacionamentos “em Cristo”

34. As mulheres e os homens, segundo a tradição cristã, foram criados à imagem de Deus, revelado na comunhão de amor do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Somos imagens do Deus Triúno e, portanto, intrinsecamente relacionais. Só nos tomamos plenamente humanos quando vivemos refletindo as relações existentes entre as três pessoas da Trindade. Só se chega a esse ponto em Cristo e pelo poder do Espírito Santo.

35. As narrativas da criação de Gênesis descrevem a humanidade criada “na imagem de Deus” (na *imago dei* em termos de “macho e fêmea”. Cada pessoa, mulher ou homem, sinaliza para o outro o Senhor da criação, significando que todos devem viver de conformidade com a natureza e a vontade de Deus. Apesar do ensino de alguns teólogos do passado e da prática tão freqüentemente humana da Igreja institucional, é claro que não existe uma *imago dei* “secundária” para a mulher, nem qualquer natureza superior ou privilegiada para o homem.

36. O relacionamento do homem com a mulher em Gênesis 1 e 2 é descrito em termos de reciprocidade e comunhão. Os homens e as mulheres na Igreja e na sociedade, relacionam-se agora de diferentes maneiras - fazem parte de diferentes gerações da família, são Irmãos e Irmãs, amigos, colegas de trabalho - bem como no casamento. Tão variadas relações deveriam ser marcadas sempre por reciprocidade e comunhão.

37. A família é considerada em algumas tradições cristãs uma “pequena igreja. Paralelamente a isto, o Relatório da Consulta de Benin fala do “caráter sacramental” do casamento (p. 6). Espera-se encontrar na família um ambiente estável onde se desenvolvam a procriação e o cuidado dos filhos, de tal maneira que possam crescer no conhecimento do amor de Deus e em reverência a seus mandamentos. No matrimônio, marido e esposa têm chance de crescerem juntos de tal maneira que cada qual capacite, e até mesmo incentive o outro a crescer no conhecimento e na compreensão de Deus, em comunhão com ele. A realidade do casamento e da família, no entanto, acaba sendo tragicamente diferente deste Ideal, com ruptura das relações e desespero. De que maneira as Escrituras e a Tradição

podem iluminar e dar vida à reflexão sobre as experiências atuais em tomo destas questões?

38. Na perspectiva teológica, as relações entre Deus, homens e mulheres e com a criação foram rompidas resultando daí modelos de dominação e submissão entre marido e mulher e entre os seres humanos e o resto da criação. A vinda de Cristo rompe o ciclo do pecado responsável pela deformação e destruição do dom das relações humanas, incluindo as matrimoniais. Em Cristo, acaba-se o modelo da dominação e da submissão; as mulheres foram libertadas dos aspectos da “lei” que lhes oprimiam há tanto tempo. Adquiriram o *status*, agora, de “novas criaturas”. Não mais são inferiores, nem devem ser submissas. Os homens também foram libertados, em seu caso, da necessidade de dominar, e podem desenvolver os próprios dons plenamente no contexto da comunidade da nova criação. Tal recriação deverá ser realizada em todas as relações humanas.

39. Os cristãos procuram, agora, entender de novo o testemunho das Escrituras e da Tradição a respeito das relações humanas e particularmente do casamento. Textos como Efésios 5.21-6.9, Colossenses 3.18-4.1 e 1 Pedro 3.1-7 suscitam questões a respeito de sua aplicação às situações presentes.

40. Em Efésios 5.21-6.9 as relações humanas devem ser entendidas novamente à luz do amor de Cristo e de sua autodoação à Igreja; esse amor é a primeira realidade que ilumina as relações todas, em vez de usarmos os relacionamentos com o analogia do amor divino. Assim, o escritor refere-se à passagem de Gênesis 2.24 (sobre deixar o pai para se juntar à esposa) comparando-a com Cristo e a Igreja. Ao se entender a base deste argumento toma-se claro que o relacionamento de marido e mulher, pais e filhos, senhor e escravo, vistos em geral em termos de poder do primeiro sobre o segundo, são transformados pelo amor autodoador de Cristo. As relações dentro da comunidade cristã não podem obedecer aos modelos humanos costumeiros, mas segundo a nova maneira na qual Cristo é cabeça da Igreja que lhe é submissa. Todo o poder e todos os relacionamentos devem ser transformados na base do amor de Cristo pela Igreja e do amor da Igreja pelo Senhor. Tais transformações não foram.

necessariamente completadas no final do período neotestamentário. Por exemplo, o relacionamento transformado do senhor cristão com o seu escravo cristão, no âmbito da instituição da escravidão, descrito por Paulo na Carta a Filemon, no seu tempo próprio, depois de muitos séculos, constituiu-se num fator decisivo que levou as igrejas a repudiar inteiramente a escravidão e a trabalhar em favor de sua abolição.

III. Ministérios da Igreja

41. O ministério e a ordenação de mulheres levantam inúmeras questões complexas. A gama e diversidade de questões surgidas e de posições tomadas podem ser facilmente percebidas pela comparação de relatórios e outros textos de diferentes origens: estudo do CMI sobre “Comunidade de Mulheres e Homens na Igreja” (1977-1981), declaração Católica Romana *Inter Insigniores* sobre a ordenação de mulheres (1977), e o Relatório da Conferência Pan-Ortodoxa em Rodes, em 1988, sobre “O lugar da mulher na Igreja Ortodoxa e a questão da ordenação de mulheres”.

42. As consultas de Unidade e Renovação em Praga e Benin e a reunião do Grupo de Trabalho em Leuenberg estudaram naturalmente o assunto e reconheceram os seguintes pontos de concordância: (a) necessidade de ver o ministério ordenado e o *episcopo* na Igreja como dons de Deus para servir na edificação da comunidade cristã; e (b) existência de diversos ministérios de mulheres e homens reconhecidos em todas as igrejas considerados carismas exercidos na vida da Igreja. Também reconheceram: (a) a necessidade de estudo bíblico e histórico do assunto; e (b) o fato de que não há consenso entre as igrejas na questão da ordenação de mulheres para o pleno ministério da palavra e do sacramento (sacerdócio). Os parágrafos 43-46 abaixo expressam resumidamente as concordâncias de que falamos. Os parágrafos 47-51 indicam *questões* (não respostas) levantadas pelo debate hermenêutico. Os parágrafos 52 e 53 referem-se a pressões e ansiedades produzidas pela falta de consenso, referida acima.

43. O povo de Deus (*laos tou theou*) inclui todos os membros da Igreja - clero e laicato - de tal maneira que a hierarquia não

pode ser vista em oposição aos leigos, nem ignorar a igualdade de todas as pessoas diante de Deus. Falsas noções de poder (ver VI, 17-23) impedem o exercício da plena diversidade de dons no mesmo corpo de Cristo ao limitar o nível de participação de mulheres - e até mesmo de alguns homens - em boa parte da vida institucional das igrejas.

44. Urge trabalharmos muito para reconciliar as aparentes “oposições” encontradas nas diferentes correntes de linguagem bíblica e concretizadas hoje em dia em diversas tendências da política eclesial. Precisamos disso para recuperar a plenitude

O... grupo proveu um lugar para mulheres e homens buscar, numa atmosfera criativa e segura, o significado de ser feito à imagem de Deus. Especialmente, para algumas mulheres, esse envolvimento representou a nova libertação do Evangelho, como nova visão de Deus além da linguagem finita da masculinidade e da paternidade. Chegaram, assim, à nova descoberta de sua própria dignidade fundamental, criada à imagem de Deus, aceitável às vistas de Deus na qualidade de companheiras iguais e valiosas na comunidade renovada com os irmãos na fé.

Flora Winfield sobre o
Grupo de Liturgia das Mulheres, em Oxford

do sacerdócio real de todos os crentes e para entender a “hierarquia” em termos de exercício da única autoridade originada em Jesus, Senhor e servo, e no amor do Deus Triúno.

45. Os leigos deveriam ser incentivados e capacitados a reconhecer os próprios dons no âmbito da diversidade maior dos ministérios laicos. A maior participação dos leigos num número também maior de ministérios produziria importantes mudanças no interior da vida da Igreja. O ministério dos leigos não se restringe à vida interna da Igreja, mas expressa-se especialmente na maneira como vivem e agem na sociedade.

46. Dentro da diversidade de ministérios dos *leigos* é necessário afirmar o trabalho das mulheres cristãs - sejam mães,

domésticas, agentes eclesiais na sociedade, em profissões seculares e em diversos empregos.

47. O lugar das mulheres nos, ministérios ordenados da Igreja já é matéria mais complexa. Historicamente falando, a redução da multiplicidade e diversidade de ordens de homens e mulheres na vida da Igreja (por exemplo, viúvas, virgens, diaconisas, leitoras, subdiaconisas etc.) resultou na ênfase exagerada de papéis exercidos por homens, e em algumas igrejas à quase exclusiva limitação aos homens de posições de governo e de decisões. Na mesma medida em que o lugar dos diáconos masculinos. no culto e na liderança tomava-se cada vez mais importante, algumas formas de *diakonia* (“serviço” no sentido mais humilde do termo!) eram relegadas principalmente às mulheres (cf. capítulo VI, parágrafo 2 1). Há movimentos hoje em dia para a reinstalação de um maior número de ordens dentro da vida da Igreja.

48. Bíblicamente falando, à luz do contexto mais amplo refletido no parágrafo 43 acima a respeito do ministério na Igreja, é possível examinar com novo discernimento as referências do Novo Testamento sobre os papéis representados pelas mulheres. Por exemplo, a imagem positiva de Lídia (At 16.14 e 15), de Febe (Rm 16. 1 e 2) ou de Cloé, (1 Co 1. 11) podem se colocar ao lado de outras que nos parecem mais negativas.

49. Mas a interpretação adequada de textos bíblicos relacionados com o ministério de mulheres na vida da Igreja ainda é matéria complexa. Um olhar sem preconceitos a algumas passagens sobre culto (em particular 1 Co . 11. 13~ 16) mostra que as mulheres não são excluídas *a priori* dessa atividade; na verdade, quer-se garantir que elas tenham “espaço” para a oração e a profecia. Embora reconhecendo estes fatos, muitos cristãos dizem que Deus Criador deleitou-se em honrar homens e mulheres com dons e responsabilidades especiais e diferentes, concluindo que eles e elas devem ter suficiente sensibilidade para a necessidade da manutenção de certa distinção entre ambos.

50. Outras passagens falam da pregação e do ensino de mulheres na Igreja. Paulo na Segunda Epístola aos Coríntios 11.3 e 4 diz que Eva foi enganada pela serpente, e espera que seus leitores não sejam da mesma maneira “desgarrados”; neste caso, a imagem de Eva inclui todos os seus leitores, mulheres e homens, assim como em outras passagens a imagem de Adão também inclui homens e mulheres. Contrastando com isso, 1 Timóteo 2. 11 - 15 ressalta a prioridade de Adão sobre Eva que “seduzida, caiu em transgressão”. Se tomássemos literalmente 1 Timóteo 2.12 as mulheres estariam excluídas de muitos ministérios no passado e agora, incluindo o próprio ministério de determinadas mulheres reconhecidas pela Igreja como santas.

Algumas igrejas ordenam homens e mulheres, enquanto outras ordenam apenas homens. Estas diferenças criam obstáculos no que diz respeito ao reconhecimento mútuo dos ministérios. Mas estes obstáculos não devem ser considerados impedimentos decisivos a outros esforços que tenham em vista o mútuo reconhecimento. A abertura recíproca comporta a possibilidade de o Espírito falar a uma Igreja por meio da compreensão de outra. As considerações ecumênicas deveriam, pois, animar e não refrear o esforço para encarar de frente este problema.

Batismo, Eucaristia e Ministério, parágrafo 54.

51. Segundo muitos estudiosos e teólogos do Novo Testamento e da Tradição estes textos levantam diversas questões fundamentais de interpretação. Entre elas estão as seguintes:

- Estariam as passagens paulinas de tal maneira condicionadas pelo contexto cultural específico (cultura judeu-helênica do primeiro século) que não mais se aplicariam a culturas diferentes de outras épocas?
- Se tais passagens se aplicam universalmente, refletem a ordem da criação estabelecida por Deus que continua a impedir a ordenação de mulheres ao ministério sacerdotal? Ou não passam de resposta condicionada pela época a distorções da ordem da criação causada pela pecaminosidade humana e, portanto, não mais aplicáveis à luz do que reconhecemos ser a igualdade fundamental de mulheres e homens em Cristo?
- Se este último for o caso, terá a nova ordem da redenção inaugurada por Jesus Cristo superado as conseqüências do pecado humano e assim aberto todos os ministérios da Igreja a homens e mulheres igualmente?
- Ao considerar estas questões hermenêuticas como deveríamos relacionar a Tradição, e sua expressão da Igualdade de mulheres e homens em termos de Igual acesso à salvação em Cristo, às distinções de funções adequadas nos ministérios da Igreja?
- De que maneira as várias particularidades da humanidade de Jesus - era judeu, viveu numa época especial, falava certas línguas e era homem - relacionam-se com a representação do Cristo ressurreto na vida da Igreja? Que sentido tem hoje para os cristãos a ênfase tradicional no último destes fatores, isto é, a masculinidade de Jesus?

52. É muito difícil formular estas perguntas de maneira que não prejudiquem as respostas a partir de um ou de outro ponto de vista. A questão da ordenação de mulheres continua dividindo o movimento ecumênico. O diálogo sobre este tema é essencial para a continuação de boas relações entre igrejas que experimentam este tipo de divisão; não se pode ignorar a questão uma vez que afeta de, diferentes maneiras, segundo práticas eclesias também diferentes, as relações entre mulheres e homens na Igreja.

53. As relações entre as igrejas fazem parte da busca da plenitude da unidade cristã na verdade. Cada Igreja, ordenando ou não mulheres, precisa estudar, seriamente a matéria, pedindo a orientação do Espírito Santo à luz das Escrituras e da Tradição. A disposição de entrar neste estudo não pressupõe determinado resultado; requer apenas o desejo de discernir a

verdade e encontrar o momento adequado e o modo próprio para dar a resposta, seja qual for. Tal discernimento, no caso, envolverá consideração do lugar do tema da ordenação de mulheres em relação com outros problemas e oportunidades, e a estimação de seu significado para a vida da Igreja como sinal da renovação da comunidade humana.

Porque o tema da comunidade de mulheres e homens afeta todas as sociedades humanas... transforma-se num lugar especial para testar a reivindicação cristã de ter recebido a verdade de Cristo que ilumina toda a experiência humana

D. COMUNIDADE DE MULHERES E HOMENS: DESAFIO E ESPERANÇA

54. As feridas causadas pela esperança desapontada e pelos esforços fracassados, a falência ocasionada pelo racismo, pelo sexismo, pelos preconceitos de idade e por todas as outras barreiras existentes entre os seres humanos, são curadas na Igreja quando em Cristo mulheres e homens cristãos a partir da própria experiência de falha e cura, de divisão e de recriação, vão ao encontro das necessidades dos outros.

55. Porque o tema da comunidade de mulheres e homens afeta todas as sociedades humanas, ao longo da diversidade das nações, raças e estruturas políticas, transforma-se num lugar especial para testar a reivindicação cristã de ter recebido a verdade de Cristo que ilumina toda a experiência humana. A Igreja enquanto mistério e sinal profético é chamada a demonstrar de maneira especial de que maneira mulheres e homens foram criados à imagem e semelhança de Deus.

56. Deus que nos criou homens e mulheres chama-nos à comunidade. Cristo que se identifica com o nosso sofrimento chama-nos para ser o seu corpo. O Espírito Santo que nos fortalece para o testemunho e para o serviço envia-nos como

agentes de Deus, e seus cooperadores, para o novo céu e para a nova terra.

Questões para reflexão e discussão

1. Você nota em sua sociedade mudanças importantes a respeito do papel e das relações de mulheres e homens?
2. Como você experimenta em sua igreja problemas relacionados com a comunidade de mulheres e homens?

CAPÍTULO VI

Discipulado e comunidade

1. A fonte e centro da comunidade cristã é a vida no Cristo ressurreto. É uma comunidade de renovação, povo peregrino, mulheres, homens e crianças, chamados na fé, andando sob a luz de uma estrela, aquecidos por um pilar de fogo e alimentados com pão ao longo da jornada.

2. As Escrituras e a história cristã oferecem ricos recursos para os que desejam viver em comunidade cristã hoje. Por exemplo, Maria, mãe do Senhor, é importante figura para os que procuram entender a plena dimensão da vida em comunidade cristã.

- Maria recebe a Palavra de Deus e responde diretamente de sua fé, acreditando no cumprimento da promessa de Deus apesar de lhe parecer estranha (Lc 1.26-38).

- Maria participa a Isabel as boas novas das obras maravilhosas de Deus em favor de seu povo e louva a Deus por tudo o que fez por ela e pelos pobres e humildes (U 1.46-55).

- Maria medita sobre o significado do nascimento de Jesus, sofre perigos e exílio por isso, e tudo faz para entendê-lo enquanto cresce até a maturidade (Lc 2.19; Mt 2.13-23; Lc 2.41-51).

- Maria esforça-se, com o resto da família imediata de Jesus, para entender todas as implicações de seu modo de serviço desinteressado e para aprender a base da verdadeira relação com Cristo. (Mc 3.31-35; Lc 18.19 e 20, cf. Mt 12.46-50, Lc 8.19-21).

- Maria desaparece entre homens e mulheres que seguem seu filho até reaparecer junto à cruz e para acompanhar o corpo dele até o túmulo (Jo 19.25-27; Mt 27.55-61).

- Finalmente, Maria estava entre os discípulos, mulheres e homens, no cenáculo antes de Pentecostes. “Todos, unânimes, eram assíduos à oração” e aguardavam a “promessa do Pai”. Com eles, ela ficou cheia do Espírito Santo e foi assim chamada à nova comunidade (At 1. 12-14, 2. 14, 2.42 e 4.32-35).

Penso seguidamente em Maria

Sofri tanto quando prenderam o meu filho. Quando fui perguntar onde ele estava me disseram que não sabiam. Procurei e procurei, mas não podia encontrá-lo. Finalmente apareceu o seu cadáver, sua cabeça num lugar e o corpo noutra. Desmaiei quando o vi. Pensei no sofrimento da mãe de Jesus quando lhe disseram que seu filho havia sido preso. Certamente foi também procurá-lo até que um dia viu-o morrendo e ajudou a enterrá-lo. E por isso que eu acho que ela entende o meu sofrimento e me ajuda a prosseguir.

Texto de uma mulher de El Salvador,
recitado no Dia das Mães, 1983

3. Como em Pentecostes, os cristãos de hoje precisam do auxílio do Espírito Santo para ouvir juntos o que Deus está dizendo para seu povo. As questões sobre a promoção da justiça e da comunidade de mulheres e homens envolvem necessariamente reflexão a respeito da língua e de temas como poder, fortalecimento e serviço.

A. LÍNGUA, LINGUAGEM E COMUNIDADE

4. A língua é um dos principais meios utilizados por indivíduos e comunidades - incluindo as cristãs - para comunicação, e para moldar, compartilhar e defender a própria identidade e os mais profundos valores. Entretanto, certas línguas particulares podem adquirir formas e ser usadas para incluir pessoas ou grupos ou para excluí-los. da comunidade. O uso cuidadoso da língua pode ser poderoso instrumento de edificação da comunidade; mas se for insensível é capaz de refletir estereótipos e reforçar sexismo; racismo, preconceitos de idade, e outros elementos de alienação e injustiça, prejudicando a comunidade.

5. A língua modela e é ao- mesmo tempo modelada pelas comunidades onde é usada. Pode reforçar crenças e atitudes da comunidade, mas também provocar mudanças e desenvolvimentos enquanto ela mesma muda e se desenvolve. Além disso, as línguas humanas diferem bastante umas das outras como, por exemplo, na maneira. como expressam o gênero. Podem ser mais ou menos inclusivas. Algumas empregam variadas formas para distinguir os termos femininos dos masculinos, bem como pronomes para os dois gêneros, enquanto pouca diferença fazem entre os gêneros do ponto de vista gramatical.

6. Deve-se dar muita atenção às possibilidades de distinção e aos problemas de expressão nas línguas em uso. Esse fato se torna muito importante em contextos multilíngüísticos. Certos problemas e questões particulares de uma língua dominante., como, por exemplo, o inglês, não devem ser projetados para outros contextos língüísticos. A ausência desses problemas em outras línguas não quer dizer que eles não existam em comunidades onde o inglês predomina. Deve-se ter cuidado para não deixar que o uso de certa língua se torne instrumento de dominação especialmente em contextos internacionais e ecumênicos.

7. Em muitos casos a busca de justiça e de uma comunidade mais plena de mulheres e homens tem suscitado a busca de linguagem mais inclusiva bem como a disposição de se mudar certas formas herdadas de linguagem. Uma vez que as línguas não são estáticas, mas mudam e se desenvolvem com o passar do tempo, certas palavras e frases, que antigamente incluíam todas as pessoas na Igreja ou na comunidade cristã, talvez não mais consigam expressar a plena catolicidade do povo de Deus. Quando boa parte da comunidade cristã não mais entende certos termos e até mesmo frases - e se sente excluída pelo seu uso - está na hora de se prestar atenção ao fato. A linguagem da comunidade cristã, acima de tudo, deveria servir para construir a vida da comunidade e de seus membros respeitando a diversidade existente.

8. Ao mesmo tempo deve-se reconhecer que onde a linguagem já é inclusiva nem sempre esse fato resulta. numa

comunidade também inclusiva. A linguagem e seu relacionamento com diversos elementos na comunidade é questão complexa tanto a respeito de agrupamentos sociais e culturais como em relação com a comunidade de mulheres e homens.

9. Enquanto os cristãos buscam realizar uma comunidade mais plena surgem temas cada vez mais complexos sobre o uso da linguagem na vida da Igreja, na teologia e no culto. Examina-se hoje seriamente a linguagem usada para falar de Deus e para falar com ele, para traduzir as Escrituras, para se fazer teologia e na elaboração do culto, bem como nos hinos.

Quando boa parte da comunidade cristã não
mais entende certos termos e até mesmo frases
- e se sente excluída pelo seu uso - está na
hora de se prestar atenção ao fato

10. Estas preocupações envolvem questões teológicas fundamentais e não podem ser resolvidas isoladamente. Por exemplo, os teólogos concordam que Deus não se limita às formas humanas de pensamento e linguagem, e que o uso de terminologia masculina como “Pai” e “Senhor” não significa que Deus seja masculino. Um membro africano da, Consulta de Benin. observou que os modos de se falar e pensar a respeito de Deus capazes de abranger número maior de aspectos da natureza. divina podem ajudar a criar uma comunidade de mulheres e homens mais completa e autêntica: “Os africanos em suas formas tradicionais de pensamento levam a sério os atributos femininos de Deus. Assim, não consideramos as mulheres inferiores aos homens, mas ambos criados para complementação mútua”.

11. Contudo podem surgir problemas complexos e difíceis quando se pretende “traduzir” esta consciência na prática, particularmente em certas línguas, como o inglês, que usa formas gramaticais masculinas (“he” = ele) somente e especificamente para seres vivos masculinos. Deve-se desenvolver um trabalho cuidadoso e sensível para relacionar

perspectivas e possibilidades lingüísticas atuais com os legítimos valores das formas tradicionais da linguagem:

A mãe alimenta o filho com seu leite, mas a nossa querida mãe Jesus alimenta-nos de seu próprio ser.

Juliana de Norwich, *Revelações do Amor Divino*

12. Certos termos tradicionais aplicados a Deus (como “Pai” e “Senhor”) tornaram-se problemáticos para alguns cristãos, que sentem implicações inevitáveis, no contexto lingüístico de certas línguas, da “masculinidade” de Deus. Por causa de sua importância na teologia e na história da Igreja a fórmula trinitária tradicional passa a ser particularmente importante neste debate: Algumas pessoas procuram linguagem mais expressiva no contexto de certas, línguas contemporâneas, (como a língua inglesa), da, plena realidade do Deus transcendente, além da linguagem. Por exemplo, uma saída seria suplementar a linguagem masculina de “Pai” e “Filho” com termos que não expressem gênero. (Em inglês os termos “*Creator*” = Criador, e “*Redeemer*” = Redentor, não implicam gênero).^{*} Entretanto, este uso daria sentido diferente às relações entre as três pessoas da Trindade, causando outras dificuldades.

13. A Bíblia emprega grande variedade de imagens para Deus, incluindo número significativo de alusões femininas. Por exemplo, Deus é descrito como rei (SI 99.1, 4; 47.2), pastor (SI 23.1, 80.1), pai (SI 68.5); guerreiro (SI 35.1-3), rochedo (SI 71.3); fortaleza (SI 61.3), muralha (SI 71.3), mãe (Is 46.3 e 4; 49.14 e 15; Os 11.4), água (Ex 19.4.; Dt, 32.11; SI 36.7), galinha (Mt 23.37), parteira (SI 22.9 e 10; Is 66.9), aquele que gera e dá à luz (Dt 32.18). Em Lucas a imagem do pastor em busca da ovelha

^{*} N. do T: O exemplo mostra as dificuldades de tratar o assunto a partir de determinada língua, como o inglês, por exemplo. Em português, nós sabemos, “Criador” e “Redentor” continuam sendo masculinos como “Pai” e “Senhor”.

perdida (15.3-7) assemelha-se à imagem da mulher que procura a moeda perdida: (15.8-10) . A linguagem teológica e litúrgica contemporânea ignora, em geral, essa diversidade de imagens que, segundo alguns, ajudaria a comunicar melhor a realidade plena e a transcendência de Deus e evitaria possíveis distorções e limitações de nossa fala a respeito de Deus.

14. Quando se traduz a Bíblia sempre surgem problemas. Algumas línguas modernas podem oferecer possibilidades de expressão não imaginadas pelos escritores bíblicos, enquanto que, por outro lado., as línguas bíblicas originais possuíam sua própria riqueza de significado nem sempre transmitida adequadamente nas traduções. Por exemplo, no Antigo Testamento Deus é descrito freqüentemente pela expressão “misericordioso e compassivo” (Dt 4.31; Ne 9.17; SI 78.38, 111.4, 145.8; Jl 2.13; Jn 4.2). O adjetivo traduzido por “misericordioso” em Hebraico é. *rahum* derivado do substantivo *rehem*, que significa “útero”, dando assim na língua hebraica conotações dificilmente expressas nas traduções para outras línguas.

15. Nas áreas de culto e de cânticos, os problemas levantados pelo esforço de se usar linguagem inclusiva envolve também considerações de poesia, ritmo e métrica. Neste caso, torna-se particularmente importante demonstrar sensibilidade diante das qualidades e possibilidades específicas da língua em questão.

16. Os cristãos devem continuar a refletir; em cada lugar, a respeito das questões de linguagem e de seu uso, sensíveis à necessidade de ser fiel às Escrituras e à Tradição, e ao mesmo tempo . aceitável e convincente a homens e mulheres hoje: As palavras usadas devem, seguramente, moldar, sustentar e comunicar o fato de que a comunidade cristã fundamenta-se na Palavra de Deus, que é Jesus Cristo, e se dirige a todos os homens e mulheres.

B. PODER, AUTORIDADE E SERVIÇO .

17. Vida em comunidade - incluindo, naturalmente, a comunidade cristã - envolve inevitavelmente exercício de poder. A compreensão adequada do, poder e de seu uso torna-se criativa dentro da vida da comunidade, mas nem sempre é assim. Muitas vezes o poder é usado de maneira a deformar a vida

comunitária e a impedir o pleno desenvolvimento dos dons de seus membros. O mau uso do poder por indivíduos egoístas expressa desastrosamente a pecaminosidade humana e nega sinceros esforços para a construção da comunidade verdadeiramente cristã e humana. O empenho pela correta compreensão do poder e de seu exercício é fundamental para a busca da justiça e das novas formas de comunidade de mulheres e homens.

18. Devemos escolher entre poder quantitativo e poder qualitativo. Trata-se de uma escolha fundamental. Se o poder for quantitativo, qualquer ganho em poder por uma pessoa representará necessariamente a perda de poder de outra; se for qualitativo, poderá ser compartilhado de tal maneira que maior quantidade de poder se fará disponível para o crescimento dos indivíduos e das comunidades. Em qualquer Igreja, a hierarquia deve ser um exercício consciencioso e intencional, em amor, desse poder qualitativo segundo o modelo oferecido por Jesus.

19. Assim, as palavras e o exemplo de Jesus continuam a desafiar e a corrigir os cristãos nessa tendência de deformar as relações humanas pela maneira como entendem e exercem o poder. A maneira como entendemos o poder influencia nossa compreensão das estruturas eclesiais, bem como a conduta dos ministros e os demais relacionamentos na Igreja. Quando o conceito quantitativo do poder afeta e limita o serviço e o ministério, a vida interior da Igreja e sua missão no mundo acabam inevitavelmente em fracasso. Isso acontece tanto em igrejas hierarquicamente organizadas como nas menos estruturadas, pois em todas elas o exercício do poder é sempre necessário e fica sujeito a distorções.

20. Um dos resultados negativos do exercício distorcido do poder é, em geral, a clara fixação de papéis imutáveis entre líderes e liderados. Os relacionamentos se fecham estaticamente a novas maneiras de pensar e agir, ressaltando as diferenças entre as partes envolvidas: serão sempre doadores e recebedores, ministros e ministrados. Nessa situação, não é possível qualquer reciprocidade, nem intercâmbio, resultando daí sérios prejuízos para a integridade das pessoas e para a vida e missão da

comunidade toda. Os dons dos membros de comunidades desse tipo não são usados nem reconhecidos e jamais descobertos.

21. As falsas noções de poder e seu mau uso também deformam o conceito cristão central de serviço. As comunidades cristãs reconhecem a importância do serviço humilde, ensinado por Jesus aos discípulos, que vai desde a lavagem dos pés dos discípulos à disposição de ocupar o último dos lugares. Entretanto, na prática, “serviço” quer dizer coisas diferentes para diferentes grupos dentro da comunidade: por exemplo, significa para as mulheres certas atividades como “servir às mesas”, enquanto que para os homens tem a ver com posições de liderança (cf. capítulo V, parágrafo 47). Neste caso, o convite evangélico de serviço, dirigido a todas as pessoas acabou se deteriorando em relações estáticas de poder de um lado, e de falta de poder, de outro. Esta situação tem sido incentivada pela Falsa “piedade” da submissão das mulheres e de outras pessoas excluídas dos processos decisórios, reforçada pela pregação aberta, certa exegese bíblica e orientação espiritual; e por meio o que “se espera” na vida da Igreja. Estas coisas são semelhantes ao que acontece nas relações seculares injustas.

22. Ao procurar corrigir tais distorções a comunidade cristã inspira-se no próprio Jesus Cristo. Nas narrativas do Evangelho todos os contatos com Jesus abrem portas para uma vida abundante tanto para indivíduos como para comunidades. Ele é um mestre que não se impõe como tal sobre os outros, e não serve sem servilismo. Quando alago e João pedem que lhes seja concedido, um *status* especial no futuro Reino, Jesus não os repreende por isso, mas lhes mostra que estão pensando como os chefes políticos pagãos que tudo fazem para se “impor” sobre seus súditos. Propõe-lhes um modelo alternativo, de poder que é a missão do Filho do Homem de servir em vez de ser servido, e de dar a vida como resgate por muitos (Mc 1.35-45).

23. A Igreja é chamada a seguir, com a ajuda, do Espírito Santo, este modelo para a sua vida de comunidade cristã. Ao assim fazer pode se transformar em sinal e instrumento da novação da comunidade humana, e em forte testemunho da vontade de Deus para que mulheres e homens tenham vida verdadeiramente abundante.

C. A VIDA DA COMUNIDADE CRISTÃ

24. As comunidades cristãs assumiram diferentes formas ao longo da, história nas inúmeras situações culturais onde o Evangelho foi pregado. As marcas dessas comunidades podem variar dependendo de contextos históricos, culturais e geográficos onde se estabeleceram. Mas uma coisa permanece imutável que é sua origem e alvo final em Cristo, e o constante cuidado, no mesmo espírito de. Cristo, pelos outros, tanto na comunidade como no mundo. Tal comunidade renovada alegre-se com os dons do povo e o capacita a se oferecer para servir Igreja e a sociedade. Esses dons não se limitam a escutar e cuidar dos outros, a desafiar e fazer as coisas certas, à justiça, az e alegria., mas também são dons completamente novos, oferecidos mediante a experiência de transformação por meio do Espírito.

25. O Espírito glorifica o Senhor Jesus Cristo na vida da comunhão cristã com o Deus Triúno; o Espírito receberá do que é seu e nos anunciará. (Jo 16.14 e 15):

- A comunidade cristã é inclusiva porque Jesus procurou alcançar todas as pessoas com sua mensagem de salvação e com seu cuidado amoroso.

A felicidade não se encontra no domínio sobre os outros, ou no desejo de ter mais do que os irmãos mais fracos, nem na posse de riquezas ou de desmandos sobre os inferiores. Ninguém poderá ser imitador de Deus dessa maneira, pois tais coisas estão completamente fora da sua grandeza.

Epístola a Diogneto

Nenhum indivíduo ou grupo que tenha respondido à chamada para o

discipulado de Jesus pode ser excluído da comunidade, nem diminuído. de importância em sua vida e trabalho. Nem tampouco poderá alguém ser subjugado ou dominado pelos mais poderosos dentro, da comunidade.

- Assim como Jesus se relacionava com pessoas de todos os tipos e recusava aceitar os padrões convencionais que consideravam alguns “aceitáveis”, assim também a comunidade cristã aceita e celebra a abertura e a diversidade em sua vida. A comunidade do corpo de Cristo aceita pessoas de todos os níveis de vida, desde os mais marginalizados até os que estão no centro da sociedade.

- Assim como Jesus desafiava os seus seguidores a se comprometer com o Reino e oferecer seus melhores dons a seu serviço, assim também a comunidade cristã incentiva a plena participação de seus membros e o desenvolvimento de seus dons. Homens e mulheres bem como velhos e jovens têm espaço para perceber a própria identidade de filhos de Deus.

- Assim como Jesus convocava seus seguidores para crer no Evangelho, assim também a comunidade cristã quer crescer na fé. Entende; porém, que questionamentos, procura e dúvida fazem parte do processo de crescimento.

- Assim como Jesus chamava mulheres e homens para o seu serviço, assim também a comunidade cristã incentiva o desenvolvimento dos dons de homens e mulheres, para que sejam de fato irmãos e irmãs no Senhor e não mais estranhos entre si. Trata-se de uma comunidade de amor e amizade onde a sexualidade humana não será ignorada nem abusada, mas afirmada enquanto dom divino na criação.

- Assim como Jesus proclamava que a gente só recebe vida quando a perde, assim também a comunidade cristã vai se caracterizar pela auto-doação, auto-sacrifício de todos e amor. Nela as pessoas têm o mesmo valor, sem superiores nem inferiores, sem dominadores nem dominados. Procura organizar a vida segundo esses ideais, e busca estruturas de autoridade e de disciplina comunitária com esta visão da justiça na comunidade.

- Assim como Jesus se voltava para os doentes e os aflitos e aliviava suas feridas, assim também a comunidade cristã empenha-se na cura do espírito, da mente e do corpo; e é, então, chamada a ser comunidade de cura dentro da família humana em geral, e para ela.

- Assim como Jesus chamou seus seguidores para peregrinar na direção do futuro, assim também a comunidade cristã, sempre imperfeita, dispõe-

se a crescer no Espírito, para ser comunidade de perdão e de capacitação onde todos são aceitos como são e desafiados e se transformar naquilo que Deus quer que eles sejam.

- Assim como Jesus fortalecia os seus seguidores com a proclamação da palavra de Deus e instituiu entre eles a refeição de perdão, de ação de graças e de comunhão, assim também a comunidade cristã, no poder do Espírito Santo, será sustentada e renovada por esses mesmos meios da graça de Deus. Aí estão as fontes mais profundas para que a Igreja se torne sinal de justiça e comunidade para toda a humanidade, até que venha a ser celebrada no Reino de Deus a mais perfeita justiça e a plena comunhão.

As marcas da .comunidade cristã podem variar...

Mas uma coisa permanece imutável que é sua origem e alvo final em Cristo, e o constante cuidado, no mesmo espírito de Cristo, pelos outros, tanto na comunidade como no mundo

Questões para reflexão e discussão

1. Que questões sobre linguagem têm surgido em sua comunidade ou igreja? Como são tratadas?
2. As experiências do exercício de autoridade em sua igreja servem para capacitar os membros da comunidade? Que mudanças você gostaria que acontecessem?
3. Você concorda com a descrição de comunidade cristã apresentada neste capítulo? Você gostaria de alterar ou mesmo acrescentar alguma coisa?

CAPÍTULO VII

Unidade e Renovação: promessa escatológica

Regozijai-vos na esperança,
perseverai na tribulação e sede assíduos na oração.

Romanos 12.12

1. Ao longo deste estudo os motivos controladores de Unidade e Renovação em relação com a Igreja e com a comunidade humana dependeram das promessas de Deus na perspectiva do Reino. As seguintes afirmações foram feitas neste documento, fundamentadas na esperança cristã com a finalidade de incentivar a ação cristã.

- A completa realização do governo de Deus ainda está por vir. Deus tem a palavra final. O futuro lhe pertence.
- A Igreja nasceu como mistério a fim de ser sinal profético e instrumento efetivo do Reino de Deus. A Igreja não é o Reino, mas é portadora das promessas desse Reino.
- Enquanto mistério e sinal profético a Igreja deve agir a favor da justiça, que é um dos aspectos constitutivos do Reino de Deus. A contribuição específica dos cristãos consiste em aplicar os princípios da vida e ensino de Jesus Cristo, que embora sendo homem justo foi crucificado e morreu na cruz (cf. Lc 23.47), às situações concretas de injustiça em nosso mundo. E a Igreja deve expressar essa mesma justiça em sua própria vida, para ser sinal e promessa do Reino escatológico de justiça ainda por vir.
- Igreja deve proclamar por palavras e atos a igualdade fundamental de mulheres e homens, criados à imagem de Deus e chamados agora à maturidade na imagem de Cristo, o primogênito de toda a criação, que ressuscitou dentre os mortos e agora reconcilia todos consigo mesmo (cf. Cl 1.15-2ü, 28). A Igreja deve ser uma comunidade que usa o poder para servir e não arbitrariamente para excluir pessoas, que promove relações de reciprocidade e comunhão, que promove o pleno exercício dos carismas derramados sobre o povo de Deus, e que corrige qualquer uso de linguagem destinado a perpetuar preconceitos e desigualdades.

- A visão do Reino vindouro de Deus julga indivíduos e congregações cristãs. Somos chamados ao arrependimento e nos é oferecido o dom da graça que renova. A renovação não é jamais para nosso único benefício. Ela é dada para a renovação da comunidade humana, fazendo com que a Igreja venha a ser sinal e instrumento mais efetivos. Nesta renovação a Igreja e o mundo ficam lado a lado.
- O julgamento procedente da visão do Reino de Deus sobre a Igreja revela a verdade a respeito da desunião. As divisões dentro das igrejas e entre elas são forças demoníacas que diminuem a eficácia da Igreja como sinal e instrumento.
- O dom da unidade surpreenderá a Igreja, pois essa unidade será manifestada quando, fiel às promessas de Deus, a Igreja servir ao mundo no qual se situa.

2. Esta dimensão da esperança cristã, fundamentada nas promessas de Deus, é nossa fonte de alegria mesmo em meio de tribulações, e incentivo à vida de oração. O modelo tríplice de esperança, perseverança na tribulação e oração nos ajuda a por em foco estas reflexões doxológicas concludentes.

A. REGOZIJAI-VOS NA ESPERANÇA

3. Os cristãos proclamam no segundo artigo do Credo Niceno que ele “de novo há, de vir com glória”. Quando proclamamos que Cristo retornará, afirmamos nossa fé numa história que não terminará em caos, mas naquele com a qual começou, Alfa e Ômega.

Aos que perguntam, “Que vai acontecer ao mundo?” nós respondemos, “Seu Reino está chegando”. Aos que perguntam, “Que temos pela frente?”, respondemos, “Ele, o rei, que nos confronta”. Aos que perguntam, “(Que podemos esperar?”, respondemos que não esperamos a desolação escura de um tempo sem sentido destinado a um fim que ninguém ousa predizer; vislumbramos a presença do Senhor vivo, juiz e salvador, que morreu e vive agora para sempre, que veio uma vez, está vindo, e reinará pelos séculos dos séculos.

Christ - The Hope of the World, p. 7.

4. Contudo existe ainda certa tensão entre a inauguração do Reino de Cristo e sua completa realização. A salvação de cristãos individuais é apenas parte da tão esperada redenção da criação inteira. Assim, os cristãos aguardam com intensa esperança a consumação final da dádiva divina da nova vida, já

concedida à história de nosso mundo na ressurreição de Cristo, o Senhor crucificado.

5. Esta perspectiva de esperança expressa-se com ênfase especial no último livro da Bíblia, o Apocalipse. Sua promessa escatológica relaciona-se com todas as pessoas agora em sofrimento: “Ele enxugará toda lágrima dos seus olhos, pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor e nem dor haverá mais” (Ap 21.4). As comunidades humanas também serão vistas à luz dessa esperança. A visão da “cidade santa”, da “nova Jerusalém” e, por fim, “do novo céu e da nova terra” ilumina e instrui nossa responsabilidade e esperança: E não é uma visão utópica. Nós não somos os arquitetos da nova Jerusalém; não será uma cidade feita pelos seres humanos. Trata-se da cidade de Deus. A própria voz de Deus pronuncia a promessa: “Eis que eu faço novas todas as coisas” (Ap 21.5) . Uma vez que fomos libertados por essa promessa podemos continuar a nossa peregrinação na direção do Reino, sem ilusões utópicas, mas com alegre esperança. A palavra final é de Deus. O futuro lhe pertence. É dele também o juízo final.

6. Os temas do julgamento e do arrependimento têm sido da máxima importância na compreensão dos dois objetivos do estudo, unidade e renovação em relação com a Igreja. Os cristãos proclamam neste ponto no Credo que Cristo “julgará os, vivos e os mortos”. Todos teremos de comparecer perante o julgamento de Cristo, coisa que nos torna humildes. Contudo a visão do julgamento final dá-nos confiança de que a causa da justiça, tão pervertida em nosso mundo pecador, será assumida e restaurada pelo poder de Deus. Os assassinos não triunfarão para sempre sobre suas vítimas.

7. Experimentamos em nossa vida humana grande tensão entre justiça e amor. Segundo o testemunho da Bíblia, justiça e amor não podem andar separados. Os seres humanos não são (justos, mas o juiz é o único que pode ser justo. Os seres humanos não podem escapar de sua própria responsabilidade em face do pecado, mas podem enfrentar o julgamento confiando no amor misericordioso e perdoador de Deus, revelado em Cristo que passou pelo sofrimento e intercede por nós quando estamos diante de Deus.

8. O segundo artigo do Credo Niceno termina proclamando que o Reino de Cristo “não terá fim”: O Cristo ressurreto é exaltado à direita de Deus Pai, administrando o poder de seu Reino. Embora estas coisas só se tornarão perceptíveis no tempo da segunda vinda, a Igreja afirma que já são reais desde agora, embora ocultas aos nossos olhos, mas assim mesmo efetivas. Esta é a nossa esperança e a nossa alegria.

B. PERSEVERAI NA TRIBULAÇÃO

9. Os cristãos compartilham com o resto da humanidade a falência deste mundo como conseqüência da injustiça, do sofrimento e da dor, porém com uma diferença fundamental. É que fomos incorporados em Cristo pelo batismo e assim participamos de seus sofrimentos e da subsequente glória. “O Imundo” tem oprimido e causado sofrimento a membros individuais da Igreja, a congregações e a igrejas cristãs inteiras. Na verdade, é o que acontece agora mesmo em diversas partes do mundo. O sofrimento é e continua sendo uma das marcas características da Igreja daquele que sofreu por nós a fim de que pudéssemos participar no Reino de Deus.

10. Por meio de tal sofrimento a Igreja segue os passos do servo sofredor. Tal sofrimento não deve ser “espiritualizado” (no falso sentido de negar a sua realidade concreta); contudo, ele contém um mistério oculto, uma realidade escatológica. É o que quer dizer a frase: “o sangue dos mártires é semente da Igreja”. Temos evidência de que mesmo hoje em dia nas muitas situações em que os cristãos são oprimidos e sofrem, sua fé esperança no Reino de Deus não se extinguem, mas, pelo contrário, tem sido fortalecida e incentivada. Durante a Consulta de Harlem, as Igrejas Africanas Americanas deram testemunho da experiência dessa verdade:

De um modo muito importante, o mistério expressa-se apocalipticamente como o contrário do que se espera quando um “ninguém”, segundo os preconceitos da sociedade, se transforma em “alguém” por meio da ação de Deus... Os Africanos Americanos têm experimentado no culto que “os últimos serão os primeiros”, que os oprimidos podem sair vitoriosos, e os pisoteados acabar triunfando... A Igreja Africana Americana é um sinal que a Igreja mais ampla se recusa a ver; contudo ela indica o mistério de Deus, o poder de Deus para

transformar e dar poder a pessoas que têm sido menosprezadas e rejeitadas... Trata-se de um sinal que chama a Igreja à unidade e indica caminhos para a renovação humana..." O Senhor. abrirá de certa forma um caminho"...

Relatório da Consulta de Harlem, p. 3, 5, 6;
Mid-Stream, XXVIII, 4, p. 414, 416, 417.

11. A própria existência da Igreja no meio de tanta desgraça e problemas deveria ser um sinal para o mundo de que nunca será abandonado pelo poder sustentador de Deus. A própria Igreja já foi assegurada de que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18) .

12. Quando a comunidade cristã se reúne para adorar a Deus e celebrar a eucaristia experimenta a realidade do Reino de Deus. Essa realidade já existe embora oculta. Na eucaristia por meio dela a comunidade cristã se transforma em comunhão, em irmandade de esperança onde, pelo poder do Espírito Santo, se experimenta a renovação em termos de reconciliação, paz e justiça. Tudo isso acontece na comunidade e é testemunhado perante o mundo. Assim a Igreja é sinal do que Deus está fazendo para a futura renovação da humanidade. Mas ao mesmo tempo a Igreja aguarda a consumação do Reino vindouro, para sua realização e para a realização do mundo. A esperança da Igreja abre-se para o mundo todo. Confia na promessa redentora de Deus que será fiel à inteira criação.

C. SEDE ASSÍDUOS NA ORAÇÃO

Venha o teu Reino!
Os séculos que passam oram de joelhos:
e as almas fiéis desejam ver na terra
o dia daquele Reino.

De um hino de F. L. Hosmer

13. Os cristãos suplicam diariamente na Oração Dominical, "Venha o teu Reino". Enquanto vivemos na Igreja e no mundo cercados pela desunião, expressamos a esperança de que o Reino de Deus possa alcançar os cristãos e se tornar realidade tangível. O fato de que os cristãos repetem essa oração constantemente demonstra que experimentam a dimensão da espera ativa em Deus.

14. A determinação de livrar o mundo da injustiça e da falência vem da oração, da escuta e do amor voltados para Deus. A contemplação e a luta, a oração e a ação redentora são

Devemos entender cada vez mais que as histórias separadas de nossas igrejas só têm sentido pleno quando vistas na perspectiva da ação de Deus com todo o seu povo... Se a fé na Igreja Una de Cristo não for implementada por atos de obediência será certamente morta... Não deveriam nossas igrejas... agir em conjunto em todas as coisas, com exceção apenas de casos em que profundas diferenças de convicção obrigam-nas a agir separadamente?

Terceira Conferência Mundial de
Fé e Ordem, Lund, 1952

respostas conjuntas que vão na direção da unidade da Igreja e da renovação da comunidade humana.

15. Por meio da oração os cristãos são capacitados por Deus para superar as ansiedades sobre o futuro e são libertados para esperar e trabalhar por um mundo mais humano e mais justo.

16. Os cristãos se enchem de esperança no meio de um mundo que parece negar a possibilidade do Reino de Deus, a partir da oração pessoal e do culto na irmandade da comunidade cristã. Apesar de fraqueza e temores podem viver confiando nas promessas de Deus.

17. *E assim oramos:*

Ações de graças e louvores sejam dados a Deus Pai, em cuja direção confiamos. Todas as nações virão com seus variados dons e amparadas pelo teu amor desaparecerão as barreiras e a falhas que separam e destróem a paz, na promessa do novo céu e da nova terra aperfeiçoados pela tua vontade.

- Que a paz “em Cristo” que ultrapassa todo o entendimento aperfeiçoe todos os relacionamentos e traga harmonia à tua criação.

- Que teu poder nos surpreenda e nos assombre.

18. *E assim oramos:*

Ações de graças e louvores sejam dados a Deus Filho, em cuja ressurreição e exaltação participamos para vislumbrar a

natureza da humanidade renovada que excede nossa imaginação e expectativa.

- Que tua fidelidade à missão que Deus Pai te deu seja nosso exemplo e orientação.

19. *E assim oramos:*

Ações de graças e louvores sejam dados a Deus Espírito Santo, em cujo poder criador participamos. Permite que participemos no teu poder de levar à perfeição tudo o que é. Permite que participemos no teu poder de abrir olhos e ouvidos: Que nos regozijemos na tua generosa criatividade.

- *Maranatha.*

- Aleluia. Aleluia. Aleluia.

APÊNDICE I

Textos e materiais relacionados com o Documento de Estudo

I. Relatórios e outros trabalhos de consultas, materiais relacionados

Chantilly, Consulta da França (janeiro de 1985): Relatório, “A Unidade da Igreja e a Renovação da Comunidade Humana: Igreja como Mistério e Sinal Profético”, FO/85:4, última revisão em outubro de 1988 (primeiro rascunho em Chantilly, janeiro de 1985, segundo, em Stavanger, em agosto de 1985, outras revisões em março de 1986 e em julho de 1987). Último texto em alemão: “Die Kirche als Mysterium und Prophetisches Zeichen”, revisão de julho de 1987. Os trabalhos apresentados nesta consulta e a primeira versão do relatório estão publicados em Gennadios Limouris (ed.), *Church, Kingdom, World*, Faith and Order Paper n°- 130, Genebra, CMI, 1986, Relatório: pp. 163-175.

Praga, Consulta da Tchecoslováquia (setembro-outubro de 1985): Relatório e trabalhos apresentados publicados em Thomas F. Best (ed.), *Beyond Unity-in-Tension: Unity, Renewal and the Community of Women and Men*, Faith and Order Paper n° 138, Genebra, CMI, 1988, Relatório: pp. 159-163. Ver também: Martin Cressey, “A Personal Theological/Ecclesiological Reflection on the Prague Consultation”, pp. 147-158, e Thomas F. Best: “Beyond Unity-in-Tension - Prague: The Issues and the Experience in Ecumenical Perspective”, pp. 1-33.

Cingapura, Consulta (novembro de 1986): Relatório, “Unidade e Renovação: O Significado Eclesiológico do Envolvimento das Igrejas em Questões de Justiça”, FO/87:13. O Relatório e a maioria dos trabalhos apresentados foram publicados em Paul A. Crow, Jr. e Thomas F. Best (eds.), “Justice, Unity and Renewal: The Search for Visible Unity and the Churches Involvement in Issues of Justice”, número temático de *Mid-Stream*, v. XXVIII, n° 1, janeiro de 1989, Relatório: pp. 85-102. Dois dos trabalhos estão publicados em Thomas F. Best (ed.) “Unity and Mission: An Ecumenical Challenge”, num número especial de *The Ecumenical Review*, v. 39, n°- 3, julho de 1987. A citação no capítulo IV, parágrafo 21 da p. 45 deste documento de estudo é de Felix Wilfred, “Action Groups and the Struggle for Justice in India: Ecclesiological Implications” (trabalho apresentado na Consulta de Cingapura), em *The Ecumenical Review*, v. 39, n° 3,

julho de 1987, pp. 291-309. O trabalho mencionado no capítulo IV, parágrafo 28 da p. 47 deste estudo é de Padmasani Gallup, “Casteism in the Church - A Case Study” (apresentado na Consulta de Cingapura), em *Mid-Stream*, XXVIII, n° 1, janeiro de 1989, pp. 1-11.

Porto Alegre, Consulta do Brasil (novembro de 1987): Relatório: “Unidade da Igreja e Renovação da Comunidade Humana: O Significado Eclesiológico do Envolvimento das Igrejas em Questões de Justiça”, FO/87:37; revisto em fevereiro de 1988. Publicado com os trabalhos da consulta em Paul A. Crow, Jr. e Thomas F. Best (eds.) “Justice, Unity and Renewal: The Search for Visible Unity and Churches Involvement in Issues of Justice”, no número temático de *Mid-Stream*, v. XXVIII, n°- 1, janeiro de 1989, Relatório: pp. 103-114. (Em Espanhol: “Unidad y Renovación: Informes de la Consulta de Porto Alegre, Brasil”, edição em espanhol para a América Latina, Centro de Estudios Cristianos, Buenos Aires, 1988; também foi publicado “El Significado Eclesiológico del Compromiso de las Iglesias en el Tema de la Justicia”, *Cuadernos de Teología*, IX, n° 2, 1988, pp. 218-228. E em português: “A Unidade da Igreja e a Renovação da Comunidade Humana: O Significado- Eclesiológico do Envolvimento das Igrejas em Questões de Justiça”, 1988.)

Harlem, Consulta dos Estados Unidos (agosto de 1988): Relatório: “Consulta de Unidade e Renovação/Igrejas Negras nos Estados Unidos da América”, FO/88:42. Publicado com os trabalhos apresentados em Paul A. Crow, Jr., (ed.) *Mid-Stream*, v. XXVIII, n° 4, outubro de 1989; introdução editorial de Thomas F. Best, pp. 333-335; trabalhos, pp. 336-368; Relatório, pp. 412-420. A citação no capítulo IV, parágrafo 29 da p. 47 deste documento de estudo é de Preston Williams, et al., “An African American Perspective on the Unity of the Church and the Renewal of Human Community” (apresentado na Consulta de Harlem), p. 8; ver *Mid-Stream*, v. XXVIII, n° 4, outubro de 1989, p. 342.

Porto Novo, Consulta de Benin (setembro de 1988): Relatório: “O Significado Eclesiológico da Comunidade de Mulheres e Homens”, FO/88:44, Relatório e trabalhos apresentados ainda não publicados. A citação no capítulo VI, parágrafo 10, pp. 66 e 67 desde documento de estudo é de Arnold Temple, “The Ecclesiological Significance of the Community of Women and Men: An African Perspective” (apresentado na Consulta de Benin), p. 3.

Unity and Renewal A. Study Guide for Local Groups. Faith and Order Paper n° 136, Genebra, CMI, 1987 (Espanhol: *Unidad y Renovación*, Edição em espanhol para a América Latina, Centro de Estudios Cristianos, Buenos Aires, 1987).

Thomas . F. Best, compilador, “Unity and Renewal - A Working Bibliography”, 26 de julho de 1990.

II. Encontros dos Grupos de Trabalho de Fé e Ordem e Unidade e Renovação

Montreal (1963): “Scripture, Tradition and traditions” em P. C. Rodger e L. Vischer (eds.), *The Fourth World Conference on Faith and Order: Montreal, 1963*, Faith and Order Paper n° 42, Londres, SCM Press Ltd., 1964, pp. 50-61.

Lima (1982): trabalhos relacionados e relatórios de grupos em Michael Kinnamon (ed.), *Towards Visible Unity*, v. 1 e 2, Faith and Order paper n° 112 e 113, Genebra, CMI, 1982, v. 1, pp. 111-124; v. 2, pp. 123-130:

Creta (1984): “The Unity of the Church and the Renewal of Human Community-Programme Outline”, em Commission on Faith and Order: Minutes of the Meeting of the Standing Commission, 1984, Creta, Faith and Order Paper n° 121, Genebra, CMI, p: 32-52.

Stavanger (1985): Relatórios dos grupos e trabalhos relacionados em Thomas F. Best (ed.), Faith and Renewal: Commission on Faith and Order, Stavanger 1985, Faith and Order Paper n° 131, Genebra; CMI, 1986, pp. 107-114, 166-221.

Potsdam (1986): “Unity and Renewal”; em *Minutes of the Meeting of the Standing Commission 1986, Potsdam*, Alemanha Oriental, Faith and Order Paper n° 134, Genebra, CMI, 1986; pp. 42-45.

Madri (1987): “The Unity of the Church and the Renewal of Human Community”, em *Minutes of the Meeting of the Standing Commission, 1987, Madrid, Spain*, Faith and Order Paper n° 145, Genebra, CMI, pp. 14-15, 83-89.

Boston (1988): “The Unity of the Church and the Renewal of Human Community: Report, em Minutes of the Meeting of the Standing Commission, 1988, Boston; USA, Faith and Order Paper n° 145, Genebra; CMI, pp. 10-14, 97-99.

Budapest (1989): Relatórios de grupos e trabalhos relacionados em Thomas F. Best (ed.), *Faith and Order 1985-1989: The Commission Meeting at Budapest 1989*, Faith and Order Paper n° 148, Genebra, CMI, 1990, pp. 134-162.

Leuenberg, Suíça (1989): “The Unity of the Church and the Renewal of Human Community: A Study Document for the Churches” (FO/89:6).

Mandeville, Jamaica (1990): “Church and World: The Unity of the Church and the Renewal of Human Community” (FO/89:6 rev.).

Dunblane, Escócia (1990): “Report from the Unity and Renewal Steering Group: Revisions of the Study Document”, em *Minutes of the Meeting of the*

Standing Commission, 1990, Dunblane, Scotland, Faith and Order Paper n° 152, Genebra, CMI, pp. 54-58.

III. Fontes adicionais

Baptism, Eucharist and Ministry, Faith and Order Paper n° 111, Genebra, CMI, 1992. (A tradução para o português foi publicada em 1983, no Rio de Janeiro, por Conic/Cedi, com o título *Batismo, Eucaristia. e Ministério*).

Thomas F. Best (ed.), *Living Today Towards Visible Unity: The Fifth International Consultation of United and Uniting Churches* (Potsdam, 1987), Faith and Order Paper n° 142, Genebra, CMI, 1988, Relatório, pp. 3-20. Texto alemão: Thomas F. Best, hrsg., *Gemeinsam auf dem Weg zur sichtbaren Einheit*, Berlim (Occidental), Kirchenkanzlei der Evangelischen Kirche der Union, 1988.

Christ - The Hope of the World (Documentos sobre o tema principal da Segunda Assembléia do CMI em Evanston, 1954), Genebra, CMI, 1954.

“Constitution and Rules of the WCC”, em *Gathered for Life*, pp. 324-347.

David Gill (ed.), *Gathered for Life*, Genebra e Grand Rapids, CMI e Wm. B. Eerdmans, 1983.

F. L. Hosmer, “Thy Kingdom Come”, em *Hymns Ancient and Modern*, New Standard Edition, Hymns Ancient and Modern Ltd., Noruega 1983, n° 178.

Inter Insigniores: Declaration on the Question of the Admission of Women to the Ministerial Priesthood, Roma, Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, 27 de janeiro de 1977.

Nairobi to Vancouver. 1975-1983, Report of the Central Committee to the Sixth Assembly of the World Council of Churches, Genebra, CMI, 1983. “The Place of the Woman in the Orthodox Church and the question of the Ordination of Women” (Relatório da Consulta Teológica Inter-Ortodoxa do Patriarcado Ecumênico em Rodes, Grécia, de 30 de outubro a 7 de novembro de 1988), Istambul, Patriarcado Ecumênico, 1988.

“Report of the Core Group on Unit I”, CMI, Montreux, Suíça, janeiro de 1984 (ver também: “Working Paper to the Core Group of the Programme Unit on Faith and Witness”).

Your Kingdom Come: Mission Perspectives. Report on the World Conference on Mission and Evangelism, 1980, Genebra, CMI, 1980.

Sobre o programa de estudo da Comunidade de Mulheres e Homens na Igreja (1977-1981) consultar o seguinte:

“The Authority of Scripture” (Relatório da consulta sobre “Autoridade das Escrituras à luz das novas experiências das Mulheres”, Amsterdam, 1980), em Janet Crawford e Michael Kinnamon, *In God's Image: Reflections on Identity, Human Wholeness and the Authority of Scripture*, Genebra, CMI, 1983, pp. 79-108.

Janet Crawford, “Identity”, em Janet Crawford e Michael Kinnamon, *In God's Image: Reflections on Identity, Human Wholeness and the Authority of Scripture*, Genebra, CMI, 1983, pp. 1-46.

Constance F. Parvey (ed.), *The Community of Women and Men in the Church: The Sheffield Report*, Genebra, CMI, 1981.

- Alemão: Constance F. Parvey, hrsg., *Die Gemeinschaft von Frauen und Männern in der Kirche*, traduzido por Elisabeth Raiser e Verena Coenen, Neukirchener-Vluyn, Neukirchener Verlag, 1985.

- Italiano: Constance F. Parvey (ed.), *La Comunità delle Donne e degli Uomini nella Chiesa*, traduzido por Mirella Corsani, Torino, Editrice Elle di Ci, Editrice Claudiana, 1984.

Constance F. Parvey (ed.) *Ordination of Women in Ecumenical Perspective: Workbook of the Church's Future* (baseado na consulta de Klingenthal, 1979) Faith and Order Paper n° 105; Genebra, CMI, 1980.

Study on the Community of Women and Men in the Church: A Study Guide, Genebra, CMI, Faith and Order/Sub-Unit on Women, 1978 (publicado em diversos países e línguas; também surgiram relatórios de diversas consultas regionais que usaram o *Study Guide*).

Betty Thompson, *A Chance to Change: Women and Men in the Church*, Risk Books, Genebra, CMI, 1982.

“Wholeness” (Relatório da Consulta “Towards a Theology of Human Wholeness”, em Niederaltaich, 1980), em Janet Crawford e Michael Kinnamon, *In God's Image: Reflections on Identity, Human Wholeness and the Authority of Scripture*, Genebra, CMI, 1983, pp. 47-78.

Sobre a Década das Igrejas em Solidariedade com as Mulheres (1988-1998) consultar o seguinte:

Decade Link, Subunidade sobre Mulheres na Igreja e na Sociedade, Genebra, CMI, publicada ocasionalmente.

“Ecumenical Decade: The Churches in Solidarity with Women, 1988-1998”, Genebra, CMI, 1988.

Anna Karin Hammar e Anne-Marie Käppeli (eds.), “Prayers & Poems, Songs & Stories”, número especial de *Women in a Changing World*, 25, janeiro de 1988.

IV. Créditos do material ilustrativo

Página 14, “Final Document of the European Ecumenical Assembly, Peace with Justice/Peace with Justice for the Whole Creation” (Basileia, 1989), parágrafo 45 em *Peace with Justice*, Genebra, Conferência de Igrejas Européias, 1989, pp. 47 e 48.

Página 22, Bispo T. S. A. Annobil (anglicano) de Gana, falando de experiências relacionadas com o texto de Fé e Ordem, Batismo, Eucaristia e Ministério.

Página 30, “Final Document: Entering into Covenant Solidarity for Justice, Peace and the Integrity of Creation”, Convocação Mundial (Seul, março de 1990), Afirmação I.

Página 36, *A Confissão da Fé Apostólica* (texto do programa de estudo da Fé Apostólica), parágrafo 237.

Página 38, Cardeal Roger Etchegaray, “Peace with Justice for the Whole Creation: Christian Responsibility in a Time of Crisis”, em *Peace with Justice*, Genebra, Conferência de Igrejas Européias, 1989, p. 208.

Página 48, John Zizioulas, “The Local Church in a Eucharistic Perspective - An Orthodox Contribution”, em *In Each Place: Towards a Fellowship of Local Churches Truly United*, Genebra, CMI, 1977, p. 56:

Página 62, João Crisóstomo sobre Mateus: Homilia 50.4.

Página 63, Santo Agostinho, “Sermão sobre a vida cristã”.

Página 86, Flora Winfield descrevendo o Grupo de Liturgia das Mulheres Ortodoxas.

Página 87, *Batismo, Eucaristia e Ministério*, parágrafo 54.

Página 92, Declaração de uma mulher salvadorena no dia das mães de 1983 em Hans-Georg Link (ed.), *Confessing Our Faith Around the World III: The Caribbean and Central America*, Faith and Order Paper n° 123, Genebra, CMI, 1984, p. 21. Texto de “Latinamerica Press”, 14 de julho de 1983.

Página 95, Juliana de Norwich. *Revelações do Amor Divino*, capítulo 60.

Página 99, *Epístola a Diogneto*, 10.2.

Página 108, *Faith and Order: The Report of the Third World Conference at Lund, Sweden: August 15-28, 1952*, Faith and Order Paper n° 15, Londres, SCM

Press, 1952, pp. 5 e 6 (Capítulo I, “A Word to the Churches”, parágrafos 2 e 3).

V. Identificação e créditos das fotografias

Página 26, Culto Metodista perto de Gweru, Zimbábwe.

Página 43, Capela da Comunidade de Taizé, França.

Página 46, Demonstração pública em Madri do grupo “Cristãos pela Paz”.

Página 81, Confirmação pela Pastora Una Jarn na Igreja de Kildevaeld, Copenhagen, Dinamarca, em 1985. O quadro ao fundo evoca o encontro de Jesus com a mulher samaritana junto ao poço (Jo 4.7-26).

Página 96, Culto numa capela presbiteriana em Chimaltenanco, Guatemala, 1986.

Página 100, Ofício religioso de Ação de Graças (“Moleben”) no centro monástico ortodoxo russo de Zagorsk, em 18 de julho de 1989.

Página 109, O Pão e o Vinho da Comunhão.

APÊNDICE II

Consultas e reuniões do Grupo de Trabalho do Estudo sobre Unidade e Renovação

1. "The Church as Mystery and Prophetic Sign", Chantilly, França, janeiro de 1985.
2. "Unity and Renewal and the Community of Women and Men", Praga, Tchecoslováquia, setembro de 1985.
3. "The Ecclesiological Significance of the Churches' Involvement in Issues of Justice", Cingapura, novembro de 1986.
4. "The Ecclesiological Significance of the Churches' Involvement in Issues of Justice", Porto Alegre, Brasil, novembro de 1987.
5. "Unity and Renewal/Black Churches in the United States of America Consultation", Harlem, EUA, agosto de 1988.
6. "Unity and Renewal and Issues of Justice: Insights and Reflections", Boston, EUA, setembro de 1988. (Encontro do Grupo de Trabalho para redação).
7. "The Ecclesiological Significance of the Community of Women and Men", Porto Novo, Benin, setembro de 1988.
8. "Unity and Renewal and Issues of the Community of Women and Men: Insights and Reflections", Cambridge, Reino Unido, janeiro de 1989. (Encontro para rascunho, e revisão dos resultados iniciais de grupos locais, com membros do Grupo de Trabalho e outros).
9. "Unity and Renewal: Towards a Draft Report", Leuenberg, Suíça, março de 1989!. (Reunião de redação do Grupo de Trabalho e assessores).
10. "Unity and Renewal: Towards a Final Text", Mandeville, Jamaica, janeiro de 1990. (Reunião de redação do Grupo de Trabalho e assessores).
11. Além destes, muito trabalho importante foi realizado em reuniões do Grupo de Trabalho de Unidade e Renovação em conexão com encontros da Comissão Permanente de Fé e Ordem (Creta, março de 1984; Potsdam, Alemanha Oriental, julho de 1986; Madri, Espanha, agosto de 1987; Boston, EUA, setembro de 1988) e da Comissão Plenária (Stavanger, Noruega, agosto de 1985; Budapest, agosto de 1989).

12. A revisão final pelo Grupo de Trabalho, e a aprovação do texto *Igreja e Mundo: Unidade da Igreja e Renovação da Comunidade Humana* para publicação, distribuição e estudo pelas igrejas, se deu na reunião da Comissão Permanente de Fé e Ordem em Dunblane, Escócia, agosto de 1990.

APÊNDICE III

Pessoas envolvidas no processo do estudo sobre Unidade e Renovação

I. Grupo de trabalho

Rev. dr. Paul A. Crow, jr., Moderador (Igreja Cristã - Discípulos de Cristo, EUA), todas as consultas com exceção das de Harlem e Porto Novo

Revmo. John Austin Baker (Igreja da Inglaterra - Anglicana, Inglaterra), membro do grupo desde 1986, consulta em Chantilly

Protopresbítero Vitaly Borovoy (Igreja Ortodoxa Russa, União Soviética), consultas em Harlem e Leuenberg

Revmo. Manas Buthelezi (Igreja Evangélica Luterana no Sul da África, África do Sul); consultas em Harlem e Leuenberg

Rev. Janet Crawford (Igreja da Província de Nova Zelândia - Anglicana, Aotearoa, Nova Zelândia), consultas em Praga, Harlem, Leuenberg, Mandeville e Dunblane

Rev. Martin H. Cressy (Igreja Reformada Unida no Reino Unido, Inglaterra), todas as consultas com exceção das de Cingapura, Porto Alegre, Harlem e Benin .

Arcebispo Aram Keshishian (Igreja Apostólica Armênia, Líbano) consulta em Dunblane

Prof. Jan M. Lochman (Federação das Igrejas Protestantes, da Suíça, Suíça), consultas em Chantilly, Leuenberg e Dunblane

Rev. Augustina Lumentut (Igreja Cristã em Sulawesi Central, Indonésia), consulta em Leuenberg

Dra. Mercy Amba Oduyoye (Igreja Metodista, Nigéria, Ghana), membro do grupo até 1988, consulta em Porto Novo

Rev. Aracely E. de Rochietti (Igreja Metodista Evangélica no Uruguai, Uruguai), consultas em Porto Alegre, Cambridge, Mandeville e Dunblane

Revmo. Barry Rogerson (Igreja da Inglaterra - Anglicana, Inglaterra), consultas em Cambridge, Leuenberg, Mandeville e Dunblane

Revmo. Paul Werner Scheele (Igreja Católica Romana, Alemanha), consultas em Chantilly e Dunblane

Prof. Gayraud Wilmore (Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, EUA), consulta em Harlem

II. Pessoas envolvidas na redação final do documento

Rev. S. T. Ola Akande (Convenção Batista da Nigéria, Nigéria), consulta em Leuenberg

Revmo. prof. Emmanuel Clapsis (Arquidiocese Grega Ortodoxa da América do Norte e do Sul, Patriarcado Ecumênico, EUA), consultas em Leuenberg e Mandeville

Rev. dr. Lothar Coenen (Igreja Evangélica na Alemanha - Unida, Alemanha), consulta em Dunblane

Rev. dr. Ioan Dura (Igreja Ortodoxa Rumena, Romênia e Bélgica), consultas em Porto Novo, Cambridge e Leuenberg

Rev. dra. Beverly Gaventa (Igreja Cristã - Discípulos de Cristo, EUA), consulta em Leuenberg

Rev. William Henn, OFM Cap (Igreja Católica Romana, Itália e EUA), consultas em Leuenberg e Mandeville

Rev. dr. Thomas Hoyt (Igreja Cristã Metodista Episcopal, EUA), consultas em Porto Alegre, Harlem e Leuenberg

Rev. prof. Hervé Legrand, OP (Igreja Católica Romana, França), consultas em Chantilly, Porto Novo, Cambridge e Leuenberg

Rev. dr. Horace O. Russell (União Batista da Jamaica, Jamaica), consultas em Harlem e Mandeville

III. Oficiais da Comissão de Fé e Ordem envolvidos com este estudo

Rev. dr. Thomas F. Best (Igreja Cristã - Discípulos de Cristo, EUA e Suíça), responsável pelo estudo, todas as consultas

Sra. Eileen Chapman (Igreja em União na Austrália, Austrália e Suíça), assistente administrativa do estudo, todas as consultas com exceção da de Porto Novo

Rev. dr. Günther Gassmann (Igreja Evangélica na Alemanha - Luterano, Alemanha e Suíça), diretor de Fé e Ordem, todas as consultas com exceção das de Praga, Porto Alegre, Benin e Cambridge

Rev. dra. Irrngard Kindt-Siegwalt (Igreja Evangélica na Alemanha - Luterana, Alemanha e França), consultas em Benin, Harlem e Cambridge

Ven. Rev. prof. dr. Gennadios Limouris (Patriarcado Ecumênico, Grécia e Suíça), consultas em Chantilly e Praga

Sra. Renate Sbeghen (Federação das Igrejas Protestantes Suíças, Genebra, Alemanha e Suíça, intérprete, consulta de Praga

IV. Outros participantes neste estudo

Diaconisa Bela Ademola (Igreja Metodista, Nigéria, Nigéria), consulta em Porto Novo

Rev. Ricardo Antoncich SJ (Igreja Católica Romana, Peru), consulta em Porto Alegre

Rev. dr. Kamol Arayaprteep (Igreja de Cristo na Tailândia, Tailândia), consulta em Cingapura

Sra. Jocelyn Armstrong (Igreja da Província da Nova Zelândia-Anglicana, Aotearoa, Nova Zelândia), consulta em Porto Novo

Irmã Agapie Assaad (Igreja Ortodoxa Copta, Egito), consulta em Porto Novo

Rev. Viken Aykazian (Igreja Apostólica Armênia, Suíça), consulta em Porto Alegre

Rev. dr. Randall Bailey (Convenção Batista Nacional Progressista, EUA), consulta em Harlem

Bispa Richard O. Bass (Igreja Cristã Metodista Episcopal, EUA), consulta em Harlem

Rev. dr. Alfred Baylga (Igreja Presbiteriana em Camarões, Camarões), consulta em Cingapura

Frei René Beaupère (Igreja Católica Romana, França), consulta em Praga

Dr. George Bebawi (Igreja Ortodoxa Copta, Grã-Bretanha), consulta em Chantilly

Rev. Oneide Bobsin (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Brasil), consulta em Porto Alegre

Rev. Godofredo G. Boll (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Brasil), consulta em Porto Alegre

Rev. prof. Edouard Bone (Igreja Católica Romana, Bélgica), consulta em Chantilly

Rev. dr. Sven-Erik Brodd (Igreja da Suécia - Luterana, Suécia), consulta em Porto Alegre

Rev. Calvin Butts (Igrejas Batistas Americanas nos Estados Unidos, EUA), consulta em Harlem

Irmã Beatriz Sierra Cadavid (Igreja Católica Romana, Colômbia), consulta em Porto Alegre

Rev. dr. Alkiviadis Cativas (Arquidiocese Grega Ortodoxa da América do Norte e do Sul, EUA), consulta em Chantilly

Rev. Neville Callam (União Batista da Jamaica, Jamaica), consulta em Harlem

Rev. Joan Campbell (Igreja Cristã - Discípulos de Cristo, EUA), consulta em Harlem

Padre Martin Carter (Igreja Católica Romana, EUA), consulta em Harlem

Irmã Joan Chatfield, MM, PhD (Igreja Católica Romana, EUA), consulta em Cingapura

Sr. Vincent Cheng (Igreja Católica Romana, Cingapura), consulta em Cingapura

Rev. prof. Nikolai Chivarov (Igreja Ortodoxa Búlgara, Bulgária), consulta em Chantilly

Rev. dra. Nancy Cocks (Igreja Presbiteriana no Canadá, Canadá), consultas em Chantilly e Porto Alegre

Rev. dr. James H. Cone (Igreja Metodista Episcopal Africana, EUA), consulta em Harlem

Irmã Cristelle (Comunidade de Diaconisas, França), consulta em Chantilly

Prof. Rosny Desroches (Igreja Metodista no Caribe e Américas, Haiti), consultas em Praga e Porto Novo

Sra. Mirana Diambaye (Igreja Protestante do Cristo-Rei, República da África Central), consulta em Chantilly

Rev. prof. dr. Heinrich Döring (Igreja Católica Romana, Alemanha), consulta em Cingapura

Revmo. dr. George Dragas (Arquidiocese de Thyateira e Grã-Bretanha, Igreja Ortodoxa, Patriarcado Ecumênico, Inglaterra), consulta em Praga

Prof. André Dumas (Igreja Reformada da França, França), consulta em Chantilly

Revmo. prof. Noah K. Dzobo (Igreja Presbiteriana Evangélica de Ghana, Ghana), consulta em Porto Novo

Dr. Simon Espinosa (Igreja Católica Romana, Equador), consulta em Porto Alegre

Irmã Evangeline (Comunidade de Diaconisas, França), consulta em Chantilly

Sra. Anezka Ebertova (Igreja Hussita da Tchecoslováquia, Tchecoslováquia), consulta em Praga

Sra. Lloyda Fanusie (Igreja Metodista de Sierra Leone, Sierra Leone), consulta em Porto Novo

Sra. Martuerite Fassinou (Igreja Protestante Metodista em Benin e Togo, Benin), consulta em Porto Novo

Sra. Mabel Lidia Sardon de Filippini (Igreja Metodista Evangélica da Argentina, Argentina), consultas em Praga e Porto Alegre

Rev. Brenda H. Fullalove (Igreja da Inglaterra - Anglicana, Inglaterra), consulta em Cambridge

Rev. dr. Padmasani J. Gallup (Igreja do Sul da Índia, Índia), consultas em Chantilly, Praga, Cingapura e Harlem

Rev. dr. K. M. George (Igreja Síria Ortodoxa de Malankara, Índia), consulta em Cingapura

Rev. prof. dr. Milan Gerka (Igreja Ortodoxa da Tchecoslováquia), consulta em Praga

- Sra. Seni Haapimaa (Igreja Ortodoxa da Finlândia, Finlândia), consulta em Porto Novo
- Irmã Pascal Hardiment, OSB (Igreja Católica Romana, Inglaterra), consulta em Cambridge
- Rev. Inge Heiling (Igreja Evangélica Luterana de Mecklenburg, Alemanha), consulta em Praga
- Prof. dra. Susanne Heine (Igreja Evangélica das Confissões de Augsburg e Helvética, Áustria), consulta em Porto Novo
- Dr. Patrick Gillespie Henry (Igreja de Cristo - Discípulos de Cristo, EUA), consulta em Cingapura
- Rev. Helga Hiller (Igreja Evangélica em Württemberg, Alemanha), consulta em Praga
- Rev. Cônego John Hind (Igreja da Inglaterra - Anglicana, Inglaterra), consulta em Chantilly
- Prof. dr. L. A. Hoedmaker (Igreja Reformada da Holanda, Holanda), consulta em Chantilly
- Rev. Arzemiro Hoffmann (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Brasil), consulta em Porto Alegre
- Rev. Bernard Holliday (Convenção Batista Nacional Progressista, EUA), consulta em Harlem
- Rev. dr. Robert Hood (Igreja Episcopal, EUA), consulta em Harlem
- Padre dr. Thomas Hopko (Igreja Ortodoxa na América, EUA), consulta em Harlem
- Prof. D. Sutan Hutagalung (Igreja Cristã Protestante na Indonésia, Indonésia), consulta em Cingapura
- Sra. Yoshiko Isshiki (Igreja Unida de Cristo no Japão, Japão), consulta em Praga
- Rev. dr. Donald Jacobs (Igreja Metodista Episcopal Africana, EUA), consulta em Harlem
- Rev. dr. M. J. Joseph (Igreja Mar Thoma Síria de Malabar, Índia), consulta em Cingapura
- Rev. Arina Van de Kerk (Igreja Reformada da França, França), consulta em Porto Novo
- Sra. Aileen Khoo (Igreja Metodista em Malásia, Malásia), consulta em Cingapura
- Rev. Lorna Khoo (Igreja Metodista em Cingapura, Cingapura), consulta em Cingapura
- Rev. Warren Kinne (Igreja Católica Romana, Austrália), consulta em Cingapura
- Dra. Dimitra Koukoura (Igreja da Grécia, Grécia), consulta em Praga
- Padre dr. Mikolaj Kozlowski (Igreja Ortodoxa Autocéfala na Polónia, Polónia), consulta em Porto Alegre

- Sra. Ana Langerak (Diocese Luterana de Costa Rica e Panamá, Costa Rica), consulta em Praga
- Rev. Seth O. Lartey (Igreja Metodista Episcopal Africana de Sião, EUA), consulta em Harlern
- Sr. Peter K. H. Lee (Igreja da Inglaterra - Anglicana, Diocese de Malásia Ocidental, Malásia), consulta em Cingapura;
- Profa. dra. Sung-Hee Lee-Link (Igreja Presbiteriana da Coréia, Coréia), consultas em Cingapura e Harlem
- Rev. Coralie Ling (Igreja em União na Austrália, Austrália), consulta em Cambridge.
- Rev. C. A. McIlhagga (Igreja Reformada no Reino Unido, Inglaterra), consulta em Cambridge
- Rev. dr. Harald Malschitzky (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, Brasil), consulta em Porto Alegre
- Rev. João Evangelista Martins Terra, SJ (Igreja Católica Romana, Brasil), consulta em Porto Alegre
- Rev. dra. Melanie May (Igreja dos Irmãos, EUA), consulta em Porto Novo
- Cônego Martin H. K. Mbwana (Igreja da Província da Tanzânia - Anglicana, Tanzânia), consulta em Cingapura
- Monsenhor Basil Meeking (Igreja Católica Romana, Aotearoa, Nova Zelândia), consulta em Chantilly
- Padre Stelio Menis (Arquidiocese Grega Ortodoxa da Austrália, Austrália), consulta em Cingapura
- Rev. dr. Nestor Miguez (Igreja Metodista Evangélica da Argentina, Argentina), consulta em Porto Alegre
- Revmo. Pasinya Monsengwo (Igreja Católica Romana; Zaire), consulta em Porto Novo
- Prof. dr. Andor Muntag (Igreja Luterana na Hungria, Hungria), consulta em Chantilly
- Frei Félix Neefjes, OFM (Igreja Católica Romana, Brasil), consulta em Porto Alegre
- Rev. prof. dr. Heribert Niederschlag, SAC (Igreja Católica Romana, Alemanha), consulta em Porto Alegre
- Prof. Nikos Nissiotis (Igreja da Grécia, Grécia), consulta em Chantilly
- Rev. profa. dra. Elizabeth Nordbeck (Igreja Unida de Cristo, EUA), consulta em Porto Alegre
- Prof. dr. Jaroslav N. Ondra (Igreja Evangélica dos Irmãos, Tchecos, Tchecoslováquia), consulta em Praga
- Rev. Jana Opocenska (Igreja Evangélica dos Irmãos Tchecos, Tchecoslováquia), consulta em Praga
- Rev. dr. Milan Opocensky (Igreja Evangélica dos Irmãos Tchecos, Tchecoslováquia), consultas em Chantilly e Praga

- Rev. Washington Padilla (Igreja-Evangélica Luterana, Equador), consulta em Porto Alegre
- Rev. dr. Jorge Pantelis (Igreja Evangélica Metodista na Bolívia, Bolívia), consultas em Chantilly, Porto Alegre e Harlem
- Rev. dr. Peter Paris (Batista, EUA), consulta em Harlem
- Rev. Park San Jung (Igreja de Cristo - Discípulos de Cristo, Coréia), consulta em Cingapura
- Rev. Park Sun Ai (Igreja de Cristo - Discípulos de Cristo, Coréia), consulta em Cingapura
- Rev. Sandra Winter Park (Igreja Presbiteriana, EUA), consulta em Praga
- Rev. dra. Constante F., Parvey (Igreja Evangélica Luterana na América, EUA), consulta em Praga
- Rev. dr. Janos D. Paztor (Igreja Reformada na Hungria, Hungria), consulta em Porto Alegre
- Rev. William T. Perkins (Convenção Batista do Sul, EUA), consulta em Harlem
- Rev. dr. Rienzie Perera (Igreja dá Província de SÉ Lanka-Anglicana, Sri Lanka), consulta em Cingapura
- Rev. Staccato Powell (Igreja Metodista Episcopal Africana de Sião, EUA), consulta em Harlem
- Revmo. Luiz Osório Prado (Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, Brasil), consulta em Porto Alegre
- Sra. Vasoia F. Ravalomanana (Igreja de Jesus Cristo em Madagascar, Madagascar), consulta em Porto Novo
- Sra. Arlette Roy-Bremond (Igreja Reformada da França, França), consulta em Praga
- Rev. dr. Ioan Sauca (Igreja Ortodoxa Rumena, Romênia), consulta em Porto Novo
- Profa. dra. Elisabeth Schüssler-Fiorenza (Igreja Católica Romana, Alemanha e EUA), consulta em Praga
- Rev. Samuel N. Slie (Igreja Unida de Cristo, EUA), consulta em Harlem
- Rev. Lynne Small (Igrejas Batistas Americanas nos Estados Unidos, EUA), consulta em Harlem
- Prof. dr. Josef Smolik (Igreja Evangélica dos Irmãos Tchecos, Tchecoslováquia), consulta em Praga
- Rev. Fabio Joaquim David Suze (Igreja Congregacional Unida da África Meridional, Moçambique e Zimbábue), consulta em Porto Novo
- Arcipreste prof. dr. Jaroslav Suvarsky (Igreja Ortodoxa da Tchecoslováquia, Tchecoslováquia), consulta em Praga
- Sra. Veronica Swai (Igreja Evangélica Luterana na Tanzânia, Tanzânia), consulta em Porto Novo

Rev. dr. William Tabbernee (Igreja de Cristo na Austrália, Austrália e EUA), consulta em Cingapura

Prof. Bio Tanne (Igreja Católica Romana, Costa do Marfim), consulta em Praga

Dra. Mary Tanner (Igreja da Inglaterra-Anglicana, Inglaterra), consulta em Praga

Sra. Constance Tarasar (Igreja Ortodoxa na Armênia, EUA), consultas em Porto Alegre e Cambridge

Rev. Arnold Christopher Temple (Igreja Metodista em Sierra Leone, Sierra Leone e Zâmbia), consulta em Porto Novo

Padre Joachim Tsopanoglou (Arquidiocese Grega Ortodoxa da França, França), consulta em Porto Novo

M. Andreas Tyllirides (Patriarcado Grego Ortodoxo de Alexandria, Quênia), consulta em Porto Novo

Sra. Pirjo Työrinoja (Igreja Evangélica Luterana da Finlândia, Finlândia), consulta em Chantilly

Rev. dr. Keith Watkins (Igreja Cristã - Discípulos de Cristo, EUA), consulta em Chantilly

Rev. Felix Wilfred (Igreja Católica Romana, Índia), consulta em Cingapura

Rev. dr. Preston N. Williams (Igreja Presbiteriana, EUA), consulta em Harlem

Prof. Yemba Kekumba (Igreja de Cristo em Zaire - Comunidade Metodista Zaire), consulta em Harlem

Rev. dr. Yeow Choo-Lak (Igreja Presbiteriana em Cingapura), consulta. Em Cingapura

Sra. Rose Zoe-Obianga (Igreja Presbiteriana em Camarões, Camarões), consulta em Praga

V. Outros oficiais do Conselho Mundial de Igrejas e convidados especiais

Sr. Gilbert Beaume (Igreja Reformada na França, França), intérprete, consulta em Porto Novo

Sr. Heinz Mirchmeier (Federação das Igrejas Protestantes da Suíça, Genebra, Suíça), intérprete, consulta em Porto Novo

Sra. Ursula Gassmann (Igreja Evangélica na Alemanha - Luterana, Alemanha e Suíça), intérprete, consulta em Praga

Sra. Mary Goh (Cingapura), assistente administrativa, Associação de Educação Teológica no Sudoeste da Ásia, consulta em Cingapura

Frei Jeffrey Gros (Igreja Católica Romana, EUA), diretor da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs nos Estados Unidos, consulta em Harlem

Sra. Barbara Henniges (Igrejas Batistas Americanas nos Estados Unidos, Igreja Unida de Cristo; EUA), assistente administrativa, Comissão de Fé e Ordem do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs nos Estados Unidos, consulta em Harlem

Sr. Yorgo Lemopoulos (Patriarcado Ecumênico, Turquia e Suíça), oficial executivo da Comissão de Missão Mundial e Evangelização do CMI, consulta em Porto Alegre

Rev. Levi V. Oracion (Igreja Unida de Cristo nas Filipinas, Filipinas), oficial executivo da Comissão de Participação das Igrejas no Desenvolvimento do CMI, consulta em Cingapura

Sr. Keith Sampson (Igreja Morávia na Jamaica, EUA e Jamaica), estagiário, Comissão de Fé e Ordem do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs nos Estados Unidos, consulta em Harlem

Sr. Sigurd Gernot Schnike (Brasil), intérprete, consulta em Porto Alegre

Sr. Luis Marcos Sander (Brasil), intérprete, consulta em Porto Alegre

Sra. Lorine Tevi (Igreja Metodista em Fiji, Fiji), oficial executiva, programa de Unidade e Renovação do CMI, consulta em Porto Alegre

Sra. Ursula Zierl (Igreja Evangélica na Alemanha - Luterana, Alemanha e Suíça), assistente administrativa, Secretariado Geral do CMI, consulta em Porto Novo

APÊNDICE IV

Panorama do Processo de Estudo

UNIDADE DA IGREJA E RENOVAÇÃO DA COMUNIDADE HUMANA

Processo de Estudo

